

Guarulhos

Novos olhares sobre a história
e a memória da cidade



Peterson Mendes Paulino
Vanessa Freitas Vicente
Larissa Lucindo Fernandes
(Organizadores)

Apoio Cultural:

Realização:



Funcultura
Fundação Municipal de Cultura de Guarulhos



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Guarulhos

Novos olhares sobre a história e a
memória da cidade

Peterson Mendes Paulino

Vanessa Freitas Vicente

Larissa Lucindo Fernandes

(Organizadores)

Copyright © 2026 pelos organizadores e autores.

Esta edição pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico -, desde que devidamente mencionada, incluindo o autor e os organizadores, detentores dos direitos autorais.

Título: Guarulhos: Novos olhares sobre a história e a memória da cidade

Organizadores

Peterson Mendes Paulino

Vanessa Freitas Vicente

Larissa Lucindo Fernandes

Edição

Renato Queiroz Alves

Capa

Peterson Mendes Paulino

Diagramação

Rodolfo Santana

Revisão

Peterson Mendes Paulino e Renato Queiroz Alves

ISBN

978-65-01-95718-0

Selo Silvio Rodriguez

Guarulhos, SP

Instagram: @ccsaragomez

2026

Sumário

Apresentação	6
---------------------------	----------

Peterson Mendes Paulino

Vanessa Freitas Vicente

Larissa Lucindo Fernandes

CAPÍTULO I

<i>“Domingos do Rozario tanto trabalhou em fundar esta casa da May de Deos sem ajuda de outras pessoa”: Os conflitos que marcaram os primeiros anos de atuação da Irmandade de N.S. do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos (1757-1766).....</i>	9
---	----------

Alvaro Moreira Lima

CAPÍTULO II

Aldeamento, indígenas, negros e ouro: olhares sobre Guarulhos no período colonial.....	31
---	-----------

Tiago Cavalcante Guerra

CAPÍTULO III

Patrimônio Geomorfológico de Guarulhos: uma primeira aproximação.....	40
--	-----------

Breno Schmidke Rodrigues

CAPÍTULO IV

<i>“E toda cidade é d'Oxum”: levantamento e mapeamento das comunidades tradicionais de terreiro através da coluna Voz de Obatalá na Folha Metropolitana (1979-1980).</i>	59
---	-----------

Laura Finesso Chalegre

CAPÍTULO V

**Ação Integralista Brasileira entra em cena:
Considerações preliminares sobre os camisas-verdes em
Guarulhos..... 75**

Júlio Bueno Rosa

CAPÍTULO VI

Uma Proposta de Análise Crítica do método historiográfico em Guarulhos..... 104

Moacir Ferreira Filho

CAPÍTULO VII

Os caminhos da modernização: rodoviarismo e mobilidade precária em Guarulhos..... 110

Gabriel de Oliveira Monteiro

CAPÍTULO VIII

QUEM FALA DE NÓS? As condições históricas que possibilitam a existência de um cinema de quebrada em Guarulhos..... 129

Renato Queiroz Alves

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES..... 149

Apresentação

Peterson Mendes Paulino

Vanessa Freitas Vicente

Larissa Lucindo Fernandes

É com muita alegria que a Associação dos Amigos do Patrimônio e Arquivo Histórico (AAPAH) apresenta o ebook Guarulhos: Novos olhares sobre a história e a memória da cidade, fruto do seminário de mesmo nome realizado no dia 29 de novembro de 2025, no Centro Universitário Faveni. O evento foi apoiado pelo Edital 007/2024 do Ponto de Cultura PNAB (Programa Nacional Aldir Blanc) — Ponto de Cultura AAPAH: Patrimônio, Memória e Cidadania.

A publicação deste ebook evidencia o compromisso que a associação e seus associados buscam firmar com os guarulhenses: a produção de conhecimento histórico, ampliando narrativas e evidenciando novas perspectivas acerca de temas já consolidados. Desse modo, visamos atualizar a produção sobre a memória do município, fomentando novos debates.

A historiografia de Guarulhos contou com marcos importantes. Desde o primeiro livro conhecido sobre o tema, escrito por João Ranali, Guarulhos: história e estatística (1944), até a obra Guarulhos, Cidade Símbolo 1560-1960 (1960), de Adolfo de Vasconcellos Noronha, tais registros trouxeram narrativas que privilegiavam uma “história oficial”, muitas vezes apoiada pelo mecenato local. Essa abordagem começou a mudar no decorrer da década de 1990, com obras como Revirando a História de Guarulhos (1992), de Elói Pietá, e Formação de Uma Metrópole: Guarulhos (1988), de Expedito Leandro, que passaram a incluir a trajetória dos moradores das periferias e dos movimentos sociais. A partir dos anos 2000, destaca-se o livro Identidade Urbana e Globalização: A formação de

múltiplos territórios em Guarulhos (2006), de Carlos José Ferreira dos Santos (Casé Angatu), obra fundamental sobre a construção socioespacial e a identidade urbana fragmentada do município.

Na esteira dessa produção, duas obras serviram de inspiração para que a AAPAH realizasse o seminário: Guarulhos tem História: Questões sobre História Natural, Social e Cultural (2008) e Signos e Significados em Guarulhos: Identidade, Urbanização e Exclusão (2014). Ambas ampliaram o escopo para temas até então pouco estudados, como a presença feminina, a industrialização e o patrimônio natural. Seguindo essa linha, este ebook busca expandir o conhecimento histórico local, trazendo novos olhares sobre temas tradicionais e abrindo frentes de pesquisa em campos quase inexplorados.

As pesquisas aqui reunidas foram produzidas por profissionais de diversas áreas e trajetórias acadêmicas. De historiadores a geógrafos, os autores trazem discussões relevantes, como a mobilidade urbana e os impactos do rodoviarismo; as tensões na Irmandade do Rosário; os patrimônios geomorfológicos; os terreiros de umbanda; o integralismo e as discussões sobre o “cinema de quebrada”. Cabe ressaltar que a maioria dos pesquisadores provém de instituições como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP), o que reafirma o papel da universidade pública na produção de conhecimento científico.

Além dos artigos, o seminário contou com duas palestras de especialistas. A primeira, intitulada “Múltiplas escalas de uma história: Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, entre o local e o imperial (séc. XVI e XVII)”, foi ministrada pelo professor José Carlos Vilaradaga (UNIFESP). A segunda, “Industrialização, migração e crescimento populacional na cidade de Guarulhos: relatos de pesquisa”, foi proferida pelo professor Roger Camacho Barrero Junior (UNIFESP). Ambos possuem vasta produção sobre o período

colonial e a industrialização municipal.

Esperamos que, com este ebook, novas perguntas e debates surjam para enriquecer a historiografia de Guarulhos. Convidamos todos a lerem estes trabalhos, que certamente contribuem para lançar novas luzes sobre a trajetória de nossa cidade.

CAPÍTULO I

“Domingos do Rozario tanto trabalhou em fundar esta caça da May de Deos sem ajuda de outras pessoa”: **Os conflitos que marcaram os primeiros anos de atuação da Irmandade de N.S. do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos (1757-1766)**

Alvaro Moreira Lima

As Irmandades Religiosas Negras

A princípio, as irmandades católicas constituíram-se historicamente como grupos de leigos devotos de um santo ou santa, que reúnem-se periodicamente nas dependências de uma igreja para realizar cerimônias em honra do(a) padroeiro(a) e também atividades de ajuda mútua entre si. Nesse sentido, estas agremiações, oriundas da Europa da Baixa Idade Média, surgem como irmandades espirituais e, em grande medida, fraternais (BOSCHI, 2025). Estas confrarias chegaram à América Portuguesa no século XVI e difundiram-se rapidamente nos séculos seguintes, configurando-se como um relevante espaço de sociabilidade para vários grupos sociais do período colonial, especialmente para africanos e afrodescendentes. As principais características das irmandades destinadas aos homens de cor na colônia foram: a devoção à N.S. do Rosário e aos santos pretos; os grandes festejos em honra do(a) padroeiro(a); o cuidado com os ritos fúnebres e toda gama de assistência material e espiritual prestada a seus filiados em momentos delicados da vida como o cárcere, a enfermidade e a morte. Haja vista que a irmandade aqui estudada foi consagrada à santa do Rosário, cabe apresentar brevemente esta

veneração, assim como a festa da padroeira.¹ 1 Em poucas palavras, o Rosário é um cordão que tem a finalidade de marcar a repetição de orações como Pai Nosso, Ave-Maria e Salve Rainha. Sua utilização se dá, fundamentalmente, em um contexto de veneração à santa do Rosário. Segundo Lucilene Reginaldo (2011), esta veneração se propagou entre os negros da região do Congo-Angola e da América Portuguesa em virtude da difusão realizada por missionários jesuítas e dominicanos e pela apropriação do Rosário ao rol de objetos sagrados da cultura bantu: A ereção de uma irmandade do Rosário, porta adentro de uma instituição jesuíta, sugere uma catequese que buscava vincular esta devoção aos escravos. A colaboração dos jesuítas parece ter sido fundamental para a propagação da devoção ao Rosário entre os escravos negros nos dois lados do Atlântico (p. 63). Nos séculos XVI e XVII, objetos religiosos cristãos eram “usados em todo Congo da mesma maneira que outros ‘nkisi-fetiches’, considerados fontes de poder espiritual” (REGINALDO, 2011: 68 - 69). Ademais, outras invocações muito populares entre os africanos e seus descendentes na América Portuguesa foram as dos santos pretos e mestiços como Santo Antônio de Catageró, Santa Efigênia e São Benedito. O que se relaciona, substancialmente, com a identificação de cor e condição social dos fiéis negros com estes oragos: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Elesbão, Santa Efigênia eram invocações dos negros não apenas pela afinidade epidérmica ou pela identificação de origem geográfica, mas também pela identidade com suas agruras. Os “santos dos brancos” - supunha-se - não saberiam compreender os dissabores e os sofrimentos dos negros (BOSCHI, 2025: 45). Nas irmandades negras, os festejos em honra à santa do Rosário, ocorriam anualmente, via de regra, no primeiro ou segundo Domingo do mês de Outubro. Estes se iniciavam com uma missa cantada, seguida por uma procissão em torno da Igreja, repleta de comida, batuque e marcada pela coroação

1 Para mais sobre as principais características das irmandades de homens de cor: (SCARANO, 1978) e (REGINALDO, 2011).

e celebração de um Rei e uma Rainha eleitos antecipadamente pelo grupo. Em poucas palavras, o dia da festa era a data mais importante do calendário das irmandades negras, no qual integrantes do corpo de autoridades que dirigia a confraria ostentavam suas posições e títulos em cortejos públicos (SCARANO, 1978).

Estes sujeitos, que juntos compunham a mesa diretora, eram eleitos anualmente em datas próximas ao dia da festa. Os cargos desta mesa variam de irmandade para irmandade, todavia, os principais foram os de procurador, escrivão, tesoureiro e juiz. Estes indivíduos - geralmente brancos e ricos, salvo algumas exceções - eram responsáveis por providenciar esmolas, mediar conflitos, cuidar do patrimônio do grupo e organizar as festas. Havia também outras posições como mordomo, Rei e Rainha, sacristão, enfermeiro e demais. Todas estas, comumente acessíveis aos negros cativos e livres². Feita esta discussão introdutória sobre as irmandades negras, cabe agora explorar o contexto social, geográfico e econômico no qual emergiu a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Freguesia de Guarulhos.

O Lugar da Irmandade do Rosário na Freguesia de Guarulhos

Em meados do século XVIII, a cidade de São Paulo se apresentava como uma pequena mancha urbana localizada no planalto da atual capital, se ramificando em regiões de freguesias e aldeamentos como Barueri, Itaquaquetuba, Pinheiros, São Miguel, Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos etc. Segundo Maria de Menezes Borrego (2007), este período foi caracterizado pelo crescimento

2 “Os cargos de tesoureiro e escrivão eram geralmente ocupados por homens brancos. A falta de domínio das letras, certa inserção social e posse de um patrimônio minimamente considerável impossibilitaram, durante muito tempo, o acesso dos irmãos de cor a estes cargos” (REGINALDO, 2011: 178).

comercial da região, que contava com fortes vínculos agrícolas e pecuários estabelecidos com o sul, Minas Gerais e o Centro-Oeste³.

Ao passo que São Paulo crescia economicamente entre os séculos XVII e XVIII, houve uma diminuição drástica do número de escravizados indígenas na circunscrição devido à ação predatória dos bandeirantes (MONTEIRO, 1994). Os nativos que compunham à época a maior parte da força de trabalho da cidade, foram aos poucos sendo sobrepujados pelos cativos negros no decorrer do setecentos. Esta alteração nos plantéis se relacionou com o contexto do já mencionado desenvolvimento comercial da capital, com a mineração em regiões vizinhas e o desenvolvimento do cultivo de café e açúcar pelo interior:

Mesmo se a maior parte dos escravos que passaram por São Paulo tiveram como destino o garimpo na Minas das Gerais, de Mato Grosso ou Goiás, a presença africana na vila - cidade a partir de 1711 - de São Paulo se firmou neste período (...) (MACHADO, 2004: 3).

Por outro lado, a curva ascendente a partir da década de 1760 indica não apenas o princípio do crescimento econômico paulista, mas também a decadência da mineração: os preços dos cativos de origem africana tornaram-se mais acessíveis, permitindo sua introdução mais consistente na capitania de São Paulo (BACELLAR, 2011: 150).

O padrão de posse dos escravizados em São Paulo era o da pequena propriedade, neste sentido, eram comuns as escravarias com menos de cinco cativos (KLEIN e LUNA, 2005). A maior parte destes escravizados atuava na lida da agricultura, na criação de gado e no comércio de rua. Entre os ambulantes, destacam-se as quituteiras, vendedores(as) de hortaliças e demais que ocupavam vias como a Rua Direita

3 “Neste contexto, a cidade de São Paulo constituía-se como um pólo comercial importante, servindo como centro de intensa atração populacional, de distribuição, revenda e consumo de variadas mercadorias. (...) centro de convergência de diversas rotas que ligavam a cidade às demais vilas paulistas, ao porto de Santos, a Curitiba, às áreas auríferas de Minas Gerais, Cuiabá e Goiás, e ao Rio de Janeiro” (BORREGO, 2007: 1 - 2).

e os arredores da Igreja de N. S. do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo com seus tabuleiros (MACHADO, 2004).

Nas ruas do Centro, escravos domésticos misturavam-se aos de ganho, alugados por seus senhores por hora ou dia. Ser escravo de ganho era um dos caminhos possíveis para a conquista da liberdade, na medida em que possibilitava a compra da alforria através da formação de um pecúlio próprio (ROLNIK, 1989: 3)

Estes escravos de ganho e demais pessoas negras encontravam-se geralmente em bicas e chafarizes para confraternizar, jogar capoeira e conversar. Esta circulação de negros livres e cativos pela capital engendrou uma territorialidade negra em São Paulo, na qual, os bairros da Liberdade e do Bixiga, assim como as igrejas de homens de cor, tornaram-se espaços sociabilidade deste segmento da população (ROLNIK, 1989). Neste contexto, Guarulhos, freguesia desde 1695, figurava como uma região afastada deste núcleo. Esta localidade se originou da exploração mineral na região da Serra da Cantareira iniciada no século XVI, assim como de um aldeamento indígena do mesmo período, o qual, recebia nativos recém-descidos do sertão, encaminhando-os para o trabalho em minas e plantações da área (VILARDAGA, 2016).

As principais áreas de extração de ouro em Guarulhos foram nas margens dos ribeirões das Lavras e Tomé Gonçalves e nas imediações dos córregos Tanque Grande e Guaraçau. A partir desses cursos de água, foram construídos aquedutos, dutos e galerias para facilitar o processo da procura de pedras de ouro pela peneiragem (VILARDAGA, 2016):

“Mais ao sul, a ocupação foi desencadeada sob o pretexto da exploração mineral. Geraldo Correa exploraria o ouro ao longo do rio Baquiruvu em região que, até hoje, guarda a toponímia das Lavras Velhas do Geraldo” (VILARDAGA, 2016: 45).

Tanto nas lavras quanto nas roças e nas grandes plantações de grãos da região, a mão de obra indígena foi predominante até meados do setecentos, período em que, seguindo o processo geral da capitania, as escravarias de indígenas passaram a dar lugar aos plantéis repletos de africanos e crioulos:

Em 1795, constam registros no Arquivo Público do Estado de 249 pessoas caracterizadas como escravos no perímetro das lavras de ouro de Guarulhos, assim distribuídas: 23 no bairro do Senhor do Bom Jesus, 86 no bairro da Capela; e 140 no bairro de Lavras (OLIVEIRA e FERREIRA, 2013: 29).

Havia na freguesia de Guarulhos em “1804, (...) 3.435 habitantes, sendo 705 escravos” (MELO, CANTARELLI, CAMPOS e AMARAL, 2022: 2). Ou seja, parte significativa dos moradores da freguesia no início do século XIX era constituída por escravizados, que, em grande medida, costumavam adotar as igrejas como espaço de sociabilidade, especialmente aquelas destinadas aos homens de cor. A título de exemplo, citam-se as igrejas do Bonsucesso, de São Benedito dos Homens Pretos - ambas localizadas nas imediações do bairro do Bonsucesso, na área sudeste do atual município de Guarulhos - e a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos (OLIVEIRA e FERREIRA, 2013).

A última foi fundada no centro da freguesia no ano de 1750. A irmandade homônima que a administrou foi instituída na primeira metade do século XVIII⁴ em São Miguel, região de aldeamento, localizada ao leste do planalto da cidade de São Paulo, nas proximidades do território do atual município de Guarulhos. Ambas as regiões, separa-

4 “Atentando-se à irmandade em Guarulhos, sua origem é controversa. Em nossa pesquisa reunimos algumas fontes que apontam para o início do século XVIII. Provavelmente seu surgimento se deu simultaneamente ao da igreja dos pretos de São Paulo e da Penha (...). Se usarmos como referência a construção da igreja de São Paulo, como explica Lincoln Secco (2006, p.1), observa-se que para construir a igreja a irmandade levou aproximadamente 26 anos e com muita dificuldade. Tendo em vista essas datas e documentos, provavelmente, o movimento de negros (as) para a construção da igreja em Guarulhos, deu-se no início dos anos 1700, semelhantemente à de São Paulo e, quiçá, da Penha”. (OMAR, 2014: n.p.).

das pelo Rio Tietê, têm uma história bastante imbricada em razão do constante trânsito de pessoas de um lado para o outro do rio:

A região hoje pertence ao município de Guarulhos, mas sua história é efetivamente muito mais vinculada a São Miguel que a Nossa Senhora da Conceição. (...) uma economia agrícola complementar ancorada na produção de trigo, milho e algodão (...). O território hoje ocupado pelo município de Guarulhos foi, juntamente com São Miguel, uma das fronteiras fundamentais dessa expansão (VILARDAGA, 2016: 45).

No entanto, como demonstram os registros de terras da década de 1850, as referências ao bairro e à extinta aldeia de São Miguel já estavam presentes, o que indica a antiguidade dessas denominações e o efetivo pertencimento do território ou parte deste à freguesia de Nossa Senhora da Conceição (MIRANDA, 2016: 72).

Na região de São Miguel, na primeira metade do século XVIII, foi construída uma ermida frequentada pelos pretos do Rosário. No final da década de 1730, foram trocadas algumas correspondências entre os fundadores da confraria e os representantes do Bispado do Rio de Janeiro, em que expõe-se um cenário de constantes conflitos entre os irmãos do Rosário e os padres franciscanos de São Miguel. Tais desavenças motivaram a solicitação dos irmãos de que sua sede fosse transferida para o centro da Freguesia de Guarulhos. Em uma dessas petições os pretos do Rosário dizem:

E correndo o tempo continuarão elles Irmãos as suas funcões na dita Capella, e em todas ellas, e mais actos que fazião erão perturbados, vexados, e oprimidos pellos Relligiozos dandosse (...) consumo as esmollas, e meçadas (...). Porem continuando os disturbios a mais exceço que os ditos Relligiozos fazião recorreu elle

Fundador a sua Excellencia Reverendissima que Deos haja o Snr. (or) Dom Frey Antonio de Guadalupe por petição para entregar a sua Capella e bens a jurisdição ordinaria, e licença para mudança da mesma para a freguezia da Senhora da Conceição donde são os suplicantes freguezes como consta da petição junta. (LIVRO DO TOMBO 2, [séc. XVIII], p. 9)⁵

Nesse excerto, revela-se em parte as motivações da contenda, visto que os irmãos relatam uma tentativa dos religiosos apropriarem-se dos rendimentos da igreja da irmandade. Sendo a resposta da confraria traduzida no empenho na mudança de sede para Guarulhos, espaço no qual, teoricamente, não sofreriam intervenções dos freis. Ainda no registro da mesma petição, reporta-se uma articulação dos religiosos no sentido de encarcerar o fundador e principal liderança da irmandade na época, Domingos do Rosário, descrito na fonte como homem preto forro⁶. Nesse sentido, cabe registrar a existência de uma trama de conflitos pela administração do templo de São Miguel e seus rendimentos.

Grosso modo, pode-se dizer que as autoridades eclesiásticas autorizaram a transferência para Guarulhos, onde o templo do Rosário foi erguido em frente à Matriz da Freguesia. Desde sua fundação, em 1750, a igreja recebeu sepultamentos e festejos em suas dependências. Segundo Elmi Omar, a igreja do Rosário substituiu

5 Não há uma datação categórica nesta correspondência, todavia, no decorrer do Livro do Tombo 2 há referências aos anos de 1737 e 1739, período narrado como próximo nas correspondências. Nesse sentido, compreende-se que esta provisão seja do final do decênio de 1730 ou do início do de 1740: “e do despacho consta dado em dezesseis de Setembro de Setecentos e trinta e nove, a licença da e de filação da Capella na dita freguezia e mudança da Irmandade, e declaração da resposta do Reverendo Doutor Procurador da Mitra” - LIVRO DO TOMBO 2, [séc. XVIII], Arquivo da Diocese de Guarulhos, p. 10.

6 “a qual sendo elle fundador prezo na cadea a Requerimento dos ditos Relligiozos da Aldea por hum Antonio da Rocha Sobrinho homem pouco lizo e (...) do bem publico feito procurador da Aldea, não o Se lhe uzurpou a dita Provisão, mas outros papeis e dinheiros que na ocazião trazia. E vendo elle Fundador o consumo que derão na dita prizão aos Seus papeis fes novo requerimento, ao dito Senhor como della (...)” - LIVRO DO TOMBO 2, [séc. XVIII], Arquivo da Diocese de Guarulhos, p. 10]

a matriz na ocasião de sua reforma em 1757 e chegou a ser proprietária do Cemitério de São João Baptista,⁷ acumulando assim um patrimônio considerável (OMAR, 2014).

Os conflitos arrolados, somados ao crescente número de irmãos cativos e forros que integraram a mesa diretora nos dez primeiros anos de registros eleitorais da irmandade (1757-1766)⁸, indicam a existência de um cenário de recrudescimento das disputas por dinheiro e prestígio em Guarulhos.

Outro fator que reforça esta interpretação é uma ação protagonizada pelas principais autoridades da mesa da irmandade em conjunto com autoridades eclesiásticas de Guarulhos em 1757. O objetivo desta ação foi o de escravizar a filha forra do fundador da irmandade - Domingos do Rosário - que agia no sentido de buscar mais autonomia para a confraria diante das intervenções do clero e de demais agentes:

Aos vinte sete dias do mes de dezembro no anno de mil e sete sentos e sincoenta e sete - (...), estando presentes o Rey juizes, e mais Irmauns da meza, se chamou a Domingos do Rozairo Fundador da Capela de N. Snr.a do Rozairo da dita Irmandade e se lhe dise que mostrase, em como huma sua filha por nome Roza, he forra, e Com que dinheiro a forrou, se foi dinheiro agenciado com sua agencia, e sendo com esmolas a dita Senhora Sera dita Roza obrigada a escravidam da dita Senhora (...) sera a dita negra Rosa Cativa da dita Senhora (...) - (Livro do Tombo 2, [séc. XVIII], p. 24).

Não seria tal ação uma tentativa de controle senhorial sobre a irmandade, marcando um contexto de anos de disputas levadas para Guarulhos? Ao fim e ao cabo, as disputas de São Miguel, continuadas em Guarulhos, podem ser observadas em alguma medida nos

7 “(...) Nessa mesma fonte há a indicação de que eles estariam enterrados no cemitério São João Batista da Irmandade dos Escravos. Este cemitério existe ainda hoje no centro de Guarulhos. Entretanto a parte baixa do terreno do cemitério pertencente às irmandades negras e outros pobres, foi desapropriada no início dos anos 1960” - (OMAR, 2014, n.p.).

8 Este dado será trabalhado adiante.

registros eleitorais da irmandade do Rosário. Cabe agora questionar e investigar acerca das características e articulações no interior destas disputas por poder nos primeiros anos de eleição para a mesa.

As Disputas na Mesa da Confraria

Os documentos aqui utilizados são o Compromisso da Irmandade de N.S. do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos (1750) e o Livro do Tombo 2. Sem entrar em detalhes, o primeiro documento é o estatuto do grupo, que contém 32 capítulos, cujo conteúdo são as regras de ingresso, expulsão, desenho do organograma da confraria, entre outros itens.

O segundo documento é composto por cópias de correspondências com autoridades eclesásticas, pedidos de missa, alguns assentamentos, os capítulos finais do Compromisso e o registro detalhado dos resultados das eleições anuais da mesa administrativa da confraria, com os nomes das pessoas eleitas, ano a ano, de 1757 até a década de 1790.

A proposta do artigo é analisar parte do regramento da confraria, a trajetória de São Miguel à Guarulhos e os dados das eleições para os cargos da irmandade do Rosário em um intervalo de dez anos, entre 1757 e 1766. Nesse sentido os objetivos são: compreender as disputas pelos principais cargos da confraria (considerando os conflitos herdados de São Miguel), apreender as articulações mobilizadas por cativos e forros para atingir estes cargos e apreender alguns vínculos entre os membros da mesa administrativa. A partir da transcrição destes documentos, construíram-se fichamentos e duas tabelas: 1) a primeira contabiliza a quantidade de homens livres, cativos, forros, indefinidos, mulheres livres, escravizadas, for-

ras e indefinidas⁹ na mesa de cada um dos anos de eleição. 2) A segunda tabela identifica o nome das pessoas eleitas para os principais cargos da irmandade (procurador, escrivão, tesoureiro e juiz).

As eleições desta irmandade foram provavelmente indiretas, ou seja, as pessoas da mesa do ano anterior eram aquelas que votavam para eleger as autoridades do ano seguinte¹⁰ O que se sabe é que somente os homens tinham direito ao voto, visto que “em todas as mezas, não terão votos algum as irmaãs por, faltar nellas a capacidade q requer estes procedimentos e pouco segredo q entre si (...)” (COM-PROMISSO da Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos, 1750, p. 11). Segundo o Compromisso do grupo, cabia ao procurador recolher a maior parte das esmolos, auxiliar na expulsão de integrantes e convocar reuniões da mesa quando preciso. De todos os cargos da mesa, este é o que mais vezes é citado no Compromisso, logo, sugere-se que seja esta a maior autoridade no grupo:

9 No Livro do Tombo 2, o irmão escravizado é distinguido como tal, pois ao lado de seu nome aparece o sufixo “escravo” e, na sequência, o nome de seu senhor. No caso dos irmãos alforriados, a identificação de sua condição social também é apresentada ao lado de seus nomes. Para fins de sistematização, o sujeito classificado como indefinido nesta pesquisa, é todo aquele que não é registrado como escravo ou forro, todavia, é categorizado pelos próprios escrivães da época como vinculado a outro indivíduo. O nome dos indefinidos é sucedido pelos termos “da caza de” ou “de” e na sequência, o nome de um outro indivíduo, que, em muitos dos casos, é proprietário de escravizados da irmandade. Em poucos casos destes, os indefinidos foram categorizados como escravizados, nestes casos, o nome do sujeito que é indefinido em um ano aparece em anos posteriores como de escravizado, neste sentido, são categorizados na pesquisa como escravizados. No entanto, a maioria daqueles que são agrupados como “da caza de” ou “de” não apresenta nenhum registro que comprove seu status de cativo, o que abre espaço para aventar algumas hipóteses: podem ser alforriados condicionais que ainda prestam serviços e/ou vivem com seus antigos senhores e, por isso estes são colocados como referência nos registros da irmandade, podem ser livres agregados etc. Todavia, não há nenhuma base documental para defender alguma dessas hipóteses, por isso optou-se pela categoria “indefinido”.

10 O estatuto da irmandade é ambíguo acerca do tema, por isso optou-se por considerar que as eleições eram indiretas, seguindo a tendência da maioria das irmandades da época (REGINALDO, 2011).

A cargo do Irmão Procurador esta a procurar por todas as esmollas Rendimentos da Irm.(de) (...). (...) e se algum irmão for deza-temto q perca o respeito d.o R. Capellão (...) não esperamos / sera este logo expulso da Irm.(de) p.a sempre (...) o Procurador e Escrivão p.a estes (...) a meza no (...) de quinze dias a fazer a tal expulsão salvo se o mesmo R. Cappellão (...) por elle ser perdoado. (COMPROMISSO da Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos, 1750, p. 16 e p. 13).

O escrivão teria a função de realizar registros financeiros e de assentamentos, o tesoureiro ficaria com os cálculos das finanças do grupo e o juiz cuidaria de parte do patrimônio litúrgico, assim como da mediação entre os irmãos da mesa. Segundo consta no regulamento, escrivão e tesoureiro teriam sempre que ser brancos e ricos¹¹ De outro modo, leia-se, brancos e senhores de uma quantidade razoável de cativos. Ainda no registro do Compromisso, pode-se dizer que o tesoureiro guardaria o cofre da agremiação, o qual somente seria aberto com três chaves, estando cada uma delas, em posse do procurador, do juiz e do escrivão¹². Analisando a composição desta cúpula dirigente - tesoureiro, escrivão, procurador e juiz - percebe-se uma prevalência de homens pertencentes a famílias de proprietários de escravarias relevantes para o contexto de São Paulo onde a média era a pequena propriedade.

11 “este Escrivão e Tezoureiro serão sempre homens brancos e abonados e inteligentes” - COMPROMISSO da Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos, 1750, Arquivo da Chancelaria da Diocese de Guarulhos-SP, p. 12.

12 “Cap. 9 - Haverã nesta Santa Irm.(de) huma caixa com tres fechaduras, pa deposito de todo o dinhr.o asim de esmolos, como de pessas de ouro q a Senhora atenha, ficando as chavis. Huma na mão do Juis outra na do Escrivão outra na do Procurador, e a caixa na mão do Teizoar~, e sem estes quatro numca se abrirã nem fora/farão(?)delles se (...) ou se tirarã dinhro algum” - COMPROMISSO da Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos (1750) - Arquivo da Chancelaria da Diocese de Guarulhos-SP, p.12.

CÚPULA DIRETORA (1757-1766)

	Tesoureiro	Escrivão	Procurador	Juiz
1757	Não consta	Não consta	Não consta	Eugenio de caza do (...) Manoel João
1758	Não consta	Não consta	João de Azevedo	Felippe de caza de Tereza da S. ^a
1759	Não consta	Não consta	Não consta	Clemente do Alferes João Pinto
1760	Não consta	Não consta	João de Azevedo	Fran.(co) es- cravo de Fran. (co) Ferr. ^a
1761	Cap.(am) Miguel Franco do Prado	Jozé de Moraes Borges	Alferes João da Cunha Pinto	Não consta
1762	Capp.(am) Miguel Franco do Pr.(...)	Manuel Pr. ^a de Moraes	Alferes João Cunha Pinto	Dom.(os) es- cravo do (...) Vigr. ^o Lour.(co) (...)
1763	Fran da Cunha Lobo	Manuel Pr. ^a de Moraes	Alferes João da Cunha Pinto	Joaquim es- cravo de Jozé de Fr. ^a
1764	Fran.(co) da Cunha Lobo	Manoel Pr. ^a de Moraes	Alferes João da Cunha Pinto	Vicente esca- rvo de Bento de Souza
1765	Fran.(co) da Cunha Lobo	M.(el) Pr. de Moraes	Joaq. da C. ^a Pinto	Não consta
1766	Fran.(co) da Cunha Lobo	Manoel Pr.(a) de Moraes	Alferes João da Cunha Pinto	Não consta

Os sobrenomes que prevalecem neste levantamento são os seguintes: Cunha Pinto, Cunha Lobo, Moraes, entre outros. Todos estes sobrenomes de famílias muito influentes no contexto da irmandade, tendo em conta o cabedal de escravizados desses indivíduos e de seus familiares. Francisco da Cunha Lobo, que foi tesoureiro do grupo, era parente de Salvador da Cunha Lobo e Pedro da Cunha Lobo, ambos sujeitos foram proprietários de oito e sete escravizados, respectivamente. Outro exemplo é Miguel Franco do

Prado, proprietário de oito escravizados, que ocupou o cargo de tesoureiro entre 1761 e 1762.¹³

Dada a repetição de combinação dos mesmos nomes e sobrenomes na cúpula da mesa em anos subsequentes - que pode ser observada na tabela acima - defende-se existência de uma espécie de rede articulada entre estas famílias proprietárias de cativos com o intuito de controlar a irmandade. Não obstante, por outro lado percebe-se uma presença relevante e crescente (de ano a ano) de forros e escravizados nesta cúpula da direção.

Ainda no registro da tabela da página anterior, destaca-se que nos anos de 1758 e 1760 o procurador - sujeito com maior autoridade na irmandade - foi um homem forro (João de Azevedo)¹⁴. Já nos anos de 1762, 1763, 1764 e 1765, os homens forros da família Azevedo como Julião de Azevedo e o próprio João, foram procuradores juntamente com indivíduos pertencentes a famílias que dominavam

13 Esta quantidade de escravizados de cada senhor corresponde aos dados levantados nos primeiros 20 anos de eleição: Escravaria de Salvador da Cunha Lobo: “João escravo de Salvador da Cunha” (p. 32); “Anna escrava de Salvador da Cunha Lobo” (p. 34); “Guilherme escravo de Salvador da Cunha Lobo” (p. 34); “Sebastiana escrava de Salvador (...) Cunha Lobo” (p. 54); “Rainha Jozefa escrava de Salvador da Cunha Lobo” (p. 36); “M.(el) escravo de Salvador da Cunha Lobo” (p. 37); “Caetano escravo de Salvador da Cunha” (p. 38) e “Antonio escr. de Salvador da Cunha (p. 46)”. Escravaria de Pedro da Cunha Lobo: “O Ir. Jeronimo escravo de Pedro da Cunha Lobo” (p. 53); “An.(to) escravo de Pedro da Cunha Lobo” (p. 36); “Escolastica escrava de Pedro da Cunha Lobo” (p. 38); “Efígenia escrava de Pedro da Cunha Lobo” (p. 45); “Romana escr. de Pedro da Cunha Lobo” (p. 47); “O Ir. Pedro escravo de Pedro da Cunha Lobo” (p. 52) e “A Ir. Igosa(ca) escrava de Pedro da Cunha Lobo” (p. 54). Escravaria de Miguel Franco do Prado: “Fran(co) escravo de Miguel Franco do Prado” (p. 32); “Fran Solera do Capp.(am) Mig(...) Franco” (p. 33); “Juiza Josefa escrava de Capitão Miguel Franco” (p. 36); “Manoel escravo do cap.(am) Miguel Franco” (p. 36); “Antonio esc. de Mig.(el) Franco” (p. 42); “Placido escr. de Miguel Franco do Prado” (p. 52); “Agustinho escravo de Miguel Franco do Prado” (p. 58); “Plazida escrava de Miguel Franco do Prado” (p. 58). - LIVRO DO TOMBO 2, [séc. XVIII], Arquivo da Diocese de Guarulhos.

14 “João de Azevedo forro” - LIVRO DO TOMBO 2, [séc. XVIII], Arquivo da Diocese de Guarulhos, p. 34.

a irmandade como João da Cunha Pinto¹⁵. Ao cotejar o Compromisso da irmandade, observa-se que este cargo de “segundo procurador” não é previsto no organograma do grupo. Neste sentido, defende-se aqui que a posterior criação deste posto e sua ocupação exclusiva por indivíduos forros da família Azevedo, pode significar uma resposta à pressão exercida pelos Azevedo e/ou um possível vínculo/parceria, destes sujeitos forros com os integrantes das famílias dirigentes da irmandade, no sentido de alcançar tais postos.

Ainda no registro da tabela, observa-se que nos anos de 1760, 1762, 1763 e 1764 o juiz da irmandade foi um escravizado. Ou seja, um dos homens que teria acesso ao conteúdo do cofre e que ficaria encarregado de tarefas fundamentais no âmbito administrativo seria um cativo. Não é algo tão raro nas confrarias negras da São Paulo colonial escravizados ocuparem cargos relevantes,¹⁶ todavia, considerando o histórico de conflitos no interior da irmandade aqui estudada, defende-se que esta presença de forros e cativos em cargos de destaque na mesa, se relaciona com uma possível pressão destes

15 Há alguns anos em que se apresentam dois procuradores, um pertencente a alguma família influente da região (João da Cunha Pinto, por exemplo) e outro forro, geralmente membro da família Azevedo: “Eleição que Se fes este prez(te) ano de 1762 (...) Procurador Alferes João Cunha Pinto (...) Procurador Julião de Azevedo forro” - LIVRO DO TOMBO 2, [séc. XVIII], Arquivo da Diocese de Guarulhos, p. 34. Não se sabe até o presente momento qual seria a função desempenhada por estes sujeitos nesses cargos, no entanto, pelo título de “procurador” e pela proximidade com a cúpula dirigente, sugere-se que estas posições fossem relevantes na lógica de poder da irmandade.

16 “Outro cargo de grande importância na mesa diretiva era o de procurador. Na Irmandade do Rosário da Penha, em eleição realizada em 1807 para o ano de 1808, foi eleito Francisco Rodriguez, escravo do Reverendo Vigário. Além da obrigação de coletar esmolas semanalmente em prol da irmandade, geralmente cabia ao procurador o cuidado especial com o altar e o andor da padroeira. Em algumas irmandades, o procurador também atuava como uma espécie de fiscal dos assuntos financeiros da irmandade” (QUINTÃO, 2019: 25)

*Esta tabela foi publicada pelo autor em um artigo que compõe os anais da ANPUH de 2025 (LIMA, 2025). Todavia, depois de algumas revisões e com o avanço na análises do Livro do Tombo 2, alguns números foram alterados

grupos para angariar postos de proeminência na irmandade. Essa pressão se dava não somente por dinheiro ou poder, era também por prestígio. Em uma sociedade escravista, influenciada pela estética barroca e pelas ideias do antigo regime, ostentar insígnias, títulos e afins era fundamental, especialmente para sujeitos subalternos como os negros (REGINALDO, 2011).

Este crescimento da presença cativa na irmandade é facilmente constatado na tabela abaixo. Observa-se, neste recorte de dez anos, os escravizados crescendo em número, em parte ocupando cargos relevantes, enquanto os homens livres (em maioria integrantes das famílias influentes na irmandade) mantêm-se em uma margem de três pessoas por eleição. Este seria também um sintoma dessa pressão por espaços na irmandade:

COMPOSIÇÃO DA MESA DA IRMANDADE (1757 - 1766)*

	Escravizado	Escravizada	Forro	Forra	Indefnido	Indefnida	Homem Livre	Mulher livre
1757	3	2	2	-	12	13	-	-
1758	5	-	2	-	9	8	2	-
1759	7	1	-	-	7	3	3	-
1760	12	4	2	2	5	1	-	1
1761	5	1	2	1	4	2	3	-
1762	10	3	3	-	1	-	3	-
1763	6	1	4	5	6	2	3	-
1764	13	4	1	-	1	1	3	-
1765	12	4	3	1	1	2	3	-
1766	14	8	1	9	13	6	3	-

Ao analisar as eleições para a mesa de irmandades negras de Taubaté no século XIX, Fábria Ribeiro afirma que o crescimento do número de cargos na mesa de direção relaciona-se “ao aumento do ingresso de irmãos ou à necessidade de incremento dos recursos, posto que os cargos de excelência gerassem automaticamente o pagamento de uma joia maior (...)” (RIBEIRO, 2010: 79).

Compreende-se que este aumento geral de membros da confraria do Rosário de Guarulhos relaciona-se com estes fatores, mas, também com uma crescente disputa entre os forros, cativos e livres por um lugar na mesa (RIBEIRO, 2010). Um indício que leva a esta constatação é a tendência de não repetição dos nomes de irmãos partícipes da mesa de um ano para o outro - com exceção de alguns integrantes das famílias da cúpula de direção da irmandade. Os poucos que se repetem são em parte cativos e forros vinculados às

famílias já citadas que dominam o grupo. Soma-se a estes os nomes de escravizados de pequenos e médios proprietários de cativos que não chegaram a exercer cargos importantes na mesa.¹⁷

Este aspecto evidencia como os vínculos de alguns cativos com estes indivíduos, poderiam garantir o aumento de sua influência neste espaço de poder. Esta relação de “parceria” entre senhor e escravizado no âmbito da irmandade, também é constatada por Fábria Ribeiro quando a mesma aborda a Irmandade de N. S. do Rosário de Taubaté: “Por fim, o caso de dois membros do Rosário, senhor e escrava, que além de partilharem um espaço comum, foram parceiros em cargos de comando” (RIBEIRO, 2010: 110).

Segundo Julita Scarano (1978), era uma honraria para o senhor, colocar seu escravizado numa irmandade, especialmente em cargos relevantes da mesa. Ter um escravizado na administração significava também vigilância deste senhor sobre o grupo. Neste intuito, era comum que os senhores pagassem as taxas necessárias para que estes sujeitos ocupassem tais cargos. Contudo, destaca-se aqui a articulação dos escravizados citados para ocupar tais posições. Ao fim e a cabo, aprendeu-se um domínio incontestado de famílias influentes na região sobre a irmandade. No entanto, esse domínio é a todo momento negociado, tendo em vista a forma dos homens forros da família Azevedo, a presença de escravizados em cargos relevantes e o crescimento de cativos e forros na mesa.

17 De 1758 para 1759 - Clemente - escravizado de João da Cunha Pinto; Geronimo - escravizado de Pedro da Cunha Pinto; João Carvalho e Estevão Cabral - escravizado de Antônio Cabral. De 1764 para 1765 - João de Azevedo; Jozé - escravizado do Padre João Baptista de Azevedo; Caetano - escravizado de João Baptista; Caetano - escravizado de Antonio da Costa Pinto. - LIVRO DO TOMBO 2, [séc. XVIII], Arquivo da Diocese de Guarulhos. Há mais dados acerca da repetição de nomes, mas pelo limite do artigo estes não serão trabalhados.

Considerações Finais

Desde seu período de atuação em São Miguel, a irmandade do Rosário foi marcada por uma intrincada disputa por recursos financeiros e por prestígio. Os principais agentes envolvidos nesta peleja foram os padres franciscanos, interessados no patrimônio do grupo e os irmãos fundadores, os quais buscavam livrar-se da intervenção dos freis nos assuntos da irmandade. Depois de transferida para a Freguesia de Guarulhos, com sua igreja inaugurada em 1750, estas disputas continuaram no interior da irmandade, tanto é que Domingos do Rosário - principal liderança do grupo na época - teve sua filha forra escravizada por iniciativa de autoridades eclesiásticas e sujeitos da mesa da irmandade em 1757. Nas eleições que se seguiram, observou-se que as famílias da classe senhorial, articuladas, conseguiram manter os principais cargos de administração em suas mãos, negociando, com cativos e forros, os quais, muito provavelmente, fizeram uso de sua proximidade com algumas dessas famílias para angariar cargos relevantes na mesa. Tanto é que se registrou uma proximidade entre sujeitos forros da família Azevedo com os membros das principais famílias da irmandade e que alguns dos poucos escravizados que têm seus nomes repetidos de um ano para outro, são vinculados a senhores influentes no grupo. Por fim, constatou-se o crescimento do número de cativos e forros na mesa e estabilidade do número de livres, como uma expressão de uma disputa entre indivíduos com diferentes interesses, vínculos e pertenças, que serão investigados em detalhe nas próximas etapas da pesquisa.

FONTES:

LIVRO DO TOMBO 2, [séc. XVIII], Arquivo da Diocese de Guarulhos.

COMPROMISSO da Irmandade de N.S. do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos, 1750,

Arquivo da Diocese de Guarulhos.

Bibliografia

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. Escravidão e compadrio em São Paulo colonial, século XVIII. Dinâmicas Familiares en el contexto de los Bicentenarios Latinoamericanos. Tradução. Córdoba: CIECS/CONICET-UNC, 2011.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. A Teia Mercantil: Negócios e Poderes em São Paulo Colonial (1711-1765). São Paulo, USP, 2007.

BOSCHI, Caio C. Os leigos e o poder: Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Hucitec Editora, 2025.

LIMA, Alvaro Moreira. Articulações, conflitos e tentativas de controle senhorial: as disputas de poder nas eleições da Mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos (1757-1766). 33o Simpósio Nacional de História: Os (des)confortos da História e o futuro do ensino de História, 2025.

LUNA, Francisco V. e KLEIN, Herbert S. Evolução da Sociedade e Economia Escravista de São Paulo, de 1750 a 1850. São Paulo: EDUSP, 2005.

MACHADO, Maria H. Sendo Cativo nas Ruas: a Escravidão Urbana na Cidade de São Paulo.

IN: História da Cidade de São Paulo, (Paula Porta, org.), São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MELO, Cristina S.; CANTARELLI, Márcio; CAMPOS, Aline S. e AMARAL, Elizama. Arquitetura Afro-Brasileira: Análise da Cultura para a Arquitetura na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Guarulhos-SP). R. Brasil para todos, 2022.

MIRANDA, Márcia Eckert. Terra de índio x terra de branco: presença indígena e apropriação de terras em Guarulhos, sécs. XVII-XIX. R. Museu Arq. Etn., 26: 62-83, 2016.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. 1a Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

OLIVEIRA, Elton Soares de e FERREIRA, José Abílio. Origens da presença negra em Guarulhos: A África em nós. Editora Noovha America, São Paulo, 2013.

OMAR, Elmi. Identidade-Cultura-Religiosidade: Irmandades da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Guarulhos. São Paulo: Navegar, 2014. (E-book).

QUINTÃO, Antonia Aparecida. Contribuições para a história do protagonismo de negros e índios na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Penha de França. São Paulo : Movimento Cultural Penha, 2019.

RIBEIRO, Fábíia Barbosa. Caminho da Piedade, caminhos de devoção: as irmandades de pretos no Vale do Paraíba Paulista - século XIX. São Paulo, 2010.

REGINALDO, Lucilene. Os Rosários dos Angolas: irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista. 1a Edição. São Paulo: Alameda, 2011.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, no 17, setembro de 1989.

SCARANO, Julita. Devoção e escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no distrito diamantino no século XVIII. 2a Edição. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

VILARDAGA, J. Terras, ouro e cativo: a ocupação do aldeamento dos Guarulhos nos séculos XVI e XVII. Revista do Museu Arq. Etn, São Paulo, n. 26, p. 42–61, 2016.

CAPÍTULO II

Aldeamento, indígenas, negros e ouro: olhares sobre Guarulhos no período colonial

Tiago Cavalcante Guerra

A proposta deste ensaio é realizar uma breve discussão sobre o período colonial na cidade de Guarulhos. Essa brevidade se deve ao fato de o foco deste texto se basear em estudos realizados anteriormente, mas que aqui pretendo conduzir a uma análise mais sintetizada em que os pontos do aldeamento, da presença indígena e de africanos escravizados, assim como da mineração do ouro, reflitam a complexidade que é olhar para o período colonial guarulhense com sentenças definidoras como ciclos, eras ou épocas, assim como homogeneizações que apagam as singularidades locais.

Guarulhos foi um dos primeiros aldeamentos da região que hoje conhecemos como Vila de São Paulo. Constituía a base para o trabalho, a defesa e a ocupação colonial no planalto. A data de fundação ainda hoje suscita muitas controvérsias e se atribui a diferentes padres “fundadores”. O padre jesuíta Manuel de Paiva teria fundado a cidade em 8 de dezembro de 1560, celebrando assim a primeira missa. Contudo, a autorização dos jesuítas para a formalização do aldeamento data de 1604, a partir da atuação do Padre Manuel Viegas na catequização dos “maromomis”, utilizando a língua geral e com base em cartas trocadas com o mestre José de Anchieta em 1597. Por fim, documentos seiscentistas relatam a atuação do Padre João Álvares na construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição em 1620, juntamente com as capelas de Itaquaquetuba e São Miguel. (PLENS, 2015)

Por estar muito próximo do caminho que levava ao Rio de Janeiro (a Estrada Geral), essa localização privilegiada permitiu que o Aldeamento Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos fosse rapidamente habitado por jesuítas e frequentado por indígenas nativos durante os séculos XVI e XVII.

O pesquisador José Carlos Vilardaga afirma que, durante os anos 1500 e nos 1600, os aldeamentos eram focos de conflito entre jesuítas e colonos. Uma das razões para isso era a disputa em torno da mão de obra indígena, incluindo sua captura, uso compulsório e a escravidão (PLENS, 2015).

Quase nada restou da existência dos Maromomis, a não ser relatos esporádicos do século XVII que mencionam a sua relação com os colonizadores portugueses e outros indígenas. O nome Guarulhos deriva de outro povo indígena, de presença nômade na região. Para Benedito Prezia (OMAR, 2008), a semelhança física e cultural dos Maromomis com os índios Guarulhos, que frequentavam todo o Vale do Paraíba, fez com que os primeiros fossem denominados Guarulhos (sem a preposição “de”). Alguns pesquisadores, como Case Angatu Tupinambá, sugerem que os índios que habitavam a região eram os “Guaianazes” (em maior número e com maior conhecimento dos caminhos e passagens locais), aliados aos Guarulhos (em menor número e vindos da Região do Vale do Paraíba). Um outro fator dessa permanente entrada e saída dos Maromomis pode estar em outro elemento. Afirmo Benedito Prezia

Frente à escravização, os Maromomis tiveram três atitudes: aceita-las como um mal inevitável, reagir de forma guerreira ou fugir para o interior. A aceitação deve ser encarada como uma forma de sobrevivência e seguramente foi uma minoria que optou por essa saída. Muitos reagiram de forma violenta”. (PREZIA apud OMAR, 2009: p.69).

A história colonial de Guarulhos não é apenas jesuítica, portuguesa ou bandeirante; é uma história essencialmente indígena, que permanece em grande parte esquecida, mas em parte sendo retomada. Em alguns momentos, esse passado indígena simplesmente não interessou.

Diferentemente da colonização no Nordeste, que se deu no litoral com a produção voltada para o exterior, o povoamento do planalto paulista ocorreu no interior. Isso propiciou o isolamento e o desenvolvimento do comércio interno. Os paulistas se especializaram na caça de indígenas para vendê-los no mercado local, o que, embora tenha contribuído para a expansão das fronteiras, restringiu seus interesses e contatos ao território brasileiro. Essa restrição permitiu a miscigenação de culturas (a do colono com a do indígena, com o africano), de forma abrupta e violenta.

O nomadismo dos grupos indígenas no planalto paulista sugere uma constante entrada e saída de nativos no território do Aldeamento da Conceição dos Guarulhos. As toponímias indígenas em áreas próximas a Guarulhos (como Guaianazes, Itaquera e Tatuapé) e as que persistem no próprio município (Cumbica, Paraventi, Itapegica) nos levam a crer que o local estava profundamente imerso na cultura nativa, assim como a capital.

O trânsito era tão permanente que cronistas se surpreenderam com o abandono do Aldeamento Conceição dos Guarulhos no século XVII. Outro fato importante sobre a São Paulo indígena foi a criação do Diretório em 1758, com o objetivo de tornar o português a língua oficial na Vila de São Paulo e seus aldeamentos, em virtude do uso generalizado da Língua Geral, uma mistura de línguas indígenas com as línguas dos colonos (espanhol e português).

No entanto, havia uma resistência, pois, os povos Guaianazes e Guarulhos, que se concentravam na região, recusavam-se a ficar no aldeamento. John Manuel Monteiro indica que os dois povos

foram caçados sistematicamente durante o século XVII em expedições organizadas pelos paulistas. Monteiro indica pelo menos três momentos (em 1645, 1650 e 1661).

A mineração de ouro

É inegável a ocorrência da atividade mineradora no território que depois seria conhecido como Guarulhos. As reminiscências da exploração, como dutos, valas e paredes de taipa, indicam isso. O levantamento e os sítios arqueológicos revelam que essa atividade produtiva ocorreu com intensidade, moldando em parte a paisagem natural da porção norte do território. Essa ação pode ser comprovada ainda hoje pelas marcas deixadas no solo (galerias, escavações em encosta, paredões e montes de rejeitos), conforme mapeamento em estudos anteriores e imagens. Da mesma forma, as cartas de sesmarias encontradas na Câmara de São Paulo e os inventários seiscentistas dão indícios da exploração aurífera na nossa “terra de índios” Guarus.

Afonso Sardinha teria encontrado oficialmente ouro na Serra do Itaberaba, ainda em fins do século XVI. Ele recebeu uma carta de sesmaria, assim como Geraldo Corrêa, que descobriu ouro no Rio Baquirivu-Guaçu em 1611. As principais áreas de exploração aurífera teriam sido próximas dos ribeiros das Lavras, Tomé Gonçalves e dos córregos de Tanque Grande e Guaraçau, além do rio Baquirivu.

De acordo com Vilardaga, é possível observar a presença do ouro de maneira mais nítida pela análise dos inventários de personagens seiscentistas, como por exemplo, na história de Geraldo Corrêa.

Tanto seu inventário, quanto de sua esposa Maria Soares, não sobreviveram ao tempo, restando apenas uma petição feita por dois dos seus netos em 1672 (l&T. Vol. 18, p. 261). Nesta, os dois reivindicam de seu tio, Estevão Sanches de Pontes, alguns índios, uma gargantilha de ouro de valor considerável (11\$000) e cortes de tafetá, legados pela avó. (VILARDAGA apud PLENS, 2015, p. 82)

A importância do metal não se materializou no núcleo central da Vila da Conceição dos Guarulhos, mas sim na região de Bonsucesso. Com a abertura de estradas e caminhos que levavam às Lavras, o núcleo de Bonsucesso tornou-se um espaço autônomo em relação ao aldeamento da Conceição. Ao longo do rio Baquirivu, e na região dos sítios do Bananal e Cabuçu, a mineração não se constituiu como atividade isolada, mas foi acompanhada por outras atividades produtivas, como as agrícolas, pastoris, além da produção de algodão e trigo.

É possível considerar o conjunto das minas em Guarulhos em conjunto com as minas paulistas de outras regiões (Paraná e Iguape). No início do século XVII, reforçam-se indícios importantes dessa atividade em todo o Planalto Paulista. A implantação de uma Casa de Fundição a partir de 1601, assim como o uso de um Regimento Mineral trazido a São Paulo, revelam a circulação de ouro nas chamadas “minas de São Vicente” até 1618.

O decréscimo da atividade mineradora em toda São Paulo por conta da descoberta de ouro nas regiões de Minas Gerais ao longo dos anos 1700 desorganizou a ocupação da então freguesia. Nesse sentido, ao contrário da conhecida região de Minas, onde a descoberta de grandes quantidades de ouro levou a uma intensa migração, à urbanização acelerada (com a formação de cidades como Ouro Preto e Mariana) e a profundas transformações sociais, em Guarulhos, ou mesmo em São Paulo, não se verificou um impacto urbano permanente.

A presença negra em Guarulhos

Outro elemento com resiliência são as referências as Irmandades Negras presente nesta época. A posse desses documentos é da Cúria Metropolitana, localizada no bairro do Bom Clima que possui um acervo fundamental sobre a presença negra no município.

Em Guarulhos, segundo contagens oficiais, havia pouco mais de 3000 pessoas em todo o território no século XIX. Se somado Penha e Juqueri, chegamos a um pouco menos de 10000 pessoas. Não havia um recorte étnico, mas é de supor que havia uma relevante presença negra na cidade, resultado da chegada forçada para algumas atividades econômicas incipientes ligados ao abastecimento interno e da ínfima, além da permanente exploração aurífera na região das Lavras. Devemos destacar também a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos e a Capela de São Benedito como resquícios institucionais dessa forte presença. Por fim, a foto mais antiga datada na cidade (1906) traz negros em uma procissão.



Procissão do Cristo Morto. Acervo: Arquivo Histórico, 1906

As irmandades eram espaços de socialização e de ajuda mútua, ao mesmo tempo em que funcionavam como instrumento de aproximação entre a igreja católica e os negros. Nesse processo de aculturação, a liturgia cristã se reconstrói a partir de referências africanas.

A Capela de São Benedito foi construída no início do século XX, no mesmo lugar onde antes existira outra capela de mesmo nome destinada aos escravos e índios e que pertencera à Ordem de São Benedito dos Homens Pretos, construída em 1873. Provavelmente iniciada antes, a capela faz parte do itinerário de celebrações da Festa de Bonsucesso.

No caso da Igreja do Rosário dos Homens Pretos, a construção é datada do século XVIII e temos documentos que tratam da entrada de recursos financeiros para a construção da capela e de casamento de irmãos da igreja, indicando assim a atuação da ação da irmandade que ajudou a construir.

A irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos tinha como prerrogativa oferecer aos seus membros um espaço de comunhão, identidade, socorro, alforria, meios de protesto contra abusos senhoriais, festas e rituais fúnebres.

A demolição da Capela em 1930 e que se localizava no atual calçadão Dom Pedro, cujos motivos são discordantes nos documentos da época, mas à luz do fato (a construção de um clube para o cotidiano das elites brancas da cidade) nos mostra como para a história dos vencidos, é reservada apenas uma sombra no frio concreto.

Uma conclusão em aberto

O processo de ocupação e sustentação econômica da Aldeia de Nossa Senhora da Conceição não difere de outras regiões no planalto paulista. A sustentação econômica ficou assentada principalmente nos aldeados indígenas, utilizados para o trabalho, ora a serviço dos jesuítas, ora dos paulistas. Índios Guarulhos e/ou Maromomis ocuparam o aldeamento. Em alguns levantamentos, os dois grupos são apresentados de forma diferente. Ernani da Silva Bruno, em levantamento no artigo “O que revelam os inventários sobre escravos e gente de serviço.”, publicado em 1976 na Revista do Arquivo Municipal, identificou os dois grupos em listas diferentes. A ocupação do território produziu gradativamente revoltas entre os indígenas, assim como gerou também riquezas para algumas famílias.

Quanto à presença negra, ela obedeceu à necessidade de mão de obra nas regiões das minas, mas de forma mais tímida. Contudo, acompanhou o processo de diversificação das atividades produtivas, expandindo e difundindo o uso de mão de obra escrava pelo território paulista e, conseqüentemente, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, movimentando também o tráfico interprovincial na primeira metade do século XIX.

Referências Bibliográficas

MONTEIRO, John M.. Negros da Terra: Índios e Bandeirantes Nas Origens de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PINHEIRO, Maurício. Santuário de Nossa Senhora do Bon-sucesso: uma longa tradição profana . Dissertação de Mestrado, Assis : UNESP. 2004

PLENS, Cláudia (org). Projeto de Inventário e Pesquisa Arqueológica de Guarulhos (PIPAG). Guarulhos: Unifesp. 2015

PREZIA, B. A. G. . Maromomi os primeiros habitantes de Guarulhos. 1. ed. Guarulhos: prefeitura de Guarulhos, 2004. v. 1.

OLIVEIRA, E. S. de. Origens da presença negra em Guarulhos. São Paulo: Noovha América, 2013.

OMAR, E. (org.). Guarulhos tem história: questões sobre história natural, social e cultural. São Paulo: Ananda, 2008.

OMAR, Elmi El Hage. Irmandades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Guarulhos: identidade, cultura e religiosidade. São Paulo: Navegar, 1ªed., 2013

RANALI, J. Cronologia guarulhense. Guarulhos, s/e., 1986.

SANTOS, C. J. F (Casé Angatu). Identidade urbana e globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos. São Paulo: Annablume, 2006.

CAPÍTULO III

Patrimônio Geomorfológico de Guarulhos: uma primeira aproximação

Breno Schmidke Rodrigues

Introdução

As formas de relevo da superfície da Terra são resultado da interação dinâmica entre forças endógenas e exógenas. O modelo terrestre, o qual inclui das formas, processos e materiais (Hart, 1986) expressa não apenas a diversidade de paisagens, mas também fornece evidências para interpretação da história da natureza em diferentes escalas espaço-temporais. Dentre diferentes leituras, é possível interpretar atributos do relevo como parte da geodiversidade, os chamados patrimônios geomorfológicos ou geomorfossítios (Moura-Fé, 2024). Estes patrimônios abrangem elementos representativos ou excepcionais em um dado contexto regional, aos quais são agregados valores ambientais, históricos, turísticos e culturais, integrando a memória histórica

Coratza e Hobléa (2018) indicam que as preocupações fundamentais sobre o patrimônio geomorfológico abrangem (I) caracterização e documentação do patrimônio geomorfológico, incluindo o reconhecimento, quantificação e mapeamento (II) o estudo das relações entre o patrimônio geomorfológico e outros aspectos de

interesse (III) indicação e consolidação de metodologias de inventário, seleção, avaliação e mapeamento dos geomorfossítios e (IV) gestão e conservação do patrimônio.

Neste contexto, reconhecer e inventariar o patrimônio geomorfológico são passos fundamentais para sua conservação, em especial nas regiões com avanço de processos de apropriação humana. Destaca-se aqui a urbanização, que em função de suas dinâmicas intrínsecas, pode resultar na perda parcial ou total de atributos dos geomorfossítios. Portanto, áreas urbanizadas são relevantes para investigação patrimônio geomorfológico, sobretudo na elaboração de estratégias de conservação e proteção em relação a expansão urbana.

No Brasil, destaca-se a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), com expressiva expansão a partir da década de 1950, com expansão de área urbanizada a partir do núcleo central da cidade de São Paulo para outros municípios vizinhos. Dentre estes municípios, está Guarulhos, cuja urbanização foi marcada pela perifização, segregação socioespacial e transgressões ao meio físico. As investigações sobre patrimônio geomorfológico em Guarulhos, portanto, são relevantes para inventário de geomorfossítios e para compreender as relações entre urbanização e geodiversidade. Neste sentido, o presente capítulo objetivou caracterizar, regionalmente, as unidades geomorfológicas de Guarulhos, destacando potenciais geomorfossítios e suas relações com o processo histórico de urbanização.

Considerando o objetivo proposto, executou-se a compartimentação do relevo de Guarulhos baseando-se na taxonomia de Ross (1992) até o 3º nível hierárquico (padrões de forma), utilizando-se os dados de mapeamento de Ross e Moroz (1996). Posteriormente, a partir do mapa geológico do Alto Tietê de Coutinho (1972) e Modelos Digitais de Terreno (MDT) elaborou-se a cartografia da compartimentação geomorfológica do 1º (unidades morfoestruturais) e 2º (unidades morfoesculturais) níveis hierárqui-

cos. Em seguida, se realizou revisões bibliográficas para identificar potenciais geomorfossítios, os quais foram correlacionados com a compartimentação. Por fim, utilizando referenciais da antropogeomorfologia (Rodrigues 2004, 2005) correlacionou-se as unidades identificadas com a urbanização de Guarulhos para identificar potenciais perdas de atributos geomorfológicos em função do processo de apropriação urbana.

Breve caracterização geomorfológica do território Guarulhos

Guarulhos apresenta em seu território duas grandes unidades morfoestruturais que apresentam grande influência no desenvolvimento do relevo. A área norte do município insere-se no Cinturão Orogênico do Atlântico (Ross e Moroz, 1996), com ocorrência de intrusões graníticas e rochas metamórficas de diferentes graus, em especial rochas metassedimentares dos Grupos São Roque e Grupo Serra de Itaberaba (Juliani, 1993; Juliani e Beljavskis 1995). A gênese destas litologias associa-se à diferentes ciclos geotectônicos e de metamorfismo regional do pré-Cambriano.

O modelado de relevo da área norte do município associa-se ao planalto Atlântico, regionalmente indicado como Planalto Paulistano/Alto Tietê¹ e inclui morros e serras com altitudes médias acima de 800 metros, com forte influência da litologia (Ross e Moroz, 1996). De modo geral, nesta área verifica-se maiores densidades de drenagem, vales encaixados e padrões de drenagem dendríticos e de forma mais restrita, sobretudo em antigas zonas de cisalhamentos, padrões retangulares e em treliça.

Na área sul de Guarulhos ocorrem rochas da bacia sedimen-

1 Apesar da sub-compartimentação regional, para fins de comunicação, neste texto, irá apenas se adotar a nomenclatura de Planalto Atlântico (desenvolvido em rochas cristalinas) em contraposição ao Planalto Paulistano (desenvolvido sobre rochas sedimentares).

tar de São Paulo de idade Cenozóica, em especial, conglomerados associados à leques aluviais proximais e lamitos, arenitos e conglomerados associados à leques aluviais distais e planícies fluviais entrelaçadas da Formação Resende (Riccomini, 1990). O modelado desenvolvido sobre estas unidades litológicas incluem, principalmente, colinas e patamares de topos aplainados com altitudes até 800 metros, com valores de densidade de drenagem menores em relação à área cristalina (Ross e Moroz, 1990).

No extremo sul de Guarulhos, ocorrem também, em menor proporção, rochas granitoides, em especial nas proximidades do rio Tietê abrangendo a região de limites municipais entre Guarulhos e a Zona Norte de São Paulo e entre Guarulhos, a zona Leste de São Paulo, Itaquaquecetuba e Arujá. Neste aspecto, há desenvolvimento de morrotes sobre estas rochas com altitudes que raramente ultrapassam os 800 metros.

Em ambas as áreas, ao longo dos canais fluviais de maior ordem, desenvolvem-se planícies fluviais que correspondem a áreas de baixa declividade e aplainadas compostas por sedimentos inconsolidados de diferentes frações granulométricas. Nestas planícies, é comum o desenvolvimento de canais meândricos (quando não retificados e canalizados) com diferentes níveis de planície de inundação e terraços fluviais, os quais são sujeitos a processos de sedimentação via inundação periodicamente.

Compartimentação geomorfológica e potenciais geomorfossítios

A partir da compartimentação geomorfológica de Guarulhos (Quadro 1) é possível reconhecer diferentes associação dos compartimentos de relevo do município com a urbanização e potenciais geomorfossítios. A espacialidade da compartimentação geomorfológica, conforme o mapeamento executado (Figura 1) e indicações acima, divide Guarulhos fundamentalmente na área norte (modelado de morros e serras altas sobre rochas cristalinas) e área sul (colinas e patamares de topo aplainado sobre rochas sedimentares e em menor proporção, morrotes desenvolvidos sobre granitoides), além das planícies fluviais associadas aos principais rios do município.

Compartimentação Geomorfológica e potenciais geomorfossítios de Guarulhos-SP

1º Táxon: Unidade Morfoestrutural	2º Táxon: Unidade Morfoescultural	3º Táxon: Padrões de Formas de Relevo	Potenciais geomorfossítios	Relação com a urbanização
Cinturão Orogênico do Atlântico	Planalto Atlântico: Planalto Paulistano/ Alto Tietê	Sistemas de morros altos e serras com altitudes médias acima de 800 metros. Sistemas de morrotes com altitudes médias entre 800 e 815 metros.	Mirante Nhangussu, Serra de Itaberaba, Serra de Pirucaia, Cachoeiras.	Unidade parcialmente urbanizada, com grandes extensões de atributos preservados e semi-preservados.
Bacia Sedimentar de São Paulo	Planalto Paulistano	Sistemas de colinas e patamares de topo aplainado com altitudes médias de até 800 metros.	Trechos remanescentes preservados de colinas e patamares de topo aplainado	Unidade densamente urbanizada, com supressão generalizada de atributos geomorfológicos de interesse.
	Planícies Fluviais Diversas	Planícies fluviais associadas à canais de maior ordem das bacias hidrográficas do município.	Trechos remanescentes preservados de planícies fluviais	Unidades parcialmente urbanizadas, com remanescentes com atributos preservados.

Quadro 1: Compartimentação geomorfológica do município de Guarulhos e correlação com potenciais geomorfossítios. Org. Rodrigues, B. S. (2025)

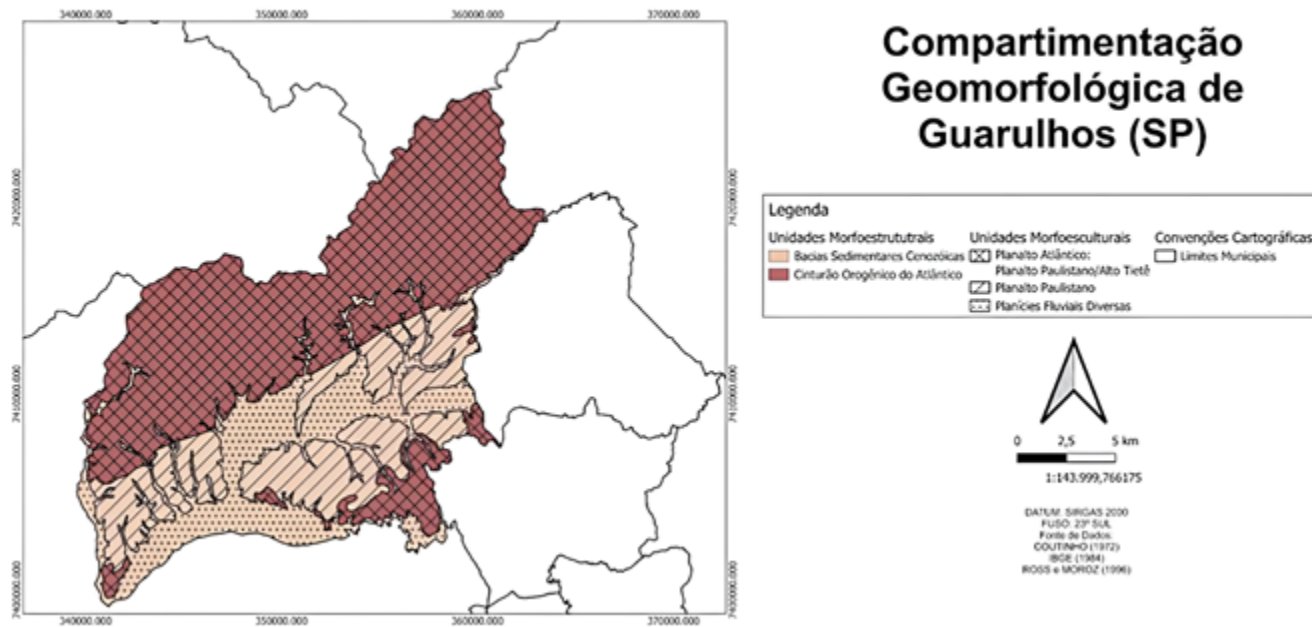


Figura 1: Compartimentação Geomorfológica de Guarulhos (SP). Org. RODRIGUES, B. S. (2026).

Os potenciais geomorfossítios do município, indicados como elementos da geodiversidade na literatura, estão associados principalmente ao Planalto Atlântico, elencados inclusive no projeto do geoparque ciclo do ouro (Aguilar et. al., 2012). Estes sítios constituem conjuntos distintivos, sobretudo pela associação entre litologia e relevo, apresentando também aspectos históricos, turísticos e ambientais relevantes:

- **Mirante Nhangussu:** localizado no bairro Água Azul, caracteriza-se por um conjunto de afloramentos de xistos de granulometria fina em forma de laje in situ em topo de morro (Figura 2) o qual constitui um interflúvio entre as bacias do Alto Tietê e Paraíba do Sul. O local possui alto valor turístico e paisagístico com vista panorâmica para Guarulhos, serra de Itaberaba e vale do rio Jaguari. A morfologia de lajes é um aspecto de relevância para o mirante Nhangussu, pois constitui um caso singular no contexto geomorfológico regional;



Figura 2: Vista parcial dos afloramentos de rocha metamórfica do Mirante Nhangussu e vegetação de campo de altitude (2020). Foto: Rodrigues, B. S. (2020)

- **Serra de Itaberaba:** localizada no norte do município, no limite entre Guarulhos e Santa Isabel, é uma serra desenvolvida sobre granitoide, destacando-se pela elevada altitude e extensão de mata Atlântica conservada. Apresenta um pico com mirante (Pico do Gil) que é considerado o ponto mais alto da região metropolitana de São Paulo com 1422 metros de altitude. Na área há afloramentos de granitoides em campo de matações e sítios arqueológicos relacionados a exploração aurífera do século XVI;
- **Serra de Pirucaia:** localizada no noroeste de Guarulhos, no limite entre Guarulhos, São Paulo e Mairiporã é uma serra desenvolvida sobre rochas metamórficas, especialmente quartzitos e xistos. Possui altitudes acima de 1.000 metros com vista panorâmica para o norte do município, com potencial turístico significativo, inserido no contexto do Parque Estadual da Cantareira.

No Planalto Atlântico é relativamente comum a ocorrência de afloramentos, sobretudo, pela abertura do sistema viário (Figura 3). A litologia variada desta unidade e sua associação com diferentes ciclos de magmatismo, metamorfismo e tectonismo pré-Cambriano tornam estes afloramentos elementos de interesse, embora que não constituam geomorfossítios em si, são elementos de interesse que integrem unidades espaciais de maior dimensão (como as serras de Pirucaia e Itaberaba).



Figura 3: Afloramento de rochas metassedimentares no Núcleo Cabuçu na lateral da trilha de acesso à barragem do Cabuçu. Foto: Rodrigues, B. S. (2025)

Outros atributos de destaque da unidade do planalto Atlântico em Guarulhos são as cachoeiras, as quais foram identificadas como elementos importantes da geodiversidade por Santos (2015). Embora constituam morfologias típicas de canais fluviais de áreas planálticas, elementos específicos da litologia, geomorfologia, história, cultura e turismo local podem caracterizar cachoeiras como sítios de interesse da geomorfodiversidade, integrando unidades de maior dimensão como conjunto de serras ou unidades de conservação, como a cachoeira do Núcleo Cabuçu (Figura 4).



Figura 4: Vista da cachoeira do núcleo Cabuçu desenvolvida em rocha granitoide Foto: Rodrigues, B. S. (2024)

A unidade do planalto Paulistano, desenvolvida sobre rochas sedimentares da bacia de São Paulo não apresentou indicações de atributos potenciais de geodiversidade na literatura. Destaca-se, porém, que as colinas e patamares constituem elementos geomorfológicos representativos da morfogênese sobre as rochas da Bacia Sedimentar de São Paulo, os quais destacam-se atributos de morfologia de vertente, topos, rupturas e mudanças de declives. Na atualidade, esta unidade é marcada pela intensa ocupação urbana, incluindo bairros residenciais e industriais.

As unidades de planícies fluviais, incluindo as planícies dos rios Tietê, Baquirivu-Guaçu, Cabuçu de Cima e Jaguari, possuem relevância ambiental e histórica, porém, também não são citadas na revisão de literatura como elementos de destaque da geodiversidade do município. Em Guarulhos, como em demais áreas do Alto Tietê, ocorrem planícies fluviais meândricas com diferentes dimensões em vales localizados tanto na Bacia de São Paulo quanto no Planalto Atlântico (Rodrigues, 2015).

As planícies fluviais são áreas importante para conservação dos recursos hídricos, em especial, na atenuação de fluxos de cheias e sedimentação fluvial (Rodrigues, 2015). Apresentavam significa-

tiva diversidade morfológica, como por exemplo, alguns meandros irregulares do rio Baquirivu-Guaçu (Figura 5) os quais são potencialmente associados a ajustes em função da tectônica (Rodrigues, 2021).



Figura 5: Trechos irregulares dos meandros do rio Baquirivu-Guaçu na região do bairro Haroldo Veloso (1962). Fonte: AFA/USP.

Outro aspecto relevante associado as planícies fluviais é a apropriação histórica por atividades econômicas ligadas à olarias, em especial, a mineração de areia e argila nas planícies do rio Tietê, Cabuçú-de-Cima, Baquirivu-Guaçu e outros rios de menor ordem para produção de tijolos cozidos entre o final do século XIX e início do século XX (Oliveira, 2008).

A urbanização e perda de atributos geomorfológicos

O processo histórico de urbanização de Guarulhos ocorreu de forma descontínua no tempo e espaço. Entre os séculos XVI e XIX o padrão de urbanização no município era marcada por núcleos descontínuos. No século XX verifica-se uma mudança significativa, sobretudo a partir da década de 1950 em função do processo de industrialização e metropolização da RMSP, a qual implicou na consolidação de uma grande área urbanizada contínua abrangendo principalmente a área sul do município.

Os nucleamentos urbanos iniciais do município concentraram-se na unidade do Planalto Paulistano e algumas ocupações de menor dimensão, localizaram-se sobre o Planalto Atlântico. No século XX, o crescimento da área urbana ocorreu principalmente sobre as colinas do planalto paulistano (em bairros como Cumbica, Bonsucesso, São João entre outros) e atingiu também morros do Planalto Atlântico (em bairros como Cabuçu, Bananal, Fortaleza, Cidade Soberana entre outros).

Verifica-se, assim, maior perda de atributos geomorfológicos no planalto Paulistano, o qual atualmente é densamente urbanizado. Os morros e serras do Planalto Atlântico, os quais foram parcialmente urbanizados, apresentam potenciais geomorfossítios ainda preservados, porém com riscos de impactos, considerando a dinâmica de expansão urbana no município. Um exemplo é o mirante Nhangussu, o qual localiza-se em uma área de expansão urbana potencial (Figura 6).

Expansão urbana nos arredores do Mirante Nhangussu



Figura 6: Expansão urbana nos arredores do Mirante Nhangussu (2025). Org. Rodrigues, B.S. (2025)

Neste sentido, patrimônios geomorfológicos associados ao Planalto Atlântico em Guarulhos apresentam grande potencial para a conservação, demandando-se de integração de ações de gestão territorial, ambiental e urbano, além do inventário e aplicação de instrumentos específicos de conservação e manejo da geodiversidade, como a iniciativa dos GeoParques (especificamente, o projeto GeoParque Ciclo do Ouro). Por outro lado, remanescentes morfológicos preservados ou semi-preservados do Planalto Paulistano são relevantes também para ações de conservação e manejo, tal como ocorre em parques urbanos municipal, cujo exemplo é o Bosque Maia, na área central de Guarulhos, o qual conserva nichos de nascentes ativos de afluentes do Ribeirão das Cubas.

As unidades de planícies fluviais também foram intensamente urbanizadas, especialmente na bacia de circunvalação (área central do município) e bacias do rio Cabuçu de Cima e Baquirivu-Guaçu. Estas planícies encontram-se densamente ocupadas, com canais fluviais retificados e, em alguns casos, tamponados e níveis de planície de inundação e terraço fluvial aterrados e impermeabilizados. Verifica-se ainda que muitas planícies apresentam periodicamente inundações, cuja ocorrência deve-se a associação dos processos originais destas áreas com obras hidráulicas nos rios e impermeabilização intensa de bacias hidrográficas.

Destaca-se ainda na área urbana de Guarulhos a planície do rio Tietê, cuja parte de sua extensão apresente atributos geomorfológicos semi-preservados em função das restrições de ocupação pela Área de Proteção Ambiental Várzea do rio Tietê (APA VRT), caracterizando a área como um remanescente representativo da geodiversidade do município e da própria RMSP. Neste sentido, é válido salientar que outros remanescentes de planície fluvial do município, como setores de planície do rio Jaguari, ribeirão Tomé Gonçalves e ribeirão das Lavras podem representar também potenciais patrimônios geomorfológicos.

Uma breve conclusão

O conjunto de sistematizações desenvolvidas permitiram, a partir do escopo da geomorfologia, identificar elementos da geodiversidade do município de Guarulhos. Esta geodiversidade, expressa a partir das formas de relevo, foi elemento importante no processo histórico de formação territorial e socioespacial de Guarulhos e ainda na atualidade, é um aspecto fundamental no que se refere à questão ambiental e gestão urbano-territorial no município, além de importantes interfaces com conservação do patrimônio histórico e cultural.

Neste sentido, a geomorfologia, a partir de seu escopo e recursos teóricos-metodológicos, têm potencial para reconhecimento e delimitação de unidades espaciais para conversação da geodiversidade, expressos a partir de geomorfossítios que abrangem elementos de excepcionalidade ou representatividade em no território Guarulhense. Reforça-se que se demandam, para o futuro, esforços de inventário, caracterização, seleção, mapeamento e conservação destes patrimônios, considerando principalmente o avanço da urbanização.

A geração e atualização de bases de dados municipal sobre meio físico e ocupação territorial inclusive é uma demanda importante para avanços no reconhecimento e conservação da geodiversidade e geomorfossítios do município, uma vez que o reconhecimento destes elementos demanda um sólido (e atualizado) conjunto de dados. A pesquisa básica em geomorfologia, em especial a morfogênese e morfodinâmica dos potenciais geomorfossítios elencados também é necessária como subsídio para seu adequado inventário e conservação.

Por fim, se destaca que as abordagens metodológicas possíveis são plurais mas algumas questões-chave se colocam sobre o contexto de Guarulhos, incluindo a relação entre geomorfodiversidade e a urbanização, as relações específicas entre litologia e relevo nos geomorfossítios, os elementos de representatividade e excepcionalidade dos geomorfossítios no contexto guarulhense, a associação de valores histórico e ambientais nos geomorfossítios, a integração da geodiversidade na identidade e memória guarulhense e a participação das comunidades no processo de inventário e proteção a esses sítios.

Referências Bibliográficas

AGUILAR, A. P. et. al. Geoparque Ciclo do Ouro, Guarulhos (SP). In: SCHOBENHAUS, C.; SILVA, C. R. (org.) Geoparques do Brasil-Propostas (Volume 1). Rio de Janeiro: CPRM, 2012, p. 545-582.

CORATZA, P.; HOBLÉA, F. The Specificities of Geomorphological Heritage In: REYNARD, E.; BRILHA, J. (ed). Geoheritage: Assessment, Protection, and Management. Amsterdam: Elsevier, 2018, p. 87-106.

COUTINHO, J. M. V. Mapa geológico de São Paulo e arredores. Boletim IG, v. 3, p. 1-1, 1972

HART, M. G. Geomorphology Pure and Applied. Londres: Allen & Unwin (Publishers) Ltd., 1986.

JULIANI, C. Geologia, petrogênese e aspectos metalogenéticos dos grupos Serra do Itaberaba e São Roque na região das Serras do Itaberaba e da Pedra Branca, NE da Cidade de São Paulo, SP. 1993. Tese (Doutorado em Mineralogia e Petrologia) - Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

JULIANI, C; BELJAVSKIS, P. Revisão da litoestratigrafia da faixa São Roque/Serra do Itaberaba - SP. Revista do Instituto Geológico, [S.L.], v. 16, n. 1-2, p. 33-58, 1995. Disponível em: <https://revistaig.emnuvens.com.br/rig/article/view/269>. Acesso em 08 janeiro 2025.

MOURA-FÉ, M. M. de. Inventário do Patrimônio Geomorfológico: método de seleção, avaliação e classificação de geomorfossítios e sítios geomorfológicos. Physis Terrae - Revista Ibero-Afro-Americana de Geografia Física e Ambiente, Guimarães, Portugal, v. 6, n. 1, p. 1–23, 2024. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/physisterrae/article/view/5938>. Acesso em: 24 ago. 2025.

OLIVEIRA, E. S. Ciclo do tijolo, imigração, trabalho assalariado, agricultura e comércio In: OMAR, E. E. H. (org.) Guarulhos tem história: questões sobre história natural, social e cultural. São Paulo: Editora Ananda Gráfica, 2008, p.97-105.

RICCOMINI, C. O Rift Continental do Sudeste do Brasil. 1990. Tese (Doutorado em Geologia Sedimentar) - Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

RODRIGUES, C. A urbanização da Metrópole sob a perspectiva da Geomorfologia: Tributo a leituras geográficas. In: Carlos, A. F. A. OLIVEIRA, A. U. de. Geografias de São Paulo: Representações e Crises da Métropole. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

RODRIGUES, C. Morfologia Original e Morfologia Antropogênica na definição de unidades espaciais de planejamento urbano: exemplo na Metrópole Paulista. Revista do Departamento de Geografia da USP. São Paulo, v. 17 p. 101-111, 2005. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rdg/article/view/47278/51014>. Acesso em: 08 janeiro 2025.

RODRIGUES, C. Atributos ambientais no ordenamento territorial urbano: o exemplo das planícies fluviais na metrópole de São Paulo. Geosp-Espaço e Tempo. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 325-348, 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geosp/article/view/102805>. Acesso em: 24 agosto 2025.

RODRIGUES, B. S. Mudanças antropogênicas em planícies fluviais urbanizadas: o caso da Planície do rio Baquirivu-Guaçu (RMSP). 2021. Trabalho de Graduação Individual (Graduação em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

ROSS, J. L. S. O Registro Cartográfico dos Fatos Geomorfológicos e a questão da Taxonomia do relevo. Revista do Departamento de Geografia da USP. São Paulo, v. 6, p.17 -29, 1992. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47108>> . Acesso em: 24 agosto 2025.

ROSS, J. L. S. MOROZ, I. C. Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo. Revista do Departamento de Geografia da USP. São Paulo, v. 10, p. 41-58 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/53703>>. Acesso em: 24 agosto 2025.

SANTOS, F. M. Caracterização Geoambiental das Cachoeiras do Município de Guarulhos/SP: uma avaliação do seu potencial geoturístico. Dissertação (Mestrado em Análise Geombiental), Universidade de Guarulhos, Guarulhos, 2015

CAPÍTULO IV

“E toda cidade é d'Oxum”: levantamento e mapeamento das comunidades tradicionais de terreiro através da coluna Voz de Obatalá na Folha Metropolitana (1979-1980)

Laura Finesso Chalegre

Introdução

A palavra de origem yorubá¹ “axé” (àṣẹ), dentro das cosmo-percepções de matriz africana, carrega inúmeros significados: é a força vital que move e supre todos os seres vivos; é a força das divindades; é benção, boa sorte e poder. De todas as definições que uma única palavra pode carregar, talvez a que melhor sintetiza o que “axé” significa é potência. É a partir dessa potência que as populações negro-africanas mantiveram suas religiosidades vivas mediante séculos de escravização, transmitindo essa ritualística através da oralidade e de um conjunto litúrgico complexo.

No Brasil, o principal expoente desse processo são os Candomblés – e o uso do plural é importante considerando as diferentes “nações”, como são chamadas as tradições herdadas dos grupos vindos de várias localizações do continente africano. Conforme o sociólogo francês Roger Bastide (1961),

1 Na atualidade, o termo yorubá diz respeito a um grupo linguístico que abrange algumas regiões da Nigéria, Benin e Togo; e, apesar de variações institucionais, designa uma unidade de tradições que teria origem na cidade de Ilé Ifé, situado no oeste da Nigéria, de onde proveio grande parte das dinastias dos diferentes reinos, e que é o centro religioso yorubá (Sodré, 1988, p. 49).

Os candomblés pertencem a “nações” diversas e perpetuam, portanto, tradições diferentes: angola, congo, jeje (isto é, euê), nagô (termo com que os franceses designavam todos os negros de fala iorubá, da Costa dos Escravos), queto, ijexá. É possível distinguir essas ‘nações’ umas das outras pela maneira de tocar o tambor (seja com a mão, seja com varetas), pela música, pelo idioma dos cânticos, pelas vestes litúrgicas, algumas vezes pelos nomes das divindades, e enfim por certos traços do ritual. (Bastide, 1961, p. 29).

Além dos Candomblés, a presença do catolicismo imposto pelos colonizadores portugueses e as cosmopercepções indígenas são expressivas no território brasileiro, o que gera uma intrincada encruzilhada de saberes e práticas religiosas. A partir dessa confluência surge a Umbanda, a Jurema Sagrada e muitas outras tradições, conjunto que aqui chamaremos de Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro)².

As conceituações de terreiro são amplas e trabalhadas por diversos pesquisadores, mas a definição que o sociólogo e jornalista Muniz Sodré faz em seu livro *O Terreiro e a Cidade* (1988) é pontual: trata-se de um suporte territorial político-mítico-religioso para a perpetuação da cultura do negro escravizado e dos indígenas face aos embustes dos senhores, que tentam ter controle sobre o espaço da cidade – e como o autor bem coloca, “a redefinição de cidadania passa necessariamente pelo remanejamento do espaço territorial em todo o alcance dessa expressão” (Sodré, 1988, p. 18). O território é central, independente de suas dimensões, pois condensa em si a simbologia de um cosmos que é responsável por recompor a identidade, cultura e dar meios para a resistência dos negros brasileiros; o que Sodré nomeia como “reterritorialização”.

2 Optamos por utilizar este termo para evitar invisibilizar quaisquer tradições que não sejam os Candomblés e as Umbandas, visto que essa designação abrange uma multiplicidade de práticas afro-índigenas. Ademais, a abreviação CTTro será utilizada ao longo do texto para facilitar a leitura.

Tendo em vista a centralidade do território para as religiões afro-indígenas³, o estudo da distribuição espacial dos terreiros na contemporaneidade é essencial para se ter noção de como acontece a expansão e fixação dessas religiões. Por essa razão, o presente artigo visa apresentar um levantamento e mapeamento das Comunidades Tradicionais de Terreiro em Guarulhos, que utilizou como fonte principal a coluna Voz de Obatalá⁴, publicada no jornal Folha Metropolitana entre março de 1979 e janeiro de 1980. Embora o periódico circulasse por toda a região metropolitana, a existência de um espaço dedicado às religiosidades de matriz afro-índigena na imprensa é excepcional, sobretudo considerando que algumas edições traziam listagens de terreiros de Umbanda, Candomblé e Jurema Sagrada. Esse material constitui uma fonte inestimável para a análise da territorialidade religiosa negro-africana e indígena em Guarulhos e no estado de São Paulo. Para fazer essa reflexão, ao longo do texto serão apresentadas as CTs mencionadas no jornal, suas tradições, seus dirigentes e outros aspectos relevantes que podemos apreender através dos dados obtidos.

“Nós usamos o pseudônimo Eu de Xangô, porque somos filhos de Xangô e também porque podemos usá-lo”: fonte e metodologia

O primeiro jornal diário de Guarulhos, o Guarú News, foi fundado em 7 de setembro de 1971 por Paschoal Thomeu, um empresário e político da cidade – que, junto de Silvio de Souza Pinheiro, encabeçaram a construção do parque gráfico na região do Bonsucesso, o que tornou possível a impressão do jornal em escala

3 Foi escolhida a expressão “religiões afro-indígenas” em detrimento de “afro-brasileiras” ou “de matriz africana” como forma de reconhecer e valorizar a raiz indígena que muitas dessas religiosidades carregam.

4 Por mais que em seu anúncio a coluna seja chamada de A Voz de Obatalá, e por vezes o colunista referencie-a como Voz de Batalá, este texto utilizará Voz de Obatalá por ser a denominação mais utilizada na fonte.

industrial (Carvalho, 2014, p. 76). O Guarú News passou a chamar-se Folha Metropolitana em 1976, com o objetivo de ter capilaridade e circular nas regiões vizinhas, como Tatuapé e Penha, e sua publicação acontecia entre as terças-feiras e domingos. Seu acervo está disponível para consulta física no Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos.

A coluna Voz de Obatalá, por sua vez, foi anunciada no nº 1910 da Folha, em 02 de março de 1979 na primeira página, como pode ser visto abaixo.

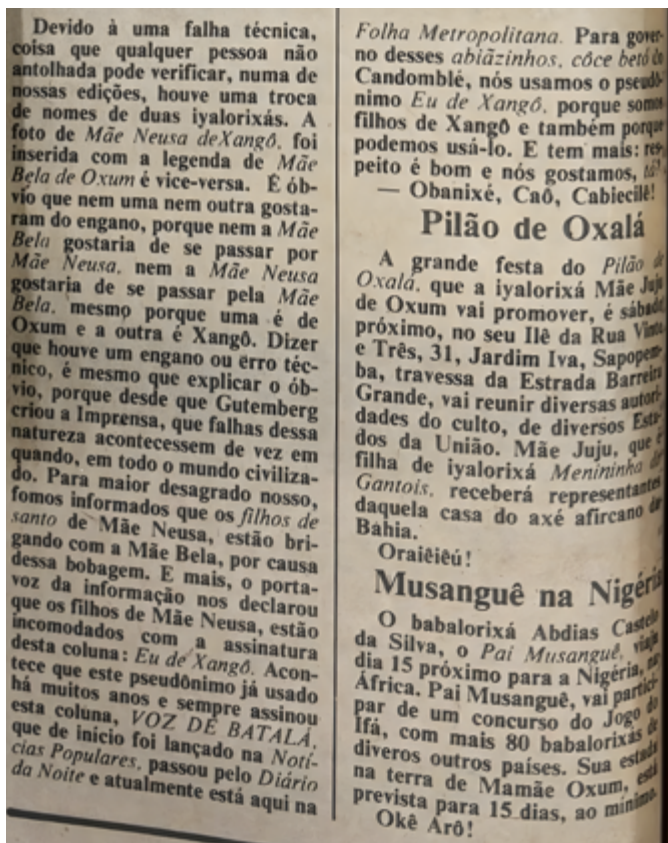


Fonte: Acervo Folha Metropolitana, disponível para consulta no Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos.

Assinada pelo pseudônimo "Eu de Xangô", a coluna pretendia noticiar os acontecimentos sobre a Umbanda e o Candomblé em Guarulhos e na Zona Leste de São Paulo, e tornou-se, portanto, um registro excepcional do cotidiano religioso afro-indígena da cidade e arredores que merece a devida atenção. A Voz de Obatalá relatava os aniversários de dirigentes religiosos, mortes, rituais, festas e até mesmo desentendimentos entre os filhos de casas diferentes.

Um exemplo disso é a edição de nº 2018 (ver imagem abaixo), publicada em 12 de julho de 1979, em que o colunista tenta esclare-

cer um mal entendido: na edição anterior, houve uma falha técnica que fez com que a foto da Mãe Neusa de Xangô fosse inserida com o nome da Mãe Bela de Oxum e vice-versa. Acontece que os filhos de santo delas brigaram entre si e com o colunista, o que gerou uma seção toda da coluna dedicada ao assunto.



Fonte: Acervo Folha Metropolitana, disponível para consulta no Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos.

O curioso é que, a partir desse quiproquó e da resposta afiada, informações importantes sobre a coluna foram reveladas: a primeira é que ela foi publicada no *Notícias Populares* e no *Diário da Noite* antes de ir para a *Folha Metropolitana*, e a segunda é que se trata de mais de um colunista, como fica claro com o uso do plural no trecho “Nós usamos o pseudônimo Eu

de Xangô, porque somos filhos de Xangô e também porque podemos usá-lo”.

Através de duas visitas ao Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos, foram consultadas todas as edições da Folha Metropolitana de 1979 e as de janeiro a março de 1980. Foram feitos registros fotográficos das 4 prévias da coluna e 118 edições em que a Voz de Obatalá foi publicada, através dos quais foi possível atribuir uma notação e, consequentemente, catalogar a fonte.

A catalogação consistiu em registrar em diferentes campos de uma planilha o ano, número, data de publicação, notação⁵ atribuída e observações relevantes. Depois, todas as fotografias foram revisadas para que fosse possível realizar o levantamento das CT*Tro guarulhenses citadas na coluna – 98 no total, em sua grande maioria mencionadas quando os colunistas decidiram reproduzir uma lista de filiados à União Municipal de Umbanda e Candomblé de Guarulhos (UMUG), distribuída nos números 1960, 1963 e 1966 do jornal. Dois dos endereços de filiados à UMUG presentes nas listagens não são de Guarulhos, e sim do Jardim Helena - S. Miguel Paulista e da Vila Nova Galvão - São Paulo, mas nos deteremos nessa observação em outro momento.

Tabela mencionada no Voz de Obatalá						
Notação	Edição	Ano	Coleção	Nome	Endereço	Observação
VDO_001_N1925_20_03_1979	1925	1979	2003	Nome do colunista de Obatalá e Candomblé "Xangô"	Rua Juba	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá
VDO_002_N1960_02_03_1979	1960	1979	2004	Nome do colunista de Obatalá e Candomblé "Xangô"	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá
VDO_003_N1963_02_03_1979	1963	1979	2103	Nome do colunista de Obatalá e Candomblé "Xangô"	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá
VDO_004_N1966_02_03_1979	1966	1979	2104	Nome do colunista de Obatalá e Candomblé "Xangô"	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá
VDO_005_N1960_02_03_1979	1960	1979	2105	Nome do colunista de Obatalá e Candomblé "Xangô"	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá
VDO_006_N1963_02_03_1979	1963	1979	2106	Nome do colunista de Obatalá e Candomblé "Xangô"	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá
VDO_007_N1966_02_03_1979	1966	1979	2107	Nome do colunista de Obatalá e Candomblé "Xangô"	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá
VDO_008_N1960_02_03_1979	1960	1979	2108	Nome do colunista de Obatalá e Candomblé "Xangô"	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá
VDO_009_N1963_02_03_1979	1963	1979	2109	Nome do colunista de Obatalá e Candomblé "Xangô"	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá	Rua Grande - Rod. para de Juba, nº 9 - Jardim Obatalá

Fonte: Planilha para catalogação de elaboração própria (2025).

Como é possível ver no exemplo acima, existem lacunas, visto que algumas CT*Tro não apresentam nome, o dirigente ou endereço – no caso deste último, em alguns casos a informação está incompleta, constando apenas a rua ou o bairro. De toda forma, os dados

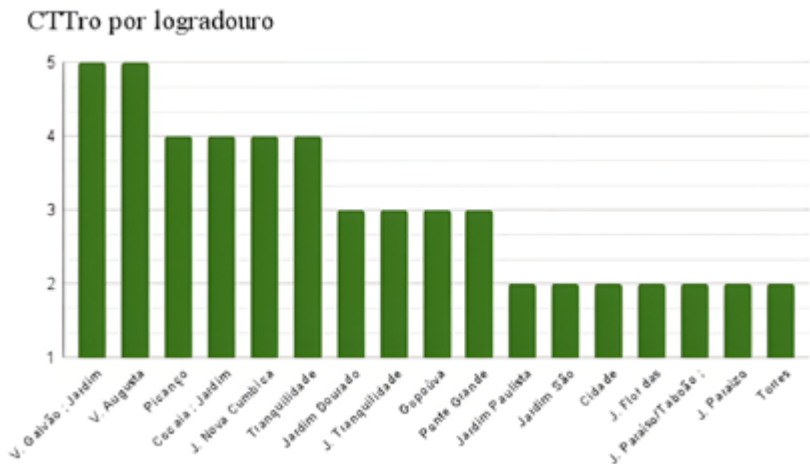
5 São duas as notações atribuídas, sendo a das prévias da publicação da coluna, por exemplo: VDO_PREVIA_n1910_02_03_1979 (sendo VDO de Voz de Obatalá, PREVIA para sinalizar que são os anúncios da coluna, nº da edição e data de publicação em seguida). Já a notação das edições definitivas são, por exemplo: VDO_001_N1925_20_03_1979 – em que a diferença é apenas a substituição de PREVIA por um sequencial de três dígitos, que vai de 001 a 118.

obtidos levaram a certas interpretações e suscitaram alguns questionamentos sobre a fonte, que serão tratados a seguir.

Dados obtidos e possíveis interpretações

Após o levantamento de informações sobre as CT^{Tro}, uma sistematização foi realizada, com o intuito de identificar os logradouros mais comumente citados, o gênero dos dirigentes e as tradições. Com essa estruturação feita, foram desenvolvidos gráficos, sendo o primeiro o de agrupamento das CT^{Tro} por logradouros (optou-se por essa expressão, tendo em vista que algumas denominações que conhecemos atualmente como “bairros” eram loteamentos à época), que apresenta todos os logradouros com a presença de dois ou mais terreiros, totalizando 52 CT^{Tro} – restando, portanto, 42 outros logradouros que apresentam apenas um terreiro e 2 logradouros que fazem divisa com Guarulhos.

Gráfico I - Agrupamento de Comunidades Tradicionais de Terreiro por logradouros.



Fonte: Elaboração própria através dos dados obtidos na coluna Voz de Obatalá da Folha Metropolitana (2025).

Pode-se observar que os dois locais com mais CT^TTro são a Vila Galvão/Jardim Vila Galvão e a Vila Augusta. Ainda que muito da configuração urbana de Guarulhos tenha mudado muito desde 1980, esses são lugares que ainda existem e nos chama a atenção por serem na região central do município – não apenas os mencionados, mas pelo menos, mais da metade dos que aparecem no gráfico.

Isso não quer dizer que a região central de Guarulhos é a que mais tem terreiros. Mas, uma possível interpretação para essa forte concentração é que a UMUG tinha maior capilaridade nesse território, o que explica a grande quantidade de CT^TTro filiados e listados na Voz de Obatalá. Outra hipótese, em torno dos dados que não tem origem na listagem de filiados à UMUG, é que os colonistas tinham maior contato com os terreiros nessa mesma região, fazendo com que as CT^TTro da periferia do município sejam pouco mencionadas.

Inclusive, considerado o primeiro terreiro de Candomblé da cidade, o Ilê Orinxalá Funfun, dirigido por Babá Idérito, não foi mencionado em nenhum momento ao longo de toda a coluna. Esse fato é curioso, considerando que os colonistas pretendiam registrar e propagar a história dos cultos afro-indígenas no município e na região metropolitana, mas não falam do terreiro que Reginaldo Prandi chamou no clássico *Os Candomblés de São Paulo* (1991) de “terreiro de candomblé talvez mais africanizado do país” (Prandi, 1991, p. 99).⁶

Outro aspecto previamente mencionado é a presença de dois logradouros que não fazem parte do município, mas que foram in-

6 A alcunha de “terreiro mais africanizado do país” que Prandi atribui ao Ilê Orinxalá Funfun advém da descendência direta do Ilê Iyá Omi Àse Iyamasé, conhecido popularmente como Gantois, onde Babá Idérito foi iniciado por Mãe Menininha. Para além disso, ele também realizou diversas viagens para o continente africano, onde recebeu até mesmo um título do próprio rei de Ifon, o Olufon. Para mais informações sobre o Ilê Orinxalá Funfun, ver: CAMPOS, D. C. dos; FERREIRA, J. A.; OLIVEIRA, E. S. de. *Revelando a História dos Pimentas e Região: nossa cidade, nossos bairros!*. São Paulo: Editora Noovha América, 2014.

cluídos no levantamento: Jardim Helena - S. Miguel Paulista e da Vila Nova Galvão - São Paulo. A contabilização desses locais é ilustrativa, visto que à época ambas as localidades já eram consideradas fronteiriças com o município, mas ainda assim foram incluídas em uma união municipal de Guarulhos. Pode-se interpretar, através disso, que há uma identidade comum entre essas regiões que não é delimitada necessariamente pelo limite municipal, como o historiador Carlos José Ferreira dos Santos (Casé Angatu) sinaliza no seu livro *Identidade Urbana e Globalização: A formação dos múltiplos territórios em Guarulhos/SP* (2006):

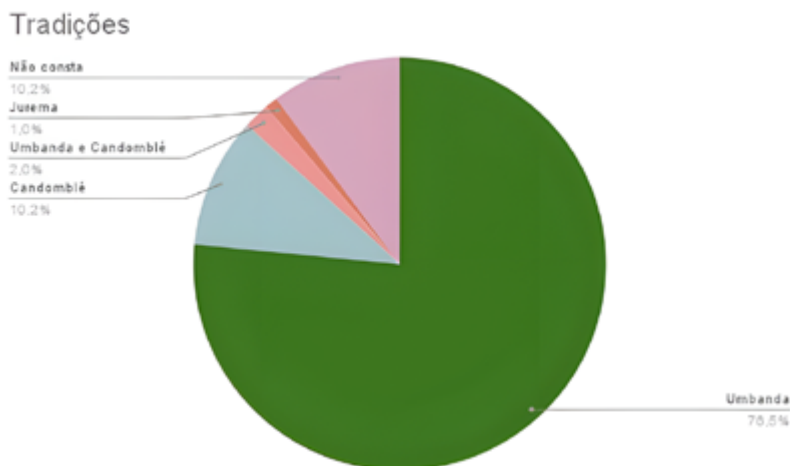
Todas essas fontes remetem à existência desse Aldeamento de São Miguel que, nas primeiras décadas do século XX, tornou-se um bairro com o mesmo nome, correspondendo hoje à região dos Bairros Pimentas e Itaim (Zona Leste de Guarulhos).

Portanto, temos elementos que assinalam a existência de ritmos diferenciados no desenvolvimento histórico das diferentes áreas que formaram o município desde a Colônia e o Império, resultando na formação de identidades também diversas das costumeiramente atribuídas a Guarulhos. No caso dos atuais Bairros Pimentas e Itaim, provavelmente ocorreu uma dinâmica próxima à existente na região do atual bairro paulistano de São Miguel Paulista (núcleo central do Aldeamento de São Miguel de Ururá). (Santos, 2006, p. 48).

Outro agrupamento realizado foi o das tradições das CTTro listadas na Voz de Obatalá. Vale ressaltar que essa identificação foi atribuída de acordo com o nome dos terreiros, por exemplo a “Tenda Espírita de Umbanda e Candomblé ‘Xangô Africano’” foi indicada na planilha como Umbanda, e “Yamin Oxum Myuá”, por sua vez, como Candomblé. Ademais, abreviações como T. U. foram interpretadas como Tenda de Umbanda ou Templo de Umbanda, e C. E. como Centro Espírita. Este último não foi colocado à parte no gráfico, pois sempre vinha acompanhado de expressões como “de Umbanda” ou “de Candomblé”. Portanto, as tradições são, em grande parte, atribuídas – visto que um terreiro pode ter um nome

que indique Umbanda, porém realizar ritos candomblecistas, e vice-versa. É importante ter isso em mente, para não levar esses dados como certezas absolutas, e sim como aproximações e deduções.

Gráfico II - Agrupamento de tradições.



Fonte: Elaboração própria através dos dados obtidos na coluna Voz de Obatalá da Folha Metropolitana (2025).

A partir do gráfico, o que fica latente é a grande presença da tradição umbandista no município, seguida pelos Candomblés, por CTTro que cultuam tanto as Umbandas como os Candomblés, e um dado surpreendente: a sinalização de um terreiro como de tradição da Jurema⁷, o que demonstra o influxo das migrações nordestinas sobre os cultos afro-indígenas guarulhenses.

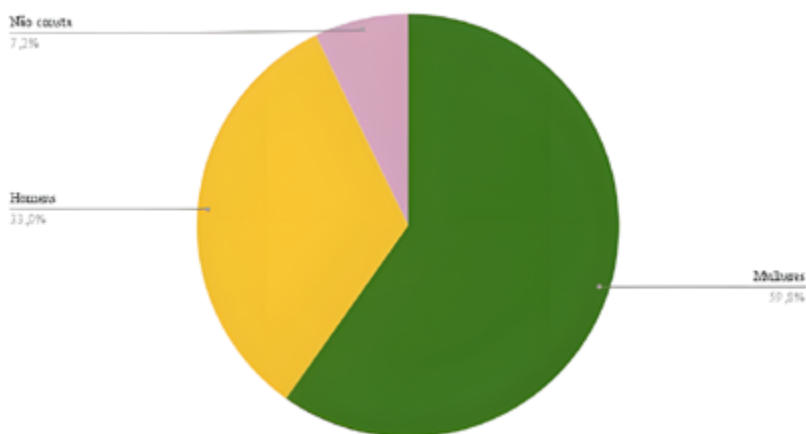
⁷ Denominada em diferentes fontes como Jurema, Jurema Sagrado, Catimbó e Catimbó de Jurema. Pode ser definida como práticas mágico-religiosas em torno da planta homônima, herdadas de indígenas do nordeste e com elementos do Catolicismo, Umbanda, Candomblé e Espiritismo. A conceituação de Jurema, portanto, é múltipla, podendo significar a bebida feita a partir da tronqueira da árvore de mesmo nome, uma religião e ritos realizados dentro desta, a entidade Cabocla Jurema, entre outras coisas (SAMPAIO, 2016). O berço dessa religiosidade é Alhandra, na Paraíba, e portanto sua presença no sudeste demonstra influência direta das migrações nordestinas para o estado de São Paulo.

Por fim, uma parcela de 10,2% que não foi possível identificar a tradição.

Ainda, outra caracterização central para essa pesquisa foi a tentativa de distinguir os gêneros das lideranças de terreiro. Compreende-se que as lideranças de terreiro não se restringem apenas ao campo religioso, visto que suas atuações, muitas vezes, abrangem a política e a cultura. Deste modo, é essencial ter uma noção de quem eram os agentes sociais, políticos e culturais que estavam atuando na época.

Esta especificação é atribuída de acordo com os nomes dos dirigentes conforme foram citados, então, trata-se igualmente de aproximações e deduções – assim como no caso das tradições.

Gráfico III - Gêneros nas lideranças das CTTro.



Fonte: Elaboração própria através dos dados obtidos na coluna Voz de Obatalá da Folha Metropolitana (2025).

Quase 60% das lideranças foram tipificadas como mulheres, seguidas por 33% e 7,2% que não consta ou não foi possível identificar. A constatação da agência feminina nas religiões afro-indígenas não é uma surpresa, contudo, é sempre válido relembrar e dar a

devida importância. O começo dos Candomblés nos moldes que conhecemos no Brasil, por exemplo, aconteceu a partir de três mulheres negras de origem africana: Iyá Dêta, Iyá Kala e Iyá Nassô, que segundo Edison Carneiro em seu livro *Candomblés da Bahia* (1985) foram as fundadoras do Ilê Iyá Nassô, conhecido popularmente como a Casa Branca do Engenho Velho, em meados de 1830 – o primeiro terreiro de Candomblé do Brasil e casa-matriz de muitos outros terreiros.

Nos séculos que se seguiram, as mulheres foram as principais responsáveis pela manutenção e propagação das comunidades tradicionais de terreiro. Mesmo que os homens, muito recentemente, tenham passado a ter papéis que antes não lhes era possível, como de babalorixá (pai de santo), as mulheres seguem sendo o alicerce das religiões de matriz afro-indígena – no âmbito organizacional, como explica Edison Carneiro:

Com efeito, a chefia espiritual e temporal da casa de culto está entregue a uma mulher (a mãe), que escolhe para sua assistente imediata, seu braço direito, outra mulher (a mãe-pequena), para dirigir a massa de mulheres (as filhas) que deve contribuir para o melhor entendimento entre os homens e os orixás. O cuidado desses orixás está a cargo de mulheres (as filhas), que por sua vez recrutaram, para auxiliá-las, outras mulheres (as êkédés). Nestas atividades se cifra todo o objetivo do candomblé – o de homenagear os orixás, preparar cavalos para recebê-los, conseguir que desçam entre os humanos para lhes tornarem a vida mais suave e mais rica em prazeres materiais e espirituais. Outras mulheres, ainda, se encarregam de funções administrativas dentro da comunidade. (Carneiro, 1985, p. 144).

E no âmbito espiritual, as mães-ancestrais (Iyami Oxorongá) são a representação do princípio ancestral de onde tudo se origina⁸,

8 Em yorubá, “Iyámi” significa minha mãe, e “Òṣòròngà” pode ser traduzido como pássaro ou feitiçeira. A grafia “Iyami Oxorongá” foi utilizada por ser a mais comum em território brasileiro. Sobre seu culto e simbologia, ver: SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

essencialmente feminino, o que expressa a centralidade das mulheres na ritualística. Com isso, reconhecer como as mulheres são protagonistas na coluna – mesmo que o levantamento e mapeamento represente apenas uma fração das CTTros no município – serve para relembrar a agência feminina no território guarulhense, muitas vezes invisibilizadas.

Encruzilhadas, ou algumas conclusões

Uma encruzilhada que a Voz de Obatalá representou ao longo desse levantamento e mapeamento foram as diferentes grafias para os mesmos logradouros, ou a indicação de mais de um logradouro para o mesmo endereço, como por exemplo “V. São Rafael/Tranquilidade”. Junto a isso, as mudanças intensas da configuração urbana no município torna difícil a localização de alguns terreiros, visto que nos últimos 46 anos bairros foram criados ou mudaram de nome, loteamentos foram agrupados em bairros diferentes do que foi indicado em 1980, entre outras transformações. Dessa forma, não foi possível fazer o mapeamento para além da sistematização e interpretação dos dados, conforme era a intenção anteriormente, porque nenhum dos mapas de 1980 utilizados como base continham todos os logradouros referenciados na fonte.

Apesar disso, pode-se concluir através dos dados obtidos que a maioria esmagadora das CTTros citados no jornal são da região central do município e regiões adjacentes, o que levanta o questionamento acerca de uma possível proximidade dos colonistas da Voz de Obatalá com os terreiros do centro de Guarulhos. Essa observação provém da constatação de que os mesmos terreiros são citados com maior frequência: o de Tia Júlia (sem nome), o Ilê Axé da Oxum de Mãe Bela de Oxum, a Tenda de Umbanda Vovó Rosa de Mãe Durvalina (conhecida como Vovó Rosa), dentre outros.

Outra pergunta que surgiu através das listagens de filiados à UMUG é se sua capilaridade era maior na região central de Guarulhos e adjacências, tendo em vista a grande quantidade de filiados que tinham seus endereços nessa localidade. Essa é uma questão que vale ser aprofundada posteriormente em outros trabalhos, para compreender a extensão e atuação de uma instituição de no mínimo 46 anos de existência, e que pode conter informações importantes em torno da presença das religiões afro-indígenas em Guarulhos.

Mas, o que talvez mais tenha chamado a atenção, é a ausência completa de debates políticos e sociais na coluna Voz de Obatalá. Não se fala de intolerância religiosa, racismo religioso, políticas para os adeptos das religiões afro-indígenas e nada que passe perto disso. É quase como se a presença desses terreiros em Guarulhos encontrasse um cenário idílico e perfeito, quando se sabe que, em nenhum lugar do Brasil, uma comunidade tradicional pode existir sem enfrentar dificuldades. Considerando o caráter essencialmente negro e indígena dessas religiosidades, surpreende que, em 122 edições, os aspectos de raça e gênero não tenham sido mencionados nenhuma vez.

Apesar desses panoramas, no mínimo intrigantes, conclui-se que a coluna Voz de Obatalá desempenhou papel importante na visibilidade e legitimação pública das religiões afro-indígenas em Guarulhos, servindo como ferramenta de afirmação social e religiosa – mesmo sem mencionar, em nenhum momento, aspectos socio-políticos. Isso porque a coluna se concretiza como um registro histórico das práticas cotidianas e redes de solidariedade dos terreiros guarulhenses, demonstrando a inserção desses grupos na dinâmica urbana da cidade. Nesse sentido, os atendimentos feitos pelas mães e pais de santo, as distribuições de doces no dia de Cosme e Damião, dentre outras diversas atividades que os terreiros realizavam, podem ser considerados de assistência comunitária.

Ademais, a Voz de Obatalá torna-se essencial para a análise da presença de religiões negro-africanas e indígenas em território guarulhense, por propiciar um panorama de quantas eram, suas tradições, os gêneros das lideranças e os seus endereços. Essa riqueza de informações serve para situar Guarulhos enquanto um lugar fundamental para se estudar a História e a presença das Comunidades Tradicionais de Terreiro em São Paulo, como a pesquisa da arqueóloga Cláudia Regina Plens (2014) já conclui: trata-se do município com mais terreiros per capita do estado. Consequentemente, há muito que se falar de Guarulhos em torno desse assunto, e muito mais a se descobrir sobre suas relações com as religiosidades afro-indígenas.

Referências bibliográficas

BASTIDE, Roger. O candomblé da Bahia (rito nagô). São Paulo; Brasiliana, 2001.

CAMPOS, D. C. dos; FERREIRA, J. A.; OLIVEIRA, E. S. de. Revelando a História dos Pimentas e Região: nossa cidade, nossos bairros!. São Paulo: Editora Noovha América, 2014.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. “A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador”. In: VILLAÇA, Mariana Martins e PRADO, Maria Ligia Coelho (Org.). História das Américas: fontes e abordagens historiográficas. São Paulo: Humanitas ; CAPES, 2015, p. 114-136.

CARNEIRO, Edison. Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

CARVALHO, Bruno Leite de. Folha Metropolitana: a construção de uma identidade na edição comemorativa do aniversário de

Guarulhos de 416 anos. In: AAPAH (org.) Signos e significados em Guarulhos: identidade, urbanização e exclusão. Guarulhos: AAPAH, 2014.

LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla B. (Org.). Fontes históricas. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 111-153.

MICHELETTTO, Eduardo. Folha Metropolitana celebra 54 anos como referência do jornalismo em Guarulhos. Folha Metropolitana, 2025. Disponível em: <https://www.fmetropolitana.com.br/folha-metropolitana-celebra-54-anos-como-referencia-do-jornalismo-em-guarulhos/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

PLENS, C. R. Lugares de religião de matriz africana no território de Guarulhos. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, [S. l.], n. 26, p. 151-162, 2016. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2016.119019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/119019>. Acesso em: 19 jan. 2024.

PRANDI, Reginaldo. Os Candomblés de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1991.

SAMPAIO, Dilaine Soares. Catimbó e Jurema: uma recuperação e uma análise dos olhares pioneiros. Debates do NER, p. 151-194, 2016.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Identidade urbana e globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos-SP. Annablume, 2006.

SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nagô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

CAPÍTULO V

Ação Integralista Brasileira entra em cena: Considerações preliminares sobre os camisas-verdes em Guarulhos

Júlio Bueno Rosa

No dia 28 de setembro de 2020, entre as 18h30 e 21h30, no Anfiteatro Guimarães Rosa do Centro Universitário Metropolitano de São Paulo (FIG-UNIMESP), localizado na Vila Rosália, ocorreu um importante marco organizativo da extrema direita em Guarulhos: o 1º Seminário Conservador do Alto Tietê¹. Embora o movimento Direita Guarulhos e Alto Tietê atuasse na promoção de palestras pela cidade com o intuito de difundir as “ideias conservadoras de direita para as igrejas, grupos cristãos e os jovens”² na década passada, foi durante esse seminário, articulado em um momento que ainda não havia no Brasil vacina contra o vírus da COVID-19, que Rodrigo Tavares — o então candidato à Prefeitura de Guarulhos pelo PRTB — conseguiu reunir no município integrantes da família Bolsonaro, como Valéria e Eduardo, deputados federais e estaduais por São Paulo e filiados, na época, ao PSL, como Guiga Peixoto e Carla Zambelli, Tenente Nascimento e Castello Branco, assim como palestrantes conservadores, como D. Bertrand de Orléans e Bragança e o presidente do Instituto Burke, Wagner

1 Deputada Valéria Bolsonaro participa do 1º Simpósio Conservador do Alto Tietê. Deputada Estadual Valéria Bolsonaro. São Paulo, 1 out 2020. Disponível em: <http://www.valeria-bolsonaro.com.br/2020/10/01/deputada-valeria-bolsonaro-participa-do-1o-simposio-conservador-do-alto-tiete/> . Acesso em 17 jan 2026, às 15h40.

2 Direita Guarulhos recebe novo representante nas relações públicas. Folha Metropolitana. Guarulhos, 14 nov. 2018. Início. Cidade. Disponível em: <https://www.fmetropolitana.com.br/direita-guarulhos-recebe-novo-representante-nas-relacoes-publicas/> . Acesso em 17 jan 2026, às 15h45.

Lima, que discursaram para um considerável público repleto de indivíduos sem máscaras³. Tavares compreendia esse encontro como uma oportunidade de a extrema direita ampliar a sua projeção e capilaridade em Guarulhos e no Alto Tietê, conforme o excerto a seguir:

“Temos uma oportunidade única de interlocução com pensadores e players dos governos federal e estadual, com vistas ao desenvolvimento de Guarulhos e do Alto Tietê, dentro de uma perspectiva da direita conservadora. Estamos parados no tempo com a gestão atual no município, que é de continuísmo das gestões de esquerda, e desperdiça recursos públicos. Esse processo já dura 20 anos. Mas, com um projeto bem estruturado e sólido, com propostas que vem resgatando o orgulho e as tradições da sociedade, nós temos a certeza de que vamos promover novos tempos. Sempre sob a premissa de Deus, Pátria e Família”⁴.

Ainda que o sentido doutrinário e a cosmovisão teológica não fossem a mesma ao proferir o lema “Deus, Pátria e Família” enquanto um fator basilar para o projeto da extrema direita na região do Alto Tietê, Rodrigo Tavares provocou o surgimento do questionamento de uma possível influência política do Integralismo Brasileiro na cidade em que ele possuía a pretensão de governar. Apesar de não haver evidências suficientes para se apontar isso no século XXI, essa inquietação me levou a realizar uma investigação histórica a respeito da existência de uma experiência integralista em Guarulhos no século anterior. Em meio ao início da pesquisa, foi possível notar indícios da presença do Integralismo na cidade durante a segunda metade do século XX, uma vez que a saudosa Ana Maria de Almeida Camargo, ex-diretora do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro “Oscar de Arruda Penteado”, em entrevista concedida para o quadro Direitas em Foco do canal História das Direitas, vinculado ao Grupo de Trabalho História

3 Rodrigo Tavares e Eduardo Bolsonaro abrem o 1º Simpósio Conservador do Alto Tietê. Gru Diário. Guarulhos, 28 set. 2021. Início. Política. Disponível em: <https://grudiario.com.br/rodrigo-tavares-e-eduardo-bolsonaro-abrem-o-1o-simposio-conservador-do-alto-tiete/>. Acesso em 17 jan 202, às 15h55.

4 Idem.

das Direitas da ANPUH/SP, falou sobre a documentação, com aproximadamente 60 mil volumes de arquivos escritos e fotográficos ou peças tridimensionais⁵ do Fundo Plínio Salgado, ter ficado em território guarulhense durante alguns anos, antes da viúva da principal liderança integralista, Carmela Patti Salgado, tê-la transferido para Rio Claro:

“Essa documentação não estava na casa dela. Estava lá em Guarulhos, na faculdade, porque um dos diretores da faculdade de Guarulhos (...) tinha sido integralista ou tinha simpatias. E essa documentação tava toda lá, guardada numa sala. E nós providenciamos o transporte desse material todo para Rio Claro. Então, em 86, esse material chega em Rio Claro e vai se somar um pouco a essa biblioteca do Rui Arruda, que já estava lá desde 84”⁶.

O nome de Plínio Salgado (1895-1975) teria também circulado nesse período em outra importante instituição presente no município: a Academia Guarulhense de Letras (AGL). No dia 24 de março de 1980, como parte da cerimônia solene de posse da cadeira n. 2 da AGL, ocorrida no Anfiteatro Guimarães Rosa da antiga Faculdade de Direito de Guarulhos, localizada na Vila Rosália, o professor Adolfo Vasconcelos Noronha (1922-2002) nomeou o chefe nacional dos camisas-verdes como o patrono de seu assento⁷. A admiração por Salgado sentida pelo docente simpatizante do Integralismo, conforme indica a Figura 1, era recíproca, dado que, de acordo com os editores do livro *O sonho da mariposa: Romance da Sociologia Política* (1975) de autoria de Noronha, membro da Comissão dos Festejos do IV Centenário de Guarulhos, ex-diretor da Faculdade de Direito de Guarulhos e de sua

5 Fundos e Coleções. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro, s.d. Arquivo Permanente. Fundos e Coleções. Disponível em: <https://aphrioclaro.sp.gov.br/fundos-e-colecoes/>. Acesso em 19 jan 2026, às 19h.

6 Direitas em Foco # 02 – Fundo Plínio Salgado: o acervo de um líder integralista. Entrevistadores: Alexandre de Almeida e Renato Dotta. Entrevistada: Ana Maria de Almeida Camargo [Skype] 29 maio 2020. Podcast. Disponível em: <https://youtu.be/LZPWqVv1lRA>. Acesso em 19 jan 2026, às 19h35.

7 SOUZA, Teresinha Silva Maltez de; OLIVEIRA, Mauro dos Santos. *História da Academia Guarulhense de Letras: Epopeia dos 35 anos (1978-2013)*. São Paulo: Navegar, 2014, p. 22.

mantenedora, a Sociedade Guarulhense de Educação (SOGE)⁸, Plínio Salgado, em um dos seus últimos editoriais escritos, pouco tempo antes de sua morte, para o Diário de S. Paulo em 1975, teria feito uma análise meticulosa da obra, recomendando-a aos seus leitores com acentuados elogios: “Pouco antes de falecer, [Salgado] revelou a seus amigos que considerava ‘O Sonho da Mariposa’ o melhor livro publicado em língua portuguesa nestes últimos dez anos”⁹.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO
DEPENDÊNCIA: REGISTRO DE ANTECEDENTES - C.A. - D.O.B.

ADOLFO DE VASCONCELOS NORONHA
Filho de Antonio Adolfo E. Noronha e de
Guilhermina V. M. Noronha

RESERVADO

Participou de uma reunião do "Partido de Representação Popular - Diretório Distrital do Solém", realizada em 21.01.48. Na ocasião o informado, varzeador de Guarulhos, ao usar da palavra, versou sobre as misérias da localidade atacando o Prestito local. Declarou em seguida não ser integralista, mas sim um filósofo e que tendo se formado pelo Colégio São Bento, onde estudou profundamente a filosofia e que encontrou no programa do Partido os ensinamentos de que é fervoroso adepto e que estará na Câmara para defender, em primeiro lugar, os diretrizes "Deus, Pátria e Família".

Figura 1. Fragmento do prontuário policial sobre os antecedentes de Adolfo Vasconcelos Noronha. Fonte: BRASIL. Arquivo Nacional. Fundo Serviço Nacional de Informações. Dossiê Antecedentes de Adolfo Vasconcelos Noronha e Osvaldo Romualdo Ernesto Tassi. [Antecedentes de AVN e ORE, contra indicados, em 1977 para compor o quadro social da Rádio Difusora Universitária de Guarulhos], 20 set 1977. Código de Referência: BR DFANBSB V8.MIC. GNC.EEE.80004684. Disponível em: imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/EEE/80004684/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_80004684_d0001de0001.pdf. Acesso em 20 jan 2026, às 16h

8 SILVESTRE, Adilson Carlos Furlan. Adolfo Vasconcelos Noronha. Academia Linense de Letras. Lins, s. d. Patronos. Listagem. Adolfo Vasconcelos Noronha. Disponível em: <https://academialinensedeletras.org/patronos/listagem-dos-patronos/adolfo-de-vasconcelos-noronha.html>. Acesso em 20 jan 2026, às 14h.

9 Apresentação. In: NORONHA, Adolfo Vasconcelos. O sonho da mariposa: Romance da Sociologia Política. 2. ed. Guarulhos: Editora Grifo Ltda, 1977, p. 12.

Embora Adolfo Vasconcelos Noronha, conforme consta na figura acima, não tenha declarado a Polícia Civil de São Paulo a sua filiação ao Partido de Representação Popular (PRP)¹⁰, a redação de Folha de Guarulhos, chefiada pelo Dr. Alfredo Farhat, teria identificado ele e Mylton Mesquita como “galinhas-verdes”¹¹ do “bando verde-nazista”¹², em dois artigos publicados, respectivamente, em 27 e 28 de outubro de 1957, em que Noronha foi acusado de ser um “moralista de porta de tendal” por não ter se posicionado contrário a proteção julgada como indevida praticada por Plínio Salgado no suposto caso de imoralidade cometido pelo seu genro, deputado

10 De acordo com Gilberto Calil, o “Partido de Representação Popular (PRP), fundado em 1945, reuniu ex-membros da Ação Integralista Brasileira, sob a liderança de Plínio Salgado, e manteve-se atuante até a dissolução dos partidos políticos em 1965. A fundação do PRP representou a retomada do projeto político integralista, com algumas adaptações formais. Ela se tornou possível após Plínio Salgado e outros líderes do movimento reformularem a doutrina integralista e adaptarem seu discurso, minimizando a importância de temas como o corporativismo e o antiliberalismo que, em virtude da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, se tornaram perturbações. O partido teve seu registro partidário aceito e sua doutrina considerada democrática pelo Tribunal Superior Eleitoral. Sua ‘conversão’ à democracia se deu através da adoção de uma definição peculiar de ‘democracia cristã’. O PRP centrou-se no anticomunismo, no nacionalismo e no ‘espiritualismo’, e defendeu a centralização do poder. A formação do PRP representou a adaptação do integralismo ao novo contexto político do pós-guerra, marcado pela derrota internacional do nazi-fascismo, pelas mobilizações antifascistas e por um sentimento anti-integralista disseminado na opinião pública. A reorientação doutrinária redefiniu o significado do integralismo, de forma a poder apresentá-lo como ‘democrático’”. In: CALIL, Gilberto Grassi. O Integralismo no pós-guerra: A formação do Partido de Representação Popular (1945-1950). Tempos Históricos. M. C. Rondon, v. 2, n. 1, mar. 2000, p. 126-127.

11 O termo “galinhas-verdes” passou a ser cunhado aos integralistas por seus adversários políticos a partir do episódio da Batalha da Praça da Sé, no dia 7 de outubro de 1934, entre as forças do Sigma e da Frente Única Antifascista (FUA), que impediram a realização do comício da Ação Integralista Brasileira (AIB) em comemoração aos dois anos de sua fundação. Em sua edição de 10 de outubro de 1934, o Jornal do Povo publicou em sua capa a seguinte manchete: “Um integralista não corre: voa!”. E, muito por causa disso, o conflito armado da Praça da Sé também ficou conhecida como “Revoada das galinhas-verdes”, uma vez que a frente dos camisas-verdes, constituída de 8 a 10 mil integrantes, se dispersou pelas ruas do Centro da cidade de São Paulo em meio à ação da FUA e das forças policiais. Ver: ABRAMO, Fúlvio. A revoada das galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil. São Paulo: Veneta, 2014.

12 Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 19, 27 out 1957, p. 4. Drops Integralistas; Caí a máscara da “estinge mór dos galináceos verdes”. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 20, 28 out 1957, p. 2. Drops Integralistas.

perrepista Loureiro Junior, que envolveu a venda de um Cadillac importado e que, posteriormente, iria resultar na dissolução do Diretório Estadual de São Paulo do partido ordenada pelo seu presidente nacional¹³.

À vista desses elementos apreendidos na cidade sobre o partido verde na segunda metade do século XX, outra pergunta me surgiu: Havia um núcleo do Sigma (Σ)¹⁴ em Guarulhos durante a primeira geração de integralistas (anos 1930) no Brasil? Sendo possível afirmar a sua existência, neste capítulo se pretendeu abordar a presença da Ação Integralista Brasileira (AIB) em nossa cidade com o intuito de compreender a circulação de seus integrantes em redações de jornais locais e lugares de sociabilidade no município. Para isso, utilizei, principalmente, as edições dos periódicos Folha de Guarulhos, dirigido por Paulino Filho e a vereadora Ernestina Del Buono Trama, e Correio do Povo, tendo Miguel Parente como diretor-proprietário, disponíveis para consulta pública no Arquivo Histórico Municipal “Araci Borges Dias Martins”, que se encontram no Centro Municipal de Educação “Adamastor”.

Guarulhos e a Ação Integralista Brasileira: lugares de sociabilidade e a circulação dos camisas-verdes no município

Em maio de 1932 foi instaurada pela Sociedade de Estudos Políticos (SEP), tendo Plínio Salgado como seu proponente, uma nova comissão técnica denominada de “Ação Integralista Brasileira”.

13 Idem.

14 O símbolo do Sigma em maiúsculo é o sinal imagético adotado pelo Integralismo Brasileiro. Essa letra grega que indica soma foi utilizada pelos primeiros cristãos na Grécia para representar a palavra “Deus”. Esse símbolo lembrava aos integralistas que o seu movimento procurava integrar todas as forças sociais do Brasil na mais alta expressão da nacionalidade. In: AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. Protocolos e Rituais da Ação Integralista Brasileira. Edição do Núcleo Municipal de Niterói. Niterói: Livraria Dias Vasconcellos, 1937, p. 7-8.

Durante essa sessão, conforme relatou Héglio Trindade, ocorreu a escrita de um relatório em que a SEP entendia que havia a necessidade de se organizar uma campanha — com o mesmo nome da comissão — de ação prática, uma vez que o seu intuito era a disseminação de seu programa político em todas as classes sociais no Brasil¹⁵. Ainda que esta campanha não tenha sido abraçada por uma parte dos integrantes da SEP, a decisão de redigir o manifesto do que viria a ser um movimento político autônomo e independente, teria ocorrido ainda no mês de maio¹⁶. Em vista disso, a promulgação e a leitura do Manifesto de 7 de Outubro de 1932 foi realizada, apenas cinco meses depois, no Theatro Municipal de São Paulo por Salgado, devido aos eventos envolvendo a chamada “Revolução Constitucionalista de 1932”¹⁷.

Após o lançamento de seu documento-base, o primeiro núcleo integralista foi fundado na avenida Brigadeiro Luís 28 Antônio, n. 12, assim se tornando a primeira sede política da AIB. Todavia, o primeiro desfile, em marcha, de camisas-verdes uniformizados, contando com a participação de trezentos integralistas, ocorreu em 7 de outubro de 1933, na cidade de São Paulo¹⁸. O “Sigma negro que se desenha na esfera branca da Bandeira azul, que [supostamente] totalizar(ia) o Brasil e salvar(ia) a Raça”¹⁹, apenas entraria em cena, de maneira formalizada, na cidade de Guarulhos com a inauguração de seu núcleo municipal, em 21 de junho de 1936, na rua Cerqueira César, n. 3, no Centro do município, que iria promover aulas doutrinárias

15 TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016, p. 157.

16 Ibidem, p. 157-158.

17 ROSA NETO, Júlio Bueno. “O camisa-verde que estiver fóra do seu sindicato não está cumprindo o seu dever”: O jornal *A Offensiva*, os trabalhadores e o corporativismo integralista (1936-1937). 2025. 491 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2025, p. 30.

18 Ibidem, p. 30-31.

19 SOUZA, João Clímaco de. *Integralismo*. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 2, 19 jul 1936, p. 3.

de cunho nacionalista todas às terças-feiras, a partir das 20h²⁰, a todos aqueles que mantinham a fé cristã e simpatizavam com os princípios do Integralismo como uma alternativa de terceira via ao sistema liberal vigente no País:

“Que estas aulas estão franqueadas, a todos aqueles de ambos os sexos e todas as idades, bem intencionados, que têm ainda palpitando no peito a esperança de um Brasil melhor, de dias melhores [...]; que ainda não perderam a Fé Cristã, que ainda não perderam o princípio religioso, que ainda não perderam o espírito, o sentimento sagrado de Deus, de Pátria e Família, princípios básicos que nós, integralistas, propugnados com ardor, com ação, porque temos a família para defender.

Estas aulas estão, também, abertas para aqueles que tendo-se desiludido, possam, bebendo novas esperanças, realizar como integralistas, a nova mentalidade do povo brasileiro, criando um Brasil novo, um Brasil econômico, um Brasil potência, a potência Sul-Americana, um Brasil unido, forte, que se reconstituirá e tornará Nação pela união e integralização dos seus filhos, um Brasil digno do respeito do mundo inteiro e potente como a Inglaterra, a França e a Itália”²¹.

Essa formação de uma nova célula integralista em uma cidade do Estado de São Paulo que antes não possuía, revela um momento de uma maior expansão coordenada da AIB em território nacional. Com a intensificação da repressão do governo de Getúlio Vargas (1882-1954) aos comunistas, socialistas, sindicalistas e adeptos da Aliança Nacional Libertadora (ANL) em decorrência a Revolta Comunista de 1935, a direção nacional integralista “observou uma oportunidade de ampliar a sua presença dentro do campo sindical brasileiro, visando um importante potencial de votos para a candidatura de Plínio Salgado à eleição presidencial prevista para 1938”²².

20 Idem.

21 Idem.

22 ROSA NETO, Júlio Bueno. Op Cit, p. 24.

Prova disso foi o aumento de 400 mil integrantes em 1935²³ para 918 mil filiados em 1936, segundo a tabela realizada pelo diretor de estatísticas da AIB, Alfredo Crispim, com dados obtidos até 31 de dezembro do ano corrente²⁴. Ao observar a crescente exponencial de novos filiados em 1936, Marilena Chauí denominou esse acontecimento como Ano Verde²⁵.

O chefe municipal do núcleo integralista em Guarulhos foi o farmacêutico e Mestre de Campo da milícia integralista, João Clímaco de Souza. Ele integrou a Câmara dos Quatrocentos²⁶ da AIB²⁷ e o seu Quadro dos Veteranos por ter participado da primeira marcha uniformizada do movimento do Sigma em São Paulo²⁸. Em 1934, Souza foi chefe do núcleo integralista da Penha²⁹, antes de fundar a

23 CARTA CIRCULAR de Plínio Salgado para os camisas verdes das cidades paulistas de Araraquara, Matão e Taquaritinga, encorajando-os a participarem ativamente do movimento Ação Integralista Brasileira. São Paulo (SP), 25 maio 1935, 2 p. dat.

24 CHRISPIM, Alfredo. Mapa dos Núcleos da A. I. B. em 31 de dezembro de 1936. Monitor Integralista (Órgão interno): Boletim da Ação Integralista Brasileira. Rio de Janeiro, ano V, n. 17, 20 fev 1937, p. 4.

25 CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: _____; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho (orgs.). Ideologia e Mobilização Popular. Rio de Janeiro: CEDEC; Paz e Terra, 1978, p. 102.

26 A Câmara dos Quatrocentos foi “instituída como órgão consultivo do chefe nacional da Ação Integralista Brasileira (AIB) um ano após a formação da Câmara dos Quarenta, com a finalidade precípua de incorporar personalidades das “diversas províncias integralistas”, uma vez que a participação na câmara mais restrita exigia “residência fixa na capital do país”. Enquanto a Câmara dos Quarenta deveria transformar-se no futuro senado integralista, a Câmara dos Quatrocentos, na hipótese da tomada do poder, seria convertida, na fase transitória do Estado integral, em câmara corporativa, antes da implantação integral do sistema de corporações”. In: TRINDADE, Hégio. CÂMARA DOS QUATROCENTOS. CPDOC: FGV, [s. d.]. Verbete. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbe-te-biografico/camara-dos-quatrocentos>. Acesso em: 21 jan 2026, às 20h20.

27 Câmara dos Quatrocentos (relação ainda incompleta). A Offensiva. Rio de Janeiro, ano IV, n. 508, 8 jun 1937, p. 3.

28 Às Côrtes do Sigma reúnem-se amanhã, nesta capital, em sessões preparatórias, as corporações que constituem a máxima autoridade coletiva do Integralismo. A Offensiva. Rio de Janeiro, ano IV, 10 jun 1937, p. 3.

29 Prodigioso o surto do Integralismo na província de São Paulo. Núcleos integralistas organizados, funcionando, com milícias também organizadas, até dia 1º de dezembro. A Offensiva. Rio de Janeiro, ano I, n. 32, 20 dez 1934, p. 5.

célula em Guarulhos. Apenas se afastou do seu cargo enquanto líder do Sigma na cidade quando teve que viajar para o Rio de Janeiro em março de 1937, o que fez com que Décio da Silva Jardim, subchefe municipal da AIB em Guarulhos, assumisse de forma interina o seu lugar³⁰.

Levando em consideração a apuração do plebiscito interno de 1937 da AIB, fiscalizada por Benedicto Antonio Trama, é possível apontar que houve, pelo menos, 76 filiados votantes em Guarulhos³¹. O candidato com o maior número de votos e escolhido para concorrer pelo partido integralista na eleição presidencial prevista para 1938 no Brasil foi Plínio Salgado³². Contudo, apenas 12 camisas-verdes tiveram a sua identificação nominal encontrada nas fontes primárias jornalísticas, conforme demonstra o quadro a seguir:

Quadro 1. Integralistas identificados nos núcleos da AIB em Guarulhos

Nome	Cargo exercido nos núcleos da AIB
João Climaco de Souza	Chefe municipal
Décio da Silva Jardim	Subchefe municipal
Antonio Luiz	Chefe do subnúcleo
Mario Boari de Tamassia	Secretário de Propaganda
José Vidal França	Secretário de Assistência Social
Jacob Thomé	Filiado
Carlos Friburgo	Filiado
Luiz Boari Thomaz	Filiado
Adail Pereira Ribeiro	Filiado
Luiz Portella Passos	Filiado
José de Souza Aranha	Filiado
José Kico Sonoda	Filiado

Fonte: Elaborado pelo autor

30 Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 24, 21 mar 1937, p. 4. Nota Integralista.

31 Plebiscito Integralista. Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 172, 05 jun 1937, p. 1 e 4.

32 Sobre a votação do plebiscito interno de 1937 da AIB: Plínio Salgado teve a maioria dos votos, contabilizando ao todo 69 votos à seu favor, sendo seguido por Gustavo Barroso com 4 votos, Pantaleão Pessoa com 1 voto, Marcos de Souza Dantas com 1 voto e pelo capitão Jehovah Motta com 1 voto. In: Idem.

Tanto a sede do núcleo da AIB na rua Cerqueira César, n. 3, como a de seu subnúcleo fundado no final de 1936, que se localizava na Praça Thereza Christina, n. 18, no bairro Macedo³³, e era chefiado pelo presidente do Centro Operário Católico de Guarulhos³⁴, Antonio Luiz³⁵, foram utilizadas pelos seus dirigentes para comemorar datas previstas no calendário oficial brasileiro, como o “Dia da Bandeira”³⁶ e o “Dia do Trabalho”³⁷, assim como efemérides marcantes para o movimento integralista e a prática de seus rituais tradicionais, como “A Noite dos Tambores Silenciosos”³⁸ em que se celebra a publicação do Manifesto de 7 de Outubro de 1932 e se homenageia os mártires integralistas que tombaram à serviço do Sigma, além de se lamentar pelo fim do Departamento da Milícia Integralista. Nesses espaços, aconteciam também outras importantes atividades da AIB, vinculadas a sua Secretaria de Assistência Social, como o “Natal das Crianças Pobres”³⁹, na qual angariavam diversos donativos e distribuíam roupas e brinquedos para as camadas populares da localidade.

De acordo com a tabela XII - População absoluta e relativa dos municípios, calculada para 31 de dezembro de 1936 do Anuário Estatístico do Brasil e das Estatísticas Históricas do Brasil produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Guarulhos comportava, em absoluto, no seu território apenas 11.741

33 Aos Integralistas! Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 155, 23 jan 1937, p. 2.

34 Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 9, 13 set 1936, p. 4. Notas e Comentários.

35 Subnúcleo de Guarulhos. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 17, 15 nov 1936, p. 4.

36 Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 19, 29 nov 1936, p. 2. Notas Integralistas.

37 Dados integralistas. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 27, 28 abr 1937, p. 4. Sociais.

38 A noite dos tambores silenciosos. Em parada telegráfica, todas as cidades da Pátria desfilaram diante do Chefe Nacional. O que foi a noite de 7 de Outubro em todo o País. A Offensiva. Rio de Janeiro, ano III, n. 308, 11 out 1936, p. 3.

39 Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 20, 6 dez 1936, p. 2. Nota Integralista.

habitantes, sendo 31 pessoas por km² em 1936⁴⁰. Considerando esse dado sobre o município, é possível indagar que a escolha da direção municipal do Sigma em fixar as sedes de seus núcleos na região central de uma modesta cidade era estar próxima da vida política e das instituições de governo. Outro local de encontro entre os camisas-verdes e fundamental para a integração da AIB com a vida social guarulhense no Centro do município, além de servir como um espaço de arregimentação partidária de simpatizantes⁴¹, foi a padaria, confeitaria e sorveteria de propriedade do integralista Luiz Boari Thomaz⁴², em conjunto com seus irmãos e o pai Ettore Thomaz⁴³, denominada Tupan, que se encontrava na Rua D. Pedro II, n. 29, segundo evidencia a figura abaixo.



Figura 2. Propaganda da padaria, confeitaria e sorveteria Tupan em Folha de Guarulhos
Fonte: Folha de Guarulhos (20/12/1936, p. 4).

40 IBGE. Anuário Estatístico do Brasil e das Estatísticas Históricas do Brasil. Estatísticas do Século XX, s. I, s. d., p. 151. Disponível em: https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1937/populacao1937aeb_14_a_26.pdf. Acesso em 22 jan 2026, às 21h30.

41 Como exemplo disso, é possível citar o caso do piquenique organizado pelo núcleo municipal integralista em que os proprietários da Tupan disponibilizaram o espaço do seu estabelecimento para que simpatizantes do Sigma pudessem se informar a respeito do evento no Sítio do Bananal. In: Dados integralistas. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 27, 28 abr 1937, p. 4. Sociais.

42 Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 9, 13 set 1936, p. 2.

43 Correio do Povo. Guarulhos, ano III, n. 146, 14 nov 1936, p. 2.

Embora a iniciativa do prefeito Guilhermino Rodrigues de Lima de instituir medidas legais de isenções de impostos — assim se alinhando com às políticas varguistas de incentivo a urbanização e industrialização nacional — para o segundo setor da economia no território guarulhense, o que culminaria na instalação de várias indústrias na região, como a Norton Meyer e Harlo do Brasil em 1938⁴⁴, o desenvolvimento do ramo de entretenimento audiovisual local não sofreu alterações com a presença de maiores recursos industriais em Guarulhos durante o período de legalidade partidária da AIB entre 1935 e o golpe do Estado Novo. Os habitantes da cidade, entre 1936 e 1937, contavam com poucas atrações artísticas públicas, como as apresentações à noite da Corporação Musical “Lyra de Guarulhos” no coreto da Praça Thereza Christina⁴⁵, e no que se refere ao setor privado, haviam os bailes em clubes privados e o Cine Theatro D. Pedro II (e, posteriormente, Cine República) e o Cine Vila Galvão⁴⁶.

Ao observar essa falta de atividades de entretenimento no município e uma oportunidade de arregimentar novos adeptos do Sigma, os dirigentes camisas-verdes aproveitaram os espaços dos sítios de seus companheiros Décio da Silva Jardim⁴⁷ e Jacob Thomé⁴⁸ para promoverem convescotes destinados às famílias integralistas e aos simpatizantes do Sigma, promovendo animados bailes, churrascos e jogos. A presença de ambos os sexos nesses eventos era um

44 TOLEDO, Edilene. Guarulhos, cidade industrial: Aspectos da história e do patrimônio da industrialização num município da Grande São Paulo. Revista Mundos do Trabalho, vol. 3, n. 5, jan/jun 2011, p. 168.

45 Concerto pela “Lyra de Guarulhos”. Correio do Povo. Guarulhos, ano III, n. 136, 5 set 1936, p. 6.

46 De Paula, Théo Marques. Crescimento para fora e vazio por dentro: Tensões entre desenvolvimento urbano e crescimento econômico a partir das salas de cinema de Guarulhos no Século XX. 2026. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História) – Escola de Filosofia, Letras e Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2026, p. 64.

47 Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 20, 6 dez 1936, p. 2. Nota Integralista.

48 Convescote integralista. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 18, 22 nov 1936, p. 2. Sociaes.

fator marcante, inclusive quando o local era emprestado por outros proprietários não necessariamente filiados a AIB, como foi o caso da festividade com música feita na casa do Sítio do Bananal⁴⁹. O intuito desses encontros organizados pela AIB era de propiciar ambientes em que a doutrina do Sigma, movida pela ideia de unidade nacional, pudesse ser disseminada durante momentos de interação entre as classes sociais, segundo evidencia o trecho a seguir:

“[...] Ali o tecelão senta-se junto ao funcionário; o padeiro se acomoda junto ao pedreiro; o patrão se une ao operário; cria-se um ambiente de nacionalismo e homens que durante toda a vida não souberam cantar o Hino Nacional aprendem-no; e vibram de entusiasmo que nunca sentiram. Apreendem a prezar as causas e amar o Brasil. O último pic-nic promovido pelos camisas-verdes do município foi outro exemplo ‘concreto’ e frizante [disso]. Muita cordialidade, muita alegria, muita amizade, muita união entre indivíduos vindos de todos os setores de atividade humana”⁵⁰.

A divulgação desses encontros era feita por meio das páginas do Correio do Povo e Folha de Guarulhos, que tinham a sua sede administrativa e redação próximas das células integralistas na cidade. Ambos sendo periódicos conservadores, possuíam afinidades para além de editoriais anticomunistas, conforme indica o trecho a seguir em que a redação da Folha de Guarulhos comentou a respeito de seu companheiro de imprensa: “Este nosso popular e estimado colega, teve, em seu número anterior, palavras de estímulo e bondade para conosco, o que muito nos desvaneceu. A este nosso conceituado companheiro de luta, as nossas mais sinceras expressões de prosperidade”⁵¹.

49 Pic-Nic. Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 167, 01 maio 1937, p. 1.

50 TAMASSIA, Mario Boari de. O Integralismo em Guarulhos. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 29, 18 maio 1937, p. 4.

51 “Correio do Povo”. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 2, 19 jul 1936, p. 3.

Entre os camisas-verdes em Guarulhos, irei destacar a atuação na imprensa guarulhense do Secretário de Propaganda do núcleo municipal da AIB, Mario Boari de Tamassia. Considerado “brilhante” por João Ranali, o auxiliar do governante municipal Major José Moreira Matos entre 1938 e 1940⁵² foi fundador do *Folha de Guarulhos*⁵³. Durante o seu período como redator de jornal, principalmente em 1937, Tamassia, além de divulgar a doutrina ideológica do Sigma, replicou uma importante tática empregada pelo *A Offensiva* — o principal jornal integralista com circulação e distribuição nacional entre 17 de maio de 1934 e 13 de março de 1938, sob a orientação editorial de Plínio Salgado⁵⁴ — durante a campanha eleitoral à presidência do candidato integralista, que consistia nos redatores do Sigma produzirem artigos de opinião que retratavam os problemas do cotidiano da vida social e cultural da localidade em que habitavam⁵⁵. Isso pode ser notado em seu artigo intitulado “Amigos da cidade...” (1937), no qual criticou os homens de diferentes “facções políticas” do “trem encalhado”⁵⁶ denominado Guarulhos, que não prezavam, segundo Mario Boari de Tamassia, o desenvolvimento da cidade e as queixas cotidianas de sua população, de acordo com o seguinte excerto:

“Guarulhos não tem amigos. Tem isto sim e às mancheias, homens (retifique-se para indivíduos) que se dizem defensores da causa pública: mas que quando Guarulhos pede água, eles dão pó; homens que se dizem propugnadores do bem estar coletivo, mas que, quando Guarulhos reclama de boa condução [de transporte público], eles propugnam pela permanência de latária”⁵⁷

52 RANALI, João. Repaginando a história. São Paulo: SOGE, 2002, p. 256.

53 Fundadores da “Folha de Guarulhos”. *Folha de Guarulhos*. Guarulhos, ano I, n. 1, 9 jul 1936, p. 4.

54 ROSA NETO, Júlio Bueno. *Op Cit*, p. 32.

55 *Ibidem*, p. 72-73.

56 TAMASSIA, Mario Boari. “Amigos da cidade...”. *Folha de Guarulhos*. Guarulhos, ano II, n. 25, 28 mar 1937, p. 1 e 2.

57 *Idem*.

As linhas dos jornais supracitados revelam ao seu leitor uma disputa interna presente entre os integrantes do núcleo integralista de Guarulhos a respeito de qual seria a interpretação do modelo corporativista⁵⁸ ideal para a realidade brasileira. Considerando que a AIB não era uma organização partidária que possuía uma origem doutrinária uniforme e monolítica⁵⁹, enquanto, por um lado, havia membros como Tamassia⁶⁰, que depositavam suas esperanças em um corporativismo mais próximo do pensamento, influenciado pela experiência do fascismo italiano, do Secretário Nacional de Doutrina, Miguel Reale; de outro lado, tinha aqueles que acompanhavam o Chefe do Subnúcleo Municipal em Guarulhos, Antonio Luiz⁶¹, que via com fé a Doutrina Social Católica, defendida por Plínio Salgado, como a solução para a questão social do País. Ainda que houvesse divergências referente a linha corporativista a ser adotada para a formação do Estado Integral no Brasil, o próprio Mario Boari de Tamassia assinalava que qualquer integralista agia sob uma mesma orientação enquanto membro de um corpo orgânico, conforme indica o trecho a seguir:

58 O corporativismo tinha como proposta realizar a “substituição radical da representação política, o que reeditava, em parte, o antiparlamentarismo e a antipolítica que estavam presentes em vários dos movimentos do período anterior, com a representação do mundo produtivo, do trabalho, parecia para alguns a resposta e a saída para uma sociedade que não podia mais se basear nos princípios liberais, mas que temia a solução socialista” In: TOLEDO, Edilene. Do sindicalismo revolucionário ao fascismo: Edmondo Rossoni e a construção do corporativismo na Itália. In: CAZETTA, Felipe (org.). Direitas, ontem e hoje. Rio de Janeiro: Eulim, 2021, p. 146-147.

59 ROSA NETO, Júlio Bueno. Op Cit, p. 95.

60 TAMASSIA, Mario Boari. Psicologia das Revoluções... (Em torno de uma conferência de Miguel Reale). Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 169, 25 maio 1937, p. 2.

61 LUIZ, Antonio. “A família e a nação”. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 10, 20 set 1936, p. 4.

“É admirável e ‘milagroso’ como no movimento [integralista] não se distingue o ‘camisa verde’ do norte e o ‘camisa verde’ do sul e qualquer batalhador do Sigma tem seu ponto de vista, seu ideal, sua crença, comuns que faz o movimento verde um corpo orgânico, forte e inalúvel”⁶².

Para além da atuação jornalística de integrantes da AIB, outra tática usada pela direção do Sigma em Guarulhos foi a participação integralista na vida pública e social da cidade. Dessa maneira, os dirigentes procuravam comparecer a diferentes eventos realizados no município, como ao churrasco inaugural feito na garagem da nova empresa guarulhense de ônibus, Villa Galvão Sant’Anna, no “Dia do Trabalho”⁶³ e à inauguração da iluminação pública da Avenida Guarulhos, que contou com um banquete, organizado pelos seus moradores, em homenagem ao prefeito Cel. Guilhermino Rodrigues de Lima no Recreio Gianni, assim como uma apresentação da Corporação Musical “Lyra de Guarulhos”⁶⁴. A presença da AIB no município também cruzou com a história desta banda marcial, uma vez que o camisa-verde e escrivão da Coletoria Federal de Guarulhos, José Vidal França, foi o responsável por assinar o seu regulamento interno como secretário⁶⁵, o que denota um possível e significativo vínculo estabelecido com a entidade e os seus associados.

A figura de Vidal França foi fundamental para a circulação das ideias integralistas em instituições e coletivos de Guarulhos, dado que ele compôs a comissão dirigente do Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo, do Sanatório Padre Bento de Gopoúva, do Hospital Nossa Senhora da Conceição, da Associação de Es-

62 TAMASSIA, Mario Boari de. O Integralismo em Guarulhos. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 29, 18 maio 1937, p. 4.

63 Vila Galvão. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 28, 11 maio 1937, p. 4.

64 Inauguração da iluminação pública da Avenida Guarulhos. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 21, 13 dez 1936, p. 4.

65 Regulamento Interno da Corporação Musical “Lyra de Guarulhos”. Banda Lira de Guarulhos. Guarulhos, s. d. Museu Virtual. Disponível em: <https://www.bandaliragru.org.br/museu-virtual>. Acesso em 23 jan 2026, às 18h.

coteiros Padre João Álvares, do Clube Recreativo de Guarulhos⁶⁶ e do antigo Grupo 7⁶⁷, assim como participou da organização da Festa de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos⁶⁸, das festividades promovidas pelo Grupo Escolar da cidade no Cine Theatro D. Pedro II⁶⁹ e da comissão julgadora do concurso de fantasias durante os bailes carnavalescos da E. C. Tecelagem⁷⁰.

Outra experiência que José Vidal França teve com trabalhadores do ramo têxtil no município ocorreu no Campo de Tecelagem, onde acompanhou enquanto diretor do jornal japonês *Nambei Shimpô*⁷¹ a celebração promovida pela colônia nipônica local devido ao 36º aniversário do Imperador Hirohito⁷². Diante disso, é possível assinalar que os camisas-verdes do núcleo municipal integralista imprimiram uma dinâmica divergente em relação a posição anti-estrangeirista da direção nacional da AIB, que consistia em uma promoção da “nacionalização do trabalho” no Brasil em favor dos desempregados brasileiros que estariam, supostamente, sendo lesados mediante a legislação social vigente e a preferência dos empresários em contratar mão de obra estrangeira⁷³.

66 Correio do Povo. Guarulhos, ano III, n. 122, 23 maio 1936, p. 5. Vida Social.

67 Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 153, 7 jan 1937, p. 2.

68 Festa de N. S. da Conceição de Guarulhos. Correio do Povo. Guarulhos, ano III, n. 149, 5 dez 1936, p. 8.

69 Festa escolar. Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 153, 7 jan 1937, p. 2.

70 Aos interessados. Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 156, 30 jan 1937, p. 2.

71 Correio do Povo. Guarulhos, ano III, n. 122, 23 maio 1936, p. 5. Vida Social.

72 Festa japonesa. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 29, 18 maio 1937, p. 2.

73 ROSA NETO, Júlio Bueno. *Op Cit*, p. 119-120.

Embora Guarulhos não tenha sido classificada como uma Cidade Integralista⁷⁴ pelo chefe nacional do Integralismo Brasileiro, os integralistas locais mostraram um esforçado empenho em propagar a mensagem do Sigma entre as classes sociais no município através de uma intensa circulação em diversas instituições, coletivas ou privadas, e lugares de sociabilidade na localidade, assim garantindo uma maior interação da AIB com a vida pública e social guarulhense. Com isso, os dirigentes do Sigma poderiam consolidar a atuação política do Integralismo em Guarulhos enquanto um agente integrador entre diferentes indivíduos e entidades de um pequeno município, supostamente, sem harmonia social, segundo é viável observar no excerto abaixo escrito por Tamassia:

“Em Guarulhos, o integralismo além do seu papel de criador de uma mentalidade nova, educativa, cultural, assistencialista, se apresenta como um sentido ponderável de ‘unidor’, pois aqui, em nosso município, pode-se aplicar sem temor o princípio filosófico de que ‘os homens são ilhotas separadas por mares profundos. Nossa desunião é acentuada. Tudo perece. Tudo carece de unidade. Tudo é obstruído por falta de aspiração una. Tudo cheira à desunião. [...] Em Guarulhos pois o Integralismo vai operando a união. Vai congregando e unindo os indivíduos, de forma, que amanhã ou depois fácil é realizar qualquer cousa, porque a união é o princípio básico para consecução de qualquer fim”⁷⁵.

74 A categoria de “Cidade Integralista” foi criada pelo chefe nacional da AIB, Plínio Salgado, em 09 de março de 1934, com o intuito de distinguir, de modo oficial, as cidades brasileiras que mais se empenharam em propagar em campanha a doutrina do integralismo. Esse título poderia ser dado apenas por Salgado, podendo adotar critérios próprios para isso, de acordo com os poderes que foram conferidos e proclamados a ele no I Congresso Integralista em Vitória (BA) e reafirmado no II Congresso Integralista em Petrópolis (RJ), assim como nas Cortes do Sigma. In: SALGADO, Plínio. Resoluções da Chefia Nacional. Monitor Integralista. Rio de Janeiro, ano IV, n. 16, 5 dez 1937, p. 7; SALGADO, Plínio. Resoluções da Chefia Nacional. Monitor Integralista. Rio de Janeiro, ano II, n. 6, Primeira Quinzena maio 1934, p. 7.

75 TAMASSIA, Mario Boari de. O Integralismo em Guarulhos. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 29, 18 maio 1937, p. 4.

Considerações finais

Este capítulo não tem a presunção de esgotar a discussão referente à presença do Integralismo Brasileiro em Guarulhos, mas de ampliar a discussão a respeito da atuação da extrema direita na cidade. Desse modo, esse texto contrário a leitura de que representantes da extrema direita teriam apenas se articulado no território guarulhense, de forma organizada, a partir das mobilizações decorrentes das Jornadas de Junho (2013), por meio de um processo intenso de desgaste político, que, alinhado à crescente do antipetismo local, iria se concretizar com a vitória democrática de Lucas Sanches (PL) na disputa eleitoral pelo poder executivo do município. Tendo isso em vista, tive como pretensão evidenciar que as movimentações da extrema direita do século XXI na cidade se trata de uma reorganização de suas forças políticas, uma vez que os seus ideais e valores foram sedimentados na cultura guarulhense a partir dos anos 1930, o que não significa assinalar que o atual governo seja um herdeiro substancial de uma tradição proveniente do século anterior.

Fica evidente que o núcleo municipal integralista, dividido em duas sedes sociais na região central de Guarulhos, surgiu a partir da mobilização realizada durante o Ano Verde (1936), em que visava ampliar a margem de votos da Ação Integralista Brasileira (AIB) para a próxima eleição presidencial prevista para o ano de 1938. Embora a direção municipal do Sigma tenha seguido diretrizes impostas pela chefia nacional do partido, ela também se adequou à realidade social de sua localidade, uma vez que seus filiados compunham o poder público e o círculo da elite político-econômica do município, o que denota uma carácter particular da célula guarulhense em relação aos dos núcleos espalhados pelo interior da região sul e norte por apresentar conexões com o mandonismo local e as colônias de imigrantes. Outro ponto a ser destacado foi, não apenas

a integração dos camisas-verdes com os meios de comunicação e os lugares de sociabilidade e confraternização que havia na cidade no período, mas a iniciativa de criar novos lugares de integração entre os indivíduos e para a divulgação de suas ações organizadas e destinadas à arregimentação dos simpatizantes da doutrina integralista. Logo, é viável assinalar que houve, em certa medida, a influência dos integralistas na construção social da cultura conservadora presente até os dias atuais no município de Guarulhos.

Portanto, para que seja possível continuar a realizar a desocultação dessa extrema direita guarulhense do passado, é necessário preservar os meios de investigação histórica através da materialidade das fontes arquivísticas, pois não seria possível realizar a escrita desse capítulo se não houvesse como fazer a consulta pública dos jornais Correio do Povo e Folha de Guarulhos, que estão em estado de deterioração avançada sob a salvaguarda do Arquivo Histórico Municipal “Araci Borges Dias Martins”. Sendo assim, fica registrado de que o arquivo sediado em uma cidade com os maiores PIB do Estado de São Paulo ainda requer um espaço mais adequado para o acondicionamento e proteção dos documentos de arquivos com diferentes dimensões e tipologias, um quadro técnico, mais numeroso e estável de funcionários e um investimento do poder público em favor da construção de uma política qualificada de difusão da informação presente nos fundos e séries do arquivo, assim como mecanismos profissionais de consulta que facilitem a pesquisa sobre a História de Guarulhos e preservem a documentação com risco de descarte por excesso de manuseamento, como a digitalização completa do acervo documental, combinada com melhores condições de guarda de sua versão original (física).

Fontes

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. Protocolos e Rituais da Ação Integralista Brasileira. Edição do Núcleo Municipal de Niterói. Niterói: Livraria Dias Vasconcellos, 1937.

A candidatura de Plínio Salgado é lançada em todos os quadrantes da Província de São Paulo. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano IV, n. 523, 25 jun 1937, p. 3.

A noite dos tambores silenciosos. Em parada telegráfica, todas as cidades da Pátria desfilarão diante do Chefe Nacional. O que foi a noite de 7 de Outubro em todo o País. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano III, n. 308, 11 out 1936, p. 3.

A Offensiva. Rio de Janeiro, ano IV, n. 430, 6 mar 1937, p. 3. Movimento do Gabinete.

Aos Integralistas! *Correio do Povo*. Guarulhos, ano IV, n. 155, 23 jan 1937, p. 2.

Aos interessados. *Correio do Povo*. Guarulhos, ano IV, n. 156, 30 jan 1937, p. 2.

As Côrtes do Sigma reúnem-se amanhã, nesta capital, em sessões preparatórias, as corporações que constituem a máxima autoridade coletiva do Integralismo. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, ano IV, 10 jun 1937, p. 3.

BRASIL. Arquivo Nacional. Fundo Serviço Nacional de Informações. Dossiê Antecedentes de Adolfo Vasconcelos Noronha e Osvaldo Romualdo Ernesto Tassi. [Antecedentes de AVN e ORE, contra indicados, em 1977 para compor o quadro social da Rádio Difusora Universitária de Guarulhos], 20 set 1977. Código de Referência: BRDFANBSBV8.MIC. GNC.EEE.80004684. Disponível em: imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/

[MIC/GNC/EEE/80004684/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_80004684_d0001de0001.pdf](https://mic/gnc/eee/80004684/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_80004684_d0001de0001.pdf) . Acesso em 20 jan 2026, às 16h.

BUENO ROSA, Júlio. As linhas guarulhenses à direita de ontem. AAPAH. Guarulhos, 15 jan 2022. Disponível em: <https://aapah.org.br/linhas-da-direita-em-guarulhos/> . Acesso em 19 jan 2026, às 17h35.

BUENO ROSA, Júlio. Guarulhos, uma Cidade Integralista?. AAPAH. Guarulhos, 15 jan 2022. Disponível em: <https://aapah.org.br/presenca-integralista-em-guarulhos/> . Acesso em 19 jan 2026, às 17h20.

Caí a máscara da “estinge mór dos galináceos verdes”. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 20, 28 out 1957, p. 2. Drops Integralistas.

Câmara dos Quatrocentos (relação ainda incompleta). A Ofensiva. Rio de Janeiro, ano IV, n. 508, 8 jun 1937, p. 3.

CARTA CIRCULAR de Plínio Salgado para os camisas verdes das cidades paulistas de Araraquara, Matão e Taquaritinga, encorajando-os a participarem ativamente do movimento Ação Integralista Brasileira. São Paulo (SP), 25 maio 1935, 2 p. dat.

CARTA de José Kico Sonoda, correligionário, para Plínio Salgado, solicitando apoio para ingressar na Marinha. Guarulhos (SP), 16 fev. 1938. 6 p. ms.

CHRISPIM, Alfredo. Mapa dos Núcleos da A. I. B. em 31 de dezembro de 1936. Monitor Integralista (Órgão interno): Boletim da Ação Integralista Brasileira. Rio de Janeiro, ano V, n. 17, 20 fev 1937, p. 4.

Convlescote integralista. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 18, 22 nov 1936, p. 2. Sociaes.

“Correio do Povo”. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 2, 19 jul 1936, p. 3.

Correio do Povo. Guarulhos, ano III, n. 122, 23 maio 1936, p. 5. Vida Social.

Correio do Povo. Guarulhos, ano III, n. 146, 14 nov 1936, p. 2.

Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 153, 7 jan 1937, p. 2.

Concerto pela “Lyra de Guarulhos”. Correio do Povo. Guarulhos, ano III, n. 136, 5 set 1936, p. 6.

Dados integralistas. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 27, 28 abr 1937, p. 4. Sociaes.

Deputada Valéria Bolsonaro participa do 1º Simpósio Conservador do Alto Tietê. Deputada Estadual Valéria Bolsonaro. São Paulo, 1 out 2020. Disponível em: <http://www.valeribolsonaro.com.br/2020/10/01/deputada-valeria-bolsonaro-participa-do-1o-simposio-conservador-do-alto-tiete/> . Acesso em 17 jan 2026, às 15h40.

Direita Guarulhos recebe novo representante nas relações públicas. Folha Metropolitana. Guarulhos, 14 nov. 2018. Início. Cidade. Disponível em: <https://www.fmetropolitana.com.br/direita-guarulhos-recebe-novo-representante-nas-relacoes-publicas/> . Acesso em 17 jan 2026, às 15h45.

Direitas em Foco # 02 – Fundo Plínio Salgado: o acervo de um líder integralista. Entrevistadores: Alexandre de Almeida e Renato Dotta. Entrevistada: Ana Maria de Almeida Camargo [Skype] 29 maio 2020. Podcast. Disponível em: <https://youtu.be/LZPWq-Vv1IRA> . Acesso em 19 jan 2026, às 19h35.

Festa de N. S. da Conceição de Guarulhos. Correio do Povo.

Guarulhos, ano III, n. 149, 5 dez 1936, p. 8.

Festa escolar. Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 153, 7 jan 1937, p. 2.

Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 9, 13 set 1936, p. 2. Sociaes.

Festa japonesa. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 29, 18 maio 1937, p. 2.

Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 9, 13 set 1936, p. 4. Notas e Commentarios.

Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 19, 27 out 1957, p. 4. Drops Integralistas.

Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 19, 29 nov 1936, p. 2. Notas Integralistas.

Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 20, 6 dez 1936, p. 2. Nota Integralista.

Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 22, 20 dez 1936, p. 4.

Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 24, 21 mar 1937, p. 4. Nota Integralista.

Fundadores da “Folha de Guarulhos”. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 1, 9 jul 1936, p. 4.

Fundos e Coleções. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro, s.d. Arquivo Permanente. Fundos e Coleções. Disponível em: <https://aphrioclaro.sp.gov.br/fundos-e-colecoes/> . Acesso em 19 jan 2026, às 19h.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil e das Estatísticas His-

tóricas do Brasil. Estatísticas do Século XX, s. l., s. d., p. 151. Disponível em: https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1937/populacao1937aeb_14_a_26.pdf. Acesso em 22 jan 2026, às 21h30.

Inauguração da iluminação pública da Avenida Guarulhos. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 21, 13 dez 1936, p. 4.

LUIZ, Antonio. “A família e a nação”. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 10, 20 set 1936, p. 4.

Núcleo integralista. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 1, 9 jul 1936, p. 4. Noticiário.

Pic-Nic. Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 167, 01 maio 1937, p. 1.

Plebiscito Integralista. Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 172, 05 jun 1937, p. 1 e 4.

Prodigioso o surto do Integralismo na província de São Paulo. Núcleos integralistas organizados, funcionando, com milícias também organizadas, até dia 1º de dezembro. A Offensiva. Rio de Janeiro, ano I, n. 32, 20 dez 1934, p. 5.

Regulamento Interno da Corporação Musical “Lyra de Guarulhos”. Banda Lira de Guarulhos. Guarulhos, s. d. Museu Virtual. Disponível em: <https://www.bandaliragru.org.br/museu-virtual> . Acesso em 23 jan 2026, às 18h.

Rodrigo Tavares e Eduardo Bolsonaro abrem o 1º Simpósio Conservador do Alto Tietê. Gru Diário. Guarulhos, 28 set. 2021. Início. Política. Disponível em: <https://grudiario.com.br/rodrigo-tavares-e-eduardo-bolsonaro-abrem-o-1o-simposio-conservador-do-alto-tiete/> . Acesso em 17 jan 202, às 15h55.

SALGADO, Plínio. Resoluções da Chefia Nacional. Monitor

Integralista. Rio de Janeiro, ano II, n. 6, Primeira Quinzena maio 1934, p. 7.

SALGADO, Plínio. Resoluções da Chefia Nacional. Monitor Integralista. Rio de Janeiro, ano IV, n. 16, 5 dez 1937, p. 7.

SILVESTRE, Adilson Carlos Furlan. Adolfo Vasconcelos Noronha. Academia Linense de Letras. Lins, s. d. Patronos. Listagem. Adolfo Vasconcelos Noronha. Disponível em: <https://academialinensedeletras.org/patronos/listagem-dos-patronos/adolfo-de-vasconcelos-noronha.html>. Acesso em 20 jan 2026, às 14h.

SOUZA, João Clímaco de. Integralismo. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 2, 19 jul 1936, p. 3.

Subnúcleo de Guarulhos. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano I, n. 17, 15 nov 1936, p. 4.

TAMASSIA, Mario Boari. “Amigos da cidade”... Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 25, 28 mar 1937, p. 1 e 2.

TAMASSIA, Mario Boari de. O Integralismo em Guarulhos. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 29, 18 maio 1937, p. 4.

TAMASSIA, Mario Boari. Psicologia das Revoluções... (Em torno de uma conferência de Miguel Reale). Correio do Povo. Guarulhos, ano IV, n. 169, 25 maio 1937, p. 2.

TRINDADE, Hégio. CÂMARA DOS QUATROCENTOS. CPDOC: FGV, [s. d.]. Verbete. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/camara-dos-quatrocentos>. Acesso em: 21 jan 2026, às 20h20.

Vila Galvão. Folha de Guarulhos. Guarulhos, ano II, n. 28, 11 maio 1937, p. 4.

Referência bibliográficas

ABRAMO, Fúlvio. A revoada das galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil. São Paulo: Veneta, 2014.

Apresentação. In: NORONHA, Adolfo Vasconcelos. O sonho da mariposa: Romance da Sociologia Política. 2. ed. Guarulhos: Editora Grifo Ltda, 1977.

CALIL, Gilberto Grassi. O Integralismo no pós-guerra: A formação do Partido de Representação Popular (1945-1950). Tempos Históricos. M. C. Rondon, v. 2, n. 1, p. 117-142, mar. 2000.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: _____; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho (orgs.). Ideologia e Mobilização Popular. Rio de Janeiro: CEDEC; Paz e Terra, 1978.

DE PAULA, Théo Marques. Crescimento para fora e vazio por dentro: Tensões entre desenvolvimento urbano e crescimento econômico a partir das salas de cinema de Guarulhos no Século XX. 2026. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História) – Escola de Filosofia, Letras e Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2026.

RANALI, João. Repaginando a história. São Paulo: SOGE, 2002.

ROSA NETO, Júlio Bueno. “O camisa-verde que estiver fóra do seu sindicato não está cumprindo o seu dever”: O jornal A Offensiva, os trabalhadores e o corporativismo integralista (1936-1937). 2025. 491 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2025.

SOUZA, Teresinha Silva Maltez de; OLIVEIRA, Mauro dos

Santos. História da Academia Guarulhense de Letras: Epopeia dos 35 anos (1978-2013). São Paulo: Navegar, 2014.

TOLEDO, Edilene. Do sindicalismo revolucionário ao fascismo: Edmondo Rossoni e a construção do corporativismo na Itália. In: CAZETTA, Felipe (org.). Direitas, ontem e hoje. Rio de Janeiro: Eulim, 2021, p. 126-164.

TOLEDO, Edilene. Guarulhos, cidade industrial: Aspectos da história e do patrimônio da industrialização num município da Grande São Paulo. Revista Mundos do Trabalho, vol. 3, n. 5, jan/jun 2011, p. 166-185.

TRINDADE, Hégio. Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016.

CAPÍTULO VI

Uma Proposta de Análise Crítica do método historiográfico em Guarulhos

Moacir Ferreira Filho

Introdução

A escrita da história nunca é neutra. Toda narrativa carrega em si escolhas, recortes e silenciamentos que refletem as relações de poder que a atravessam. A historiografia ocidental, marcada por uma lógica colonial e eurocêntrica, consolidou um modo de contar a história que privilegia os vencedores e marginaliza ou invisibiliza as alteridades. Como assinala Certeau (1982), o ato de escrever é, em si, um exercício de poder, capaz de transformar o corpo do outro em objeto da narrativa, impondo-lhe significados externos e negando sua própria voz.

Nesse sentido, a história não deve ser compreendida como um fluxo linear de acontecimentos, mas como um campo de disputas simbólicas no qual múltiplas versões coexistem, embora nem todas alcancem legitimidade. Voeglin (2014) chama atenção para a importância dos paralelismos históricos, frequentemente ignorados, enquanto Santos (2014) denuncia o epistemicídio praticado contra saberes e sujeitos considerados inferiores. Assim, o desafio contemporâneo é construir leituras críticas que desfazem a ilusão de completude da história oficial e deem lugar à diversidade de experiências humanas.

A presente análise tem como objetivo aplicar esse exercício de crítica historiográfica ao contexto de Guarulhos, buscando evidenciar como determinados discursos foram privilegiados em detrimento de outros. Mais do que recuperar vozes silenciadas, trata-se de problematizar o modo como tais apagamentos contribuíram para moldar a identidade histórica da cidade e, por extensão, para consolidar relações de poder em seu tecido social.

A história contada é “apenas” uma parte da história

É injusto com a própria história da humanidade considerar como todo os fragmentos históricos que chegam até nós das mais variadas formas. Há muitas maneiras de registrar um feito histórico, porém o silenciamento de alguns também deve ser levado em consideração nessa construção de um todo. Evidentemente, tudo o que chega até o leitor é a voz e a versão dos vencedores. Esses, através de uma relação de poder, se legitimam para contar a história, porém, as vozes caladas têm muitas coisas a serem ditas. Nesse exercício de mudança de perspectiva, imaginemos que a história do Brasil do século XVI em diante fosse contada pelos povos originários e não pelos colonizadores. O fatídico evento, provavelmente, não se chamaria de “descobrimento”, mas de “invasão”.

É válido destacar que as informações históricas apresentadas em qualquer contexto são uma parte dela e um dos modos de dizê-la. Como defenderia Voeglin (2014), é preciso considerar os paralelismos, pois a história da humanidade ocorre sempre com eventos paralelos que, infelizmente, a depender de quem a conta, vozes são caladas. Por exemplo, do ponto de vista dos vencedores, aparentemente, a história do Brasil se deu início no ano de 1500 quando na verdade os povos originários já habitavam a terra que viria a ser chamada de Brasil. Pedagogicamente, acostumou-se a dividir a história como se fosse um fluxo linear de acontecimentos encadeados, po-

rém é preciso aceitar que cada relato é apenas uma parte de uma realidade muito complexa, multifacetada, cheia de tantos outros fatos paralelos e permeada de relações de poder que separam vencidos e vencedores, isto é, aqueles que são legitimados a registrar a história e aqueles que são silenciados.

Ao contar a história humana ou até mesmo uma notícia, há vozes que são caladas, há alteridades que são anuladas e há conhecimentos que são subalternizados e ilegítimos a ponto de serem vítimas de epistemicídio¹ (SANTOS, 2014). Em se tratando de relações de poder, de uma dialética materialista ao longo da história, cabe introduzir alguns conceitos trazidos pelo teólogo Michel de Certeau em sua obra “A escrita da história”.

De maneira introdutória, Certeau (1982) destaca que no processo chamado de “descobrimento”, o conquistador escreverá o corpo do outro e nele escreverá a sua própria história. Em outras palavras, fará do corpo do outro um corpo historiado. Esse é o processo da escrita ocidental. O que se disfarça é uma colonização do corpo pelo discurso de poder. É uma escrita que se revela conquistadora e enxerga o novo mundo como uma página em branco disponível a quem deseja conquistar.

A obra do teólogo francês trata, portanto, de um estudo da escrita como prática histórica introduzindo o conceito de historiografia que consiste na união entre história e escrita em que pode haver uma dicotomia entre o real e aquilo que é escrito. “(...) a violência do corpo não alcança a página escrita senão através da ausência (...)”. (CERTEAU, 1982, p. 9)

Certeau (1982) destaca que a escrita é um discurso de se-

1 É um processo político-cultural através do qual se mata ou destrói o conhecimento produzido por grupos sociais subordinados, como via para manter ou aprofundar essa subordinação. (SANTOS, 1998, p.208 – Tradução Livre) Em outras palavras, é o “assassinato” de alguma forma de conhecimento a partir da presunção de que o dominante é possuidor do verdadeiro, legítimo e absoluto saber.

paração onde o outro é visto como um fantasma da historiografia. Uma característica marcante na história moderna é a de que ela jamais se separará de sua tradição religiosa com quem há uma relação de dívida e rejeição. Nesse processo histórico, quem a escreve só progride quando faz do outro um selvagem, ultrapassado, o louco, o terceiro mundo... Ademais, é mister esclarecer que nessa heterologia, isto é, no discurso sobre o outro, principalmente no método ocidental, existe um corpo mudo que sustenta o saber desse discurso dito.

Há um corte voluntarista na construção da história ocidental. “O não histórico, (...) é indispensável ao histórico”. (CERTEAU, 1982, p. 44)

O relato histórico é tão importante para o mundo ocidental que, segundo Certeau (1982), ele tomou um status de mito tomando o lugar também das teologias primitivas. Na perspectiva da ontologia do mito, de algum modo, ele dita certa norma a ser seguida, isto é, possui um efeito moralizante na sociedade, consequentemente, se a história legitima certos preconceitos e eles determinam certas condutas, logo o apagamento das alteridades pode ser perpetuado reforçando a “sociologia dos ausentes” (Cf. SANTOS, 2007). Infelizmente, “a história é um discurso em terceira pessoa, mas ninguém está lá para assumir o enunciado”. (CERTEAU, 1982, p. 52)

Há lugares que são deixados em branco ou escondidos pelas análises a depender da estrutura de uma sociedade, com efeito, a prática histórica é completamente relativa à estrutura social permitindo algumas produções e proibindo outras. (CERTEAU, 1982)

O que tudo isso tem a ver com Guarulhos?

A proposta dessa breve análise crítica é exatamente de verificar as vozes que foram caladas ao longo da história da cidade a fim de que não apenas os vencedores apresentados na “história oficial”

sejam apresentados como tal. É preciso considerar os paralelismos e as forças de interesse que agiram e marcaram a construção dessa grande cidade.

Considerações Finais

A análise crítica do método historiográfico permite compreender que a história, tal como tradicionalmente narrada, é resultado de uma seleção que privilegia determinados grupos em detrimento de outros. As reflexões apresentadas neste estudo, ancoradas nas contribuições de Certeau, Voeglin e Santos, evidenciam que os relatos históricos são permeados por silenciamentos e apagamentos que reforçam desigualdades simbólicas e epistemológicas.

No caso de Guarulhos, torna-se urgente questionar as versões oficiais e dar visibilidade às experiências, memórias e saberes que foram subalternizados ao longo do tempo. Tal exercício não se limita a corrigir distorções históricas, mas busca ampliar a compreensão do processo social, reconhecendo a pluralidade de vozes que constituem a cidade. A pergunta que fica é: quais vozes foram caladas e continuam silentes na história de Guarulhos?

Assim, conclui-se que uma abordagem crítica da historiografia deve assumir o compromisso de problematizar os discursos legitimados, valorizar as histórias marginalizadas e contribuir para a construção de um conhecimento histórico mais plural, inclusivo e democrático.

Referências

CERTEAU, Michel de. A Escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Se Deus fosse um ativista dos Direitos Humanos. [livro eletrônico]. 1.ed. São Paulo, Cortez, 2014.

VOEGLIN, Eric. A era ecumênica. Volume IV. Ordem e História. São Paulo: Loyola, 2014.

CAPÍTULO VII

Os caminhos da modernização: rodoviarismo e mobilidade precária em Guarulhos

Gabriel de Oliveira Monteiro

Mover-se pelo território guarulhense no século XXI pode ser considerado um desafio, a população enfrenta congestionamentos, trânsito intenso e transportes coletivos superlotados. No dia a dia, é comum ver caminhões parados na Dutra, lado a lado de ônibus, automóveis e motocicletas. No horário de pico, os pontos de ônibus são lotados, com a tarifa municipal custando R\$6,20, a mais alta da região metropolitana. Essa é uma interpretação comum da paisagem guarulhense. No entanto, esse cenário de mobilidade precária não se inicia no século atual, tem suas raízes ainda no século XX.

O território guarulhense passou por intensas transformações ao longo do século passado, incorporando objetos geográficos e infraestruturas que ainda hoje moldam as dinâmicas espaciais na cidade. Entre as principais infraestruturas da cidade destacam-se as rodovias. Este capítulo analisa a modernização no território guarulhense, com enfoque no projeto rodoviarista e na construção da Rodovia Presidente Dutra, e discute a mobilidade precária no município desde o século passado, a partir dos caminhos e das bases que estruturam essa mobilidade.

Caminhos da Modernização

O território guarulhense é marcado por fluxos intensos de pessoas, de ações e de objetos, com extensas rodovias que atravessam o seu espaço. No entanto, essas infraestruturas rodoviárias são inauguradas a partir da segunda metade do século XX. A priori, o território que viria a ser Guarulhos abrigava estradas e caminhos que faziam parte da vida dos antigos moradores, proporcionando temporalidades distintas das que conhecemos no século XXI.

Os deslocamentos eram feitos a partir de caminhos naturais, que deram origem a estradas e, posteriormente, infraestruturas viárias modernas. Carlos Santos (2006) argumenta que esses caminhos antigos criaram redes de sociabilidade nesse território, contribuindo para manter relações não só internas, mas também externas com outros territórios, como Arujá, Mairiporã, São Paulo e Nazaré Paulista. Essas rotas naturais eram utilizadas para a circulação de pessoas e mercadorias, antes de Guarulhos se tornar município. Dentre os principais estão: a Estrada Geral¹, que ligava o interior do território ao centro, passando por bairros como Lavras, Bonsucesso; Estrada da Conceição, unindo o distrito da Penha, em São Paulo, ao centro de Guarulhos; a Estrada de Nazaré Paulista, a Estrada Pimentas-São Miguel e a Estrada Bonsucesso-Pimentas.

1 1 Estrada Geral que tem o traçado muito próximo do que viria ser a Dutra em Guarulhos.

A planta da cidade de Guarulhos de 1960



Fonte: (Noronha, 1960 apud Santos, 2006, p. 33). O traçado em amarelo corresponde à Estrada Geral, o laranja, à Estrada da Conceição; o marrom terroso, à Estrada Bonsucesso-Pimentas e Pimentas-São Miguel; o marrom claro, à Estrada do Cabuçu e a verde, à Estrada de Nazaré Paulista; do Tanque Grande e outras

Entre esses, a Estrada da Conceição, futura Avenida Guarulhos, estabeleceu-se como o principal caminho de entrada e saída de Guarulhos, até a inauguração da Via Dutra, mantendo relações com São Paulo desde o período colonial até a capital paulistana se tornar o maior centro econômico do país.

Os rios em Guarulhos também marcaram esse momento, seja pela extração do ouro às margens do Rio Baquirivu, seja pelo escoamento de mercadorias pelo Rio Tietê. Assim, as dinâmicas pautadas em um modo de vida rural e mais lento, em relação ao urbano

industrial que se alastrou pelo território², desenvolveu-se de acordo com os atributos físicos e naturais³. Primeiramente, a descoberta do ouro em Guarulhos provocou a ocupação de núcleos, como os bairros Lavras e Bonsucesso, cuja presença ainda hoje pode ser percebida na paisagem, seja imaterial, com os nomes de ruas e bairros, etc., seja material, com a existência da Igreja Nossa Sra. de Bonsucesso.

Dito isso, o uso do território esteve historicamente associado às dinâmicas de circulação com seus rios, caminhos e estradas. Os usos econômicos dinamizaram o que viria a ser Guarulhos como conhecemos hoje. Em termos econômicos, as mercadorias produzidas eram escoadas principalmente para a cidade de São Paulo.

Na virada do século XIX para o XX, São Paulo passou por intensas transformações políticas, sociais e culturais, mudando a paisagem em uma área que estava se transformando intensamente, fato que demandou matérias primas para construção, sendo Guarulhos uma das cidades que contribuíram com essa finalidade, fornecendo especialmente tijolos e olarias.

Para atender essa demanda de escoamento de mercadorias, o trem chega a Guarulhos, Tramway da Cantareira. Posteriormente a locomotiva começou a transportar pessoas, até sua desativação na década de 1960. A década de 1910 marcou o início de uma modernização no território guarulhense, além do trem, a partir desta década também chega o serviço de iluminação pela empresa canadense Light & Power. Ainda na primeira metade do século XX, outro objeto

2 Desde 2007 a Prefeitura considera o todo do território como urbano. (Lei nº 6.253, de 24 de maio de 2007). - Lei de uso e ocupação do solo. Ainda que, em nossa interpretação, a LEI trate de forma arbitrária o município como um todo urbano, desconsidera o fato de que alguns bairros ainda preservam características rurais

3 Sobre a base natural no desenvolvimento, partimos dos mesmos pressupostos de Neil Smith (1988, p. 152) que “[...] numa economia mais desenvolvida, a apropriação das vantagens naturais deixa de ser acidental”, ou seja, o desenvolvimento econômico deixa de ser pautado nas condições naturais.

geográfico importante foi a Base Aérea de Cumbica, que contribuiu com mudanças na cidade e criou as condições para a futura chegada do aeroporto na década de 1980. A modernização do território em Guarulhos estabeleceu-se a partir de seus bairros centrais, como Vila Galvão, Vila Augusta, Torres de Tibagy, áreas mais ao centro que concentravam objetos técnicos de infraestrutura e um modo de vida urbano, em outras regiões do município, especialmente na porção mais a leste, se preservava um modo de vida rural com predominância de chácaras em alguns bairros até a década de 1990 (Santos, 2006).

Guarulhos adquiriu o status de cidade somente no começo do século XX, tendo suas próprias dinâmicas internas para além de um apêndice da capital paulistana (Santos, 2006), apesar de inserida no processo de modernização e de formação da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Interpretamos que as transformações históricas do período influenciaram a paisagem guarulhense, no entanto a história local também (re)produziu a cidade de Guarulhos. Dito isso, São Paulo presenciava o crescimento de um modelo de urbanização rodoviarista que germinava em seu território e que posteriormente pautou políticas públicas ao longo do século XX e XXI. Assim, São Paulo é considerada lócus privilegiado do rodoviarismo no início do século passado (Huertas, 2020).

Em escala nacional, políticas desenvolvimentistas intensificaram obras de engenharias e um processo de industrialização no país. Na década de 1930, com o Estado Novo, essas políticas intervencionistas se tornam mais frequentes (Versiani, 2012). Havia em curso um projeto de integração nacional pautado no modelo rodoviarista. Desse modo, inicia-se a construção de rodovias no sudeste como a Rodovia Padre Anchieta, a Rodovia Presidente Dutra, Via Anhanguera, além de outras obras no norte e nordeste como a Rodovia Transnordestina, Central do Rio Grande do Norte e outras (Xavier, 2001).

Um período de intensas transformações em território nacional. Vai se consolidando no sul e sudeste brasileiro o que Milton Santos e Maria Laura (2001) denominam de região concentrada, com concentração de capitais e tecnologias. Dentro desse cenário está a construção das rodovias com as tecnologias mais sofisticadas da época, transformando e modernizando antigos caminhos.

Essas novas formas no território acompanharam as mudanças e os processos sociais. Assim, as cidades que comportam esses eixos viários modernos sofreram alterações, não só pela rodovia em si, mas pelo conjunto das transformações históricas que as acompanham (Santos, 2003). No caso de Guarulhos, sobretudo com a rodovia Presidente Dutra que corta o território ao meio, há um eixo de modernização em torno das rodovias que difunde a modernização inicialmente contida na região central.

Cabe ressaltar que interpretamos esse processo como uma modernização incompleta, como foi analisado por Milton Santos (1990) na RMSP. O território ganha objetos técnicos, com concentração de capitais e alta tecnologia, mas de maneira desigual, privilegiando uma urbanização corporativa de concentração de capitais que lucra com a expansão e a especulação imobiliária nas periferias (Santos, 1990).

Nesse contexto de urbanização corporativa, com o processo de formação da RMSP a cidade de São Paulo passa por mudanças significativas, especificamente com planos de avenidas de Prestes Maia na década de 1930, transformação que Silva (2016) chama de Metrópole fora dos trilhos, com a substituição das ferrovias e bondes elétricos para o transporte sobre pneus. Essas transformações afetam também o território guarulhense, com políticas rodoviaristas que chegam posteriormente impactando no cotidiano da população.

Rodoviarismo em Guarulhos

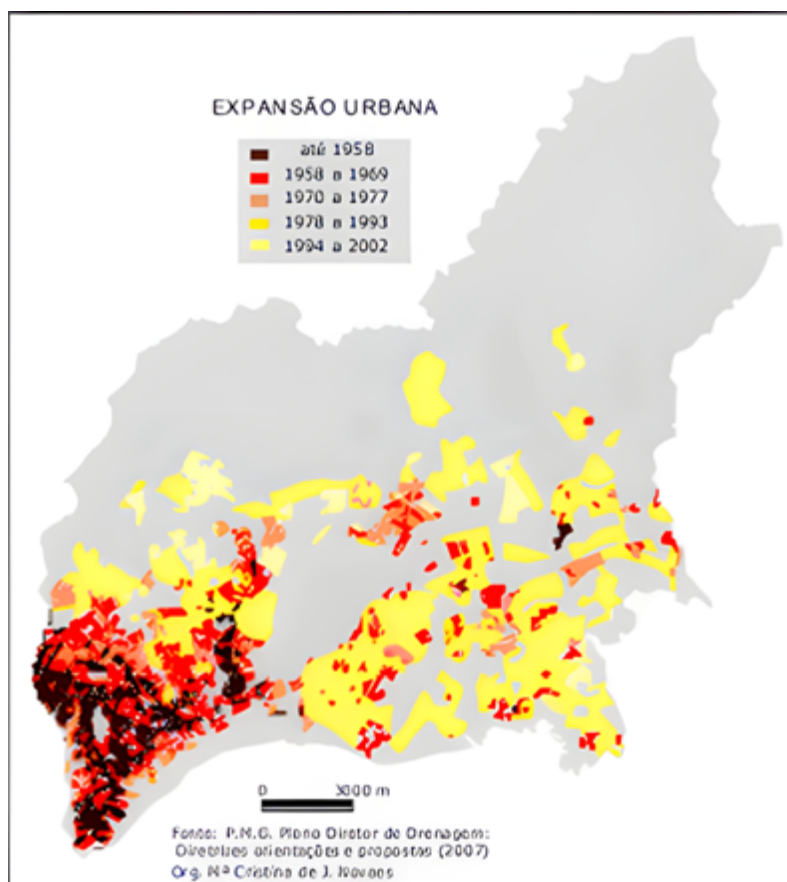
As políticas rodoviaristas são visíveis na paisagem guarulhense com as rodovias. Essas chegaram primeiramente como discurso na cidade. Santos (2003) compreende os objetos geográficos dotados de discursos. Nesse sentido, apontamos que a partir da década de 1940 a construção da Dutra (re)produz mudanças no território, inserida em um processo de modernização em curso.

A Rodovia Presidente Dutra foi inaugurada em 1951, uma das finalidades da sua construção era diminuir o tempo de deslocamento entre São Paulo e Rio de Janeiro, as duas maiores potências industriais da época. Apesar da inauguração, a obra não estava totalmente finalizada, em 1967 as vias foram duplicadas. Outras mudanças com o aumento de vias ou com a inserção de passarelas e outras construções na rodovia foram realizadas ao longo dos anos. Essas empreitadas acompanharam e ainda acompanham a história da rodovia, constantemente em obras. Na contemporaneidade a rodovia conta com 402 km, sendo a rodovia mais moderna do país desde sua inauguração, contando com tecnologia de ponta. Em 1996 sua concessão foi arrematada pela empresa Companhia de Concessionária de Rodovias (CCR) que se mantém em sua gestão até os dias atuais.

Além dessa rodovia, outro grande empreendimento inaugurado na década de 1950 foi a Rodovia Fernão Dias, em 1956, e posteriormente a Rodovia dos Trabalhadores (Ayrton Senna) na década de 1980, sendo esta última construída com a finalidade de mitigar o trânsito da Dutra e para suprir as futuras demandas de circulação do Aeroporto. A década de 1950 marca uma inflexão no município, reverberando as políticas rodoviaristas crescentes no Brasil. Concomitantemente, a cidade se transformava também, em termos populacionais saltou de 13.439 habitantes em na década 1940 a 101.273 habitantes na década 1960 (Santos, 2006). Um incremento populacional significativo, que continuou a crescer ao longo do século XX,

proporcionando um novo rearranjo territorial. Ao tratar da industrialização na cidade, Carlos Santos (2006) aponta para esse processo em duas etapas: 1) até a década de 1940, com predomínio de uma indústria primária de olarias, com forte presença de mão de obra imigrante italiana; e 2) a partir da década de 1940 com a construção da Dutra, como eixo de indústrias em suas áreas adjacentes, com o destaque de mão de obra de migrantes mineiros e nordestinos.

Com essa transformação o território guarulhense ganha novos usos. A modernização se expande, bem como a urbanização (ver mapa 1). Nesse sentido, há uma difusão e transformação nos limites entre as áreas urbanas e rurais. A migração também marca o período, a cidade se torna atrativa para pessoas de outras regiões. Esse intenso contingente populacional busca áreas periféricas para moradia, pautado em um padrão periférico de crescimento em que a população constroi sua própria moradia em um processo de auto-construção (Gama, 2009). Os novos bairros surgem com o cenário de intensa industrialização nas áreas adjacentes da Rodovia Presidente Dutra, ligados diretamente à rodovia, um dos exemplos mais expressivos é o bairro JD. Presidente Dutra que compartilha o mesmo nome do empreendimento rodoviário. Segundo Villaça (1998) a urbanização em volta da estrutura rodoviária acontece de modo mais rarefeito em relação a urbanização em torno das ferrovias, que são mais nucleadas em torno das estações. Fato que ocorreu em Guarulhos nas ocupações dos bairros mais antigos com as estações ferroviárias e posteriormente com a ocupação mais recente em torno das rodovias.



Mapa 1 - Expansão Urbana Guarulhos até 2002

Fonte: (Novaes, 2012, p.59) .

Com a expansão urbana, a industrialização e os novos objetos técnicos, rodovias e o aeroporto, a cidade se moderniza. No entanto, essa modernização acontece de maneira desigual, a expansão de uma rede de transportes e infraestrutura não acompanha a expansão urbana.

Nilton Gama (2009) analisa a formação desses novos loteamentos na periferia do município, sobretudo a partir da década de 1970 com a intensa migração para o município, afirmando que “a Rodovia Presidente Dutra não serviu só a reprodução ampliada do

capital, mas também, à população operária” (Gama, 2009, 45). Cabe ressaltar que em nossa interpretação a Dutra serviu também para reprodução de uma burguesia industrial crescente na cidade, que se contrapôs em alguns momentos aos interesses de uma antiga aristocracia política. Desse modo, vemos essa relação entre os objetos técnicos e as transformações territoriais, expandindo essa modernização incompleta.

Modernização desigual e mobilidade precária

A modernização desigual reflete-se na carência de serviços e infraestruturas básicas nos novos bairros periféricos, como energia elétrica, ruas pavimentadas, transporte, saúde e lazer. Diante da precariedade, a população se organizava em movimentos sociais. No período, ocorreram queixas e manifestações da população contra a precariedade e falta dessas infraestruturas e serviços. Um dos exemplos dessas ações foram os movimentos emancipatórios⁴, que defendiam a emancipação de bairros periféricos como Cumbica, Pimentas e Bonsucesso, que concentravam a maior parte das indústrias na cidade. O movimento era comandado por industriais, sobretudo de empresas no complexo industrial Cidade Satélite, que ganhou apoio popular, com a justificativa de abandono dessas regiões por parte da prefeitura do município.

Outro fator impactante no cotidiano dos guarulhenses era a problemática da mobilidade, ou seja, os deslocamentos que a população realizava diariamente, marcados também pela precariedade das infraestruturas. A Rodovia Presidente Dutra, além de servir como via federal, tornou-se uma via urbana, sendo utilizada até a contemporaneidade para deslocamentos cotidianos da população. No século passado, a população de bairros periféricos muitas vezes andava

4 “Quando o Distrito de Cumbica quase virou uma cidade” <<https://aapah.org.br/quando-o-distrito-de-cumbica-quase-virou-uma-cidade/>> Acesso em: 27 ago. 2025.

quilômetros até a rodovia para acessar o transporte público, antigos moradores relatam que usavam sacolas plásticas nos pés na tentativa de não sujar os sapatos e chegar sujos de barro ao trabalho (Barbosa & Mattos, 2015), pois o percurso até a Dutra não tinha asfalto e os ônibus eram insuficientes ou não passavam por ali.

Os moradores do Presidente Dutra, Lavras e São João tinham que andar por quilometro para terem acesso ao ônibus completamente lotados. Para algumas pessoas, o transporte não existia por simplesmente não haver condições de adentrar ao veículo. Como resultado do descaso enfrentado pelos trabalhadores que tinham horário para saírem e nunca horário de chegada, a alternativa encontrada foi o sequestro de ônibus. Revoltada, a população sequestrava os ônibus até o local para onde desejavam que o transporte contemplasse, liberando o veículo somente depois da promessa de melhoria. (Gama, 2009, p.107).

Diante dessa precariedade nos deslocamentos cotidianos da população periférica, na década 1980 ocorreram sequestros de ônibus como forma de protesto (Gama, 2009), a população sequestrava os ônibus e só os devolviam quando tinham a promessa que a linha passaria por ali. A revolta e insatisfação com as autoridades políticas e os transportes estavam presentes no cotidiano da população, a reportagem abaixo descreve pessoas das classes populares participando de atos de revolta e manifestação.

Nem no Jardim Belvedere, nem no vizinho Parque Mikail alguém consegue se lembrar de quem foi a idéia de sequestrar os ônibus da Viação Guarulhos, no feriado de quinta-feira. “Ela surgiu de repente”, diz o metalúrgico Natanael José de Souza, um dos participantes da façanha. Ele e um numeroso grupo de moradores daqueles longínquos e desamparados bairros da periferia de Guarulhos estava reunidos, discutindo indignados o não cumprimento da promessa do prefeito Oswaldo de Carlos (PMDB) de estender a linha de ônibus, a partir do último dia 15, até o parque Mikail. “O prefeito fez essa promessa bem aqui, em frente ao Bar do Bigode, no dia 1º deste mês, quando

veio inaugurar a rede de água” - afirma a dona de casa Ivaneide Souza Camacho. “Já eram três ponto final da linha, no Jardim São Domingos, a um quilômetro e meio dali, e invadiu o primeiro ônibus que chegou. Descemos ao motorista para seguir até o Bar do Bigode e ele obedeceu dando risada”. (Jornal Cidade de Santos, 17 de novembro de 1984).

Na década de 1980 a população já convivia com a mobilidade precária. Além das pautas sobre a superlotação, a insuficiência de linhas e estruturas viárias que não contemplavam os bairros periféricos, os moradores também reivindicavam por tarifas acessíveis e ônibus em melhores condições. Nesse sentido, há uma organização de movimentos sociais através de criações de associações de bairros e comunidades eclesiais de base, como é o caso da campanha “Queremos condução boa, farta e barata” que tinha como local de encontro a Paróquia Santa Rita de Cássia localizada hoje no bairro Jardim Cumbica.

Mais de 300 pessoas participaram da primeira manifestação do Movimento “Queremos Condução” no bairro do Uirapuru. O movimento está crescendo entre os bairros de Guarulhos e as autoridades estão sendo pressionadas a dar respostas às reivindicações do pessoal. Tanto que, dessa vez, o prefeito mandou um representante para responder e explicar o porquê das péssimas condições dos ônibus e da falta de linha de ônibus na maioria dos bairros guarulhenses. O professor Benedito Pavão, representante do prefeito, tentou explicar os trâmites burocráticos que envolvem a concessão de uma linha de ônibus querendo justificar a Prefeitura, mas não convenceu os manifestantes, que continuam exigindo condução farta, boa e barata. (O Repórter de Guarulhos, Maio de 1980).

Movimentos como esse surgem em bairros periféricos, fazendo contraponto a modernização desigual na cidade. A mobilidade é um fenômeno social que está para além de uma visão puramente técnica de deslocamento de um ponto ao outro. Desse modo, em bairros carentes de infraestrutura e serviços os habitantes se movem para acessar trabalho, saúde e lazer. Pietá (1992) mostra que uma

das principais reivindicações dos moradores de Bonsucesso era o transporte, indicando que a mobilidade era compreendida como um dos maiores problemas dessa população periférica, especialmente no que diz respeito à infraestrutura.

Outra problemática que também motivou a insatisfação foi a segurança viária. A população periférica além de andar quilômetros para chegar à Dutra, tinha que atravessar a rodovia, colocando a vida em risco. Fatos como esse geraram manifestações que resultaram na paralisação da Dutra (O Repórter de Guarulhos, Maio de 1982).

A condição de sucateamento, superlotação e precariedade dos transportes geravam descontentamento e comoção de movimentos populares. Por outro lado, donos de empresas de ônibus tinham forte influência na política local. Os empresários dos ramos dos transportes eram figuras influentes na política local, chegando até se tornar prefeitos, como Fioravante Iervolino (1957-1961) e Paschoal Thomeu (1989-1992), os dois foram donos da Empresa de Ônibus Vila Galvão⁵ em diferentes épocas. Fato que chama atenção para a relação de diferentes atores no espaço, entre empresários, políticos e população, caracterizando aquilo que Santos (1994) chamou de espaço banal, sinônimo de território usado. Essas disputas e tensões territoriais se intensificam com a inserção de novos objetos técnicos e transformações sociais.

5 A empresa foi fundada em 1949 e é uma das mais antigas atuando na RMSP. Ver <<https://www.vilagalvao.com.br/institucional/>>

Reestruturações e circulação

Nesse contexto de manifestações e revoltas na década de 1980, o Aeroporto é inaugurado. O município foi escolhido pelas vantagens locais de circulação das suas rodovias e também pela proximidade com a cidade de São Paulo. O Objeto aeroportuário encontrou resistência por parte da população, sobretudo dos bairros que seriam desapropriados (Faria, 2022). Além disso, o Aeroporto modificou a paisagem guarulhense, retificou o rio Baquirivu e destruiu caminhos, impactando diretamente nos deslocamentos e acessos de parte da população.

A infraestrutura aeroportuária foi um marco no sistema de circulação na cidade. Sendo essa utilizada para além da mobilidade de pessoas, mas também de mercadorias, impondo novos fluxos e fricções. O aeroporto além de acabar com um bairro, destrói um trecho da Estrada de Nazaré que dava acesso da Rodovia Presidente Dutra aos bairros do Jardim Fortaleza e São João (Faria, 2022). O objeto aeroportuário é privilegiado com uma rede técnica para suprir a demanda de circulação aeroportuária, seja de turistas ou mercadorias, tornando-se um atrativo para empresas do ramo da logística e circulação.

O regime de mobilidade na cidade se transforma com as reestruturações no território e com os novos usos, atingindo diretamente o cotidiano das pessoas. Desde o projeto rodoviarista até a contemporaneidade. No período pós-pandemia, observa-se um movimento na cidade, uma crescente das empresas de capitalismo de plataforma, as ruas cheias de carros por aplicativos, seja como transportes de passageiros ou de mercadorias, os veículos motorizados só aumentam na paisagem. Por sua vez, as concessionárias das rodovias avançam também, inaugurando uma nova tecnologia de pedágio “freeflow” que privilegia a velocidade de mercadorias em detrimento da lentidão da população, tomando espaço viário das vias locais e ampliando a via expressa.

Considerações finais

A mobilidade cotidiana é fundamental para compreender a formação de Guarulhos. A problemática dos deslocamentos se estende, ainda hoje convivemos com transportes precários, insuficientes e com alto preço da tarifa. Trânsito e congestionamentos fazem parte da vida do guarulhense. Esses problemas se aprofundam na contemporaneidade, com o território passando por mudanças constantes em seu uso. As economias de plataformas e empresas do setor da logística também se aproveitam da infraestrutura de circulação na cidade. Essa condição revela o modelo de urbanização corporativa em curso, privilegiando a concentração de capitais e a circulação de mercadorias em detrimento de pessoas, bem como as reverberações do crescimento de um modelo rodoviarista no Brasil que favoreceu o automóvel individual em prejuízo do transporte coletivo (Silva, 2016).

Embora medidas para resolver o problema do trânsito, congestionamento e precariedade nos transportes tenham sido tomadas, como a construção de novos empreendimentos como o Trevo de Bonsucesso e Trevo de Cumbica, ou com a implementação do bilhete único que possibilitou a integração entre linhas de ônibus, a cidade ainda sofre com essa mobilidade precária, cuja as raízes estão associadas ao processo de formação territorial. Sendo as políticas de mobilidade produzidas por agentes estatais e privados, como empresas de ônibus, empresas por aplicativos, concessionárias, prefeitura, governo federal e outros. Defendemos que as medidas para mitigar o impacto do rodoviarismo na cidade devam passar pelo fortalecimento do transporte público de qualidade, bem como a implementação de políticas de tarifa zero, crescentes no Brasil e no mundo, e políticas que favoreçam a mobilidade ativa, a pé e bicicleta.

O setor dos transportes coletivos públicos no Brasil passa por uma crise com o modelo de financiamento majoritariamente pelo

índice de passageiros, visto que desde de 2013 vem caindo o número de usuários do transporte público no Brasil, após a pandemia de COVID-19 esse número caiu ainda mais (Santini, Santarém, 2025). Em várias esferas no Brasil, municipal, estadual e federal, vem se discutindo a problemática. Guarulhos, como uma das maiores cidades da RMSP, tem a possibilidade de enfrentar o desafio e discutir formas de financiamento do transporte público que supere essa estrutura que tem como base o índice de passageiros, fazendo com que o preço da passagem seja mais acessível ou gratuito, garantindo o direito à mobilidade.

Novos objetos geográficos continuam a transformar a paisagem, como o trecho norte do Rodoanel Mário Covas e as obras do Metrô e da expansão do trem da CPTM, que chega ao território somente em 2018, após mais de 50 anos da cidade sem transporte sob trilhos. Essas intervenções também resultaram em desapropriações acompanhadas por um processo de especulação imobiliária em curso.

Dito isso, a mobilidade e o transporte devem ser analisadas como um fenômeno social e tratadas como um direito social e territorial na cidade. O resgate da história dos transportes e das infraestruturas torna-se essencial para o fortalecimento de debates e práticas que priorizem as pessoas em uma cidade marcada pelo rodoviarismo e pela mobilidade precária.

Referências:

Barbosa, A., & Mattos, F. (direção). Pimentas nos olhos. [arquivo de vídeo]. Guarulhos, SP: Visurb, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-TBQFKvvhuk>> Acesso em: 27 ago. 2025.

CANOLLETO, Ivan; GUERRA, Thiago. Guarulhos: olhares sobre trabalho e cotidiano. 1 ed. Guarulhos. 2022.

GAMA, Nilton César de Oliveira. O processo de conformação da periferia urbana no município de Guarulhos: os loteamentos periféricos como (re)produção de novas espacialidades e lugar de reprodução da força de trabalho. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

HUERTAS, Daniel Monteiro. Quando governar é abrir estradas: o processo de construção histórica do rodoviarismo em São Paulo. História (São Paulo), São Paulo, v. 41, p. 1-28, 2022.

JORNAL CIDADE DE SANTOS. Em protesto, moradores sequestram quatro ônibus. Santos, Novembro 1984.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=896179&pasta=ano%20198&pesq=sequestros%20%C3%B4nibus%20mikail%20Guarulhos&pagfs=97533> Acesso em: 27 ago. 2025.

MONTEIRO, Gabriel de Oliveira. Cidade atravessada: Industrialização e Modernização do território em Guarulhos a partir da Rodovia Presidente Dutra. Monografia (Licenciatura em Geografia) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia São Paulo

(IFSP). 2024.

NOVAES, Maria Cristina de Jesus. A segregação socioespacial em Guarulhos e a representação em mapas. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Departamento de Geografia/ Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

O REPÓRTER DE GUARULHOS. Cresce luta por ônibus. Guarulhos, maio 1980. Disponível em:

https://aapah.org.br/colec-es/o-reporter-de-guarulhos/?perpage=12&view_mode=table&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch_only=thumbnail&fetch_only_meta=2241%2C2431.

Acesso em: 27 ago. 2025.

O REPÓRTER DE GUARULHOS. Maria Dirce fecha a du-tra para acabar com mortes. Guarulhos, maio 1982. Disponível em:

https://aapah.org.br/colec-es/o-reporter-de-guarulhos/?perpage=12&view_mode=table&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch_only=thumbnail&fetch_only_meta=2241%2C2431.

Acesso em: 27 ago. 2025.

PIETÁ, Elói. Revirando a História de Guarulhos. São Paulo: Inca, 1992.

SANTINI, D.; SANTARÉM, P. D. Da realidade à disputa da Tarifa Zero. Diálogos Socioambientais: Tarifa Zero contra a crise urbana, v. 8, n. 23, p. 12–17, 17 nov. 2025.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Identidade Urbana e Globalização: A formação dos múltiplos territórios em Guarulhos SP. São Paulo: Anablume, Guarulhos Sinpro, 2006.

SANTOS, Milton. A totalidade do diabo. Como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais. In: Santos, M. Economia espacial. Críticas e alternativas. 2ed. São Paulo: Edusp, 2003. [1977. p. 31- 43].

_____. Metrópole Corporativa Fragmentada: o caso de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1990.

SANTOS, Milton.; SILVEIRA, Maria. Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Ricardo Barbosa da. Mobilidade Precária na Metrópole de São Paulo. São Paulo: Annablume Editora/Fapesp, 2016. 362p.

SMITH, Neil. Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço. Trad.: Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

VERSIANI, Flávio Rabelo. As longas raízes do protecionismo: 1930 e as relações entre indústria e governo. Revista Economia, Brasília, v. 13, n. 3b, p. 867-895, 2012.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio nobel, 1998.

XAVIER, Marcos. Os Sistemas de engenharia e a tecnização do território. O exemplo da rede rodoviária brasileira. In SANTOS, Milton.; SILVEIRA, Maria. Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001. 329-343.

CAPÍTULO VIII

QUEM FALA DE NÓS?

As condições históricas que possibilitam a existência de um cinema de quebrada em Guarulhos

Renato Queiroz Alves

Quebrada?

O termo periferia, conforme afirma o antropólogo Guilherme Aderaldo, não encerra um conceito fixo, mas representa uma “territorialidade flexível”, passível de ser deslocada da “margem” à medida que se caracteriza como uma experiência social urbana marcada pelo “acesso desigual aos direitos”, de forma que “não é redutível aos limites de materialidade dos lugares normalmente designados como periféricos, como as favelas, por exemplo, mas passa a adquirir uma característica relacional/processual” (ADERALDO, 2017, p. 154).

Ainda segundo Aderaldo, o termo periferia muitas vezes é usado em concepções “essencialistas” (SOUZA e GUEDES, org. 2021) que servem mais para um isolamento identitário do lugar em que se vive do que para entendê-lo como “uma forma de qualificar um tipo de relação que ele estabelece com a cidade e com os discursos hegemônicos sobre ela” (SOUZA e GUEDES, org. 2021).

Segundo Daniel Neves de Andrade, a periferia é estereotipada na concepção de que é

“outra cidade, outro mundo, separado, isolado, é comum ela ser vista como uma ordem social homogênea, única, que dita tanto a forma de vida como as manifestações culturais. Assim, vamos ver de um lado o discurso vindo sobretudo das ONGs, a periferia como local de precariedade e escassez. Desse modo, os ‘jovens da periferia’ são vistos como pessoas carentes que precisam ser ajudadas” (ANDRADE, 2021, p. 172).

O autor, por sua vez, defende um deslocamento do conceito, passando a utilizá-lo como sinônimo de um local habitado por pessoas portadoras de subjetividade e potência, que “publicizam discursos, demandas e práticas coletivas que estão relacionadas às esferas de produção, circulação e consumo cultural” (NASCIMENTO, 2011, p.12). Assim, o rap nacional, a literatura marginal e, o que é nosso foco, o cinema periférico podem ser entendidos como formas artísticas e discursos que surgem, a partir do período de redemocratização, como formas de resistência espontânea à implementação do neoliberalismo e às consequências da reestruturação produtiva do Capital que reconfiguraram, entre outras coisas, a urbanidade nas metrópoles e capitais do Brasil.

Diego Edmilson Peralta afirma que os bairros da metrópole possuem “classificações socioespaciais múltiplas, que por vezes se confundem, se sobrepõem e dão indícios de como socialmente essas divisões são significadas” (PERALTA, 2024, p. 16) e ainda que “nos aproximamos das conclusões de Aderaldo (2018, p. 76), que afirma que a experiência “periférica” está mais relacionada a desigualdade de acesso a direitos do que a uma posição fixa no espaço” (PERALTA, 2024, p. 69).

Peralta destaca a “assimetria de acesso” como determinante para a “estratificação nas cidades” (PERALTA, 2024, p. 40), de

modo a não estabelecer quaisquer tipos de hierarquias entre aqueles mais periféricos e aqueles menos e evitar “explicações totalizantes do fenômeno abordado” (PERALTA, 2024, p. 65). O autor entende que as pessoas periféricas se colocam em diferentes campos relacionais (transporte, cultura, educação, trabalho, entre outros) que podem produzir diferentes tipos de conflito ou confluência de tipo simbólico, ético ou político, de modo que o posicionamento político dessas pessoas em cada situação específica pode variar de acordo com distintas percepções e consciências. Diferentes posições podem se manifestar em cada pessoa, sejam elas conservadoras ou religiosas, progressistas ou até mesmo revolucionárias.

Esse sentimento se expressa em meio a uma nova configuração social, em que o PCC toma relevante controle territorial nas periferias, o lulismo surge como uma potência que aponta no sentido de conquista de novos direitos (principalmente voltados ao consumo) e se formam coletivos artísticos e políticos em meio ao espaço urbano. Trata-se de entender a relação que se estabelece entre as pessoas das chamadas periferias e os espaços que elas ocupam, das circunstâncias contextuais em que se formam as normas e idiossincrasias de seu viver e pela sua ação no tempo e no espaço. Elas criam seus territórios e, ao mesmo tempo, se inventa permanentemente enquanto ser. Nesse sentido, Roy Wagner afirma que nós “Criamos o eu a partir do mundo da ação e o mundo da ação a partir do eu” (WAGNER, 2012 p. 133).

Dito isto, é importante, ainda, colocar a questão de que este estudo é desenvolvido por um pesquisador que também está situado historicamente e geograficamente em parte do fenômeno destacado, oscilando dialeticamente, portanto, entre as posições de tema e de pesquisador, de modo que é necessário se reinventar em todos esses sentidos.

Conhecer de que maneira foram inventados os espaços onde

estou, isto é, sua formação histórica, é importante para compreender melhor aquilo que Rancière chama de “comum partilhado e partes exclusivas” (RANCIÈRE, 2005, p.15). Entende-se esse conceito como “partilha de tempos, espaços e tipos de atividade (Ibidem)”, que determina as formas como se pode apreender e agir e como participar positivamente da invenção de cada instância e do próprio comum. Saber onde me situo, então, parece ser a melhor forma de saber também o que quero e quais são as ações que possibilitam o advento disso que é almejado no campo da partilha.

Território



Favela da Vila São Rafael em 1976. Arquivo Histórico Municipal de Guarulhos Araci Borges Dias Martins

Hoje Guarulhos tem 170 favelas, em que vivem mais de 215.000 pessoas, totalizando em média 16% da população da cidade. Essas favelas, em geral, foram formadas nos anos 1970, período de industrialização da cidade e de intenso fluxo migratório de pessoas vindas do Nordeste. Segundo Peterson Paulino:

A cidade sem uma política habitacional que acompanhasse o aumento demográfico decorrente do processo migratório, fez com que muitas pessoas começaram a ocupar lotes clandestinos e áreas verdes públicas para a construção de suas moradias, muitas das vezes em locais insalubres e próximos dos seus postos de trabalho. É nesse contexto que surgem as primeiras favelas do município (PAULINO, 2025, site da AAPAH).

Nesse período dos anos 70, entre 1973 e 1974, o governo criou um programa de desfavelização da cidade, deslocando ou derrubando os barracos construídos pela população. No entanto, do final dos anos 70 ao início dos anos 80, o fenômeno só cresce e constitui a formação das periferias, bairros populares que se desenvolvem ao redor de espaços mais precarizados. Dessa maneira:

O jornal O Repórter de Guarulhos, que circulou nesse período, foi um dos periódicos que mais noticiou as lutas e estratégias utilizadas pelos moradores para permanecer nos territórios e lutar por melhorias e condições dignas de moradia. É também nos anos 80 a publicação da primeira obra a se dedicar a falar sobre as favelas de Guarulhos. O livro *Molduras de Miséria* de Roberto Sant’Anna é baseado na experiência e vivência de Roberto nas favelas da cidade enquanto advogado e procurador do município (PAULINO, 2025).

Nos anos 1990 e 2000, “Herdeiro do ciclo político de democratização, mas nascido no contexto de neoliberalização” (FALCHETTI, 2022, p. 170) surge o movimento social de trabalhadores sem teto, tendo como referência o MTST. Em Guarulhos, foi emblemática a luta da comunidade Anita Garibaldi¹, que através da ocupação de propriedades abandonadas, conquistou moradia com

1 A comunidade Anita Garibaldi, também conhecida como “Favela do Jagatá” ou “Jagatá”, fica localizada na Região do Ponte Alta[1], no Bonsucesso, em Guarulhos. É uma das maiores comunidades da região, ocupando cerca de 250 mil metros quadrados de extensão. Também foi uma das maiores ocupações do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), além de ter sido uma das primeiras ocupações organizadas pelo movimento, que luta pelo direito à moradia e à vida digna aos trabalhadores (PAULINO, 2024, Site da AAPAH).

melhores condições estruturais, como água encanada, rede elétrica, escolas próximas, Unidades Básicas de Saúde, etc.

Houve também, recentemente, a ocupação Maria da Penha², no bairro do São João, que, segundo o site do movimento, conquistou judicialmente “a assinatura do Secretário de Justiça, Airton Trevisan, que destinou uma área para a construção de um projeto habitacional Minha Casa, Minha Vida na Ocupação Maria da Penha” (Site do MTST). Esses são alguns exemplos de territórios periféricos inventados a partir de lutas sociais e históricas.

Em que território eu nasci? Cresci no Jardim Tranquilidade, parte de um bairro de Guarulhos chamado de Cidade Brasil, onde se encontram também a Vila São Rafael, a Vila Endres, o Itapegica e o Padre Bento. São diferentes invenções que se entrecruzam nesses tempos e espaços, formando e transformando o comum e suas partes.

A Vila São Rafael é uma das maiores favelas de Guarulhos, tem forte concentração de migrantes nordestinos, e seus moradores convivem diariamente com problemas estruturais relacionados à urbanização, como saneamento básico, asfalto e iluminação pública. Além disso, há questões como violência policial e tráfico de drogas, que marcam o cotidiano da população.

O Padre Bento é um bairro histórico na cidade, onde antes era um sanatório para pessoas com hanseníase. Havia, no sanatório, uma vila para os internos, que lá estavam de forma involuntária, com um teatro, campo de futebol, uma capela e casinhas simples. Hoje o bairro ainda mantém esse campo, chamado de Dr Lauro de S. Lima, que é na verdade um terreno de terra vermelha batida onde jogam os times da quebrada, o “Padre Bento Futebol Clube” e o “Só Nós”. Ainda há um conjunto de prédios do CDHU e o estádio do Flamengo de Guarulhos, o chamado Flaminguinho.

2 <https://mtst.org/mtst/retrospectiva-2024-mtst-brasil/>

Entre o Padre Bento e a Vila Endres está a comunidade da FURP, que tem esse nome porque fica às margens da fábrica de remédios da Fundação para o Remédio Popular. Depois vem a Vila Endres, em que fica o hospital Stella Maris, onde trabalhou minha avó materna, Dona Irene, e onde moravam meus avós paternos, Seu Nelson e Dona Nilda. Daí vem o Itapegica.

O bairro do Itapegica foi uma vila operária, em que migrantes nordestinos, italianos, e espanhóis trabalhavam em fábricas como a BORLEM, a Phillips, a Olivetti, a DINA, entre outras. Hoje o espaço é mais conhecido pela Universidade de Guarulhos, o Shopping Internacional e os prédios residenciais, transformação gentrificadora, fruto da reestruturação produtiva do Capital, ocorrida a partir da intensificação do neoliberalismo, como nota Ricardo Antunes³ (ANTUNES, 1998). Os pesquisadores Canoletto e Guerra consideram que Guarulhos é hoje uma cidade “voltada para a prestação de serviços, fato este bastante comum em cidades que já foram importantes polos industriais no passado” (CANOLETTO, GUERRA, 2022, p.112).

Assim como muitos adolescentes, comecei a trabalhar cedo. Nesse período ainda havia algumas fábricas na região. Primeiramente trabalhei com meu pai em uma locadora de filmes, como terceirizado no Grêmio Recreativo da fábrica da FURP, na Vila Endres. Depois trabalhei na fábrica da BORLEM no Itapegica por dois anos, como aprendiz de eletricista de manutenção, quando fiz o curso do SENAI. No trabalho conheci figuras que transbordavam sabedoria, como os amigos Bafo e Guina, que, com enorme generosidade, ensinavam muitos macetes da vida e alguns do ofício de eletricista também.

3 ANTUNES, Ricardo, A nova morfologia do trabalho no Brasil - Reestruturação e Precariedade, em <https://nuso.org/articulo/a-nova-morfologia-do-trabalho-no-brasil-reestruturacao-e-precariade/>, 1998.

São belas as histórias de pessoas anônimas que, cada uma, em sua casa inventou seu próprio “museu” pessoal (RANCIÈRE, 2005, p. 36), que conta as histórias que cada um viveu e a forma como cada um colaborou com a invenção coletiva de seus recortes do tempo e do espaço. É nesse anonimato, “do qual, às vezes emerge o nome de um poeta operário ou do dirigente de uma greve, do organizador de uma efêmera associação ou do redator de um jornal que logo desaparece” (RANCIÈRE, 1981, p. 10), que mergulhamos para encontrar a relação entre as pessoas da chamada periferia e “um discurso coletivo que dê sentido à multiplicidade de seus grupamentos e de suas lutas (...)” (RANCIÈRE, 1981, p. 11). O encontro com gestos, risadas, festas e rostos talvez seja a melhor maneira de esboçar a definição do que é uma imagem que expresse a coletividade.

Me lembro de algumas anônimas personalidades do bairro. Entre eles estão Mário louco, usuário de crack e cocaína, e um electricista genial, que, mesmo sem estudo era capaz de resolver problemas de física melhor do que muitos engenheiros; Xuxu, dono do bar que boa parte desses personagens frequentava, entre eles a Ruiva, que fazia caipirinhas inigualáveis. Lembro-me dos pedreiros Índio e Forró; do bicheiro Zé Bolão; do filósofo Amaro e de algumas das moradoras mais antigas desse bairro, Dona Irene, minha avó; Dona Odete e Dona Zilda.

Frequentar os bares do Tranquilidade, do Padre Bento, da São Rafael, apresentou-me artistas populares anônimos que me chamavam a atenção. Entre eles estão, Zé Alves, sambista, que sempre tocava Noel Rosa, mas também tinha composições próprias; Nascimento, músico, que sabia tocar todos os estilos, de Leonardo Gaúcho a Nelson Cavaquinho, de Tônico e Tinoco a Legião Urbana; Carlão, um estudioso da música brasileira, que construía um projeto chamado Samba do Sino, que - como ele mesmo dizia - cantava a história do samba, e Dulce, cantora que fazia parte do projeto Samba do Sino e que encantava qualquer um que a ouvisse; Xan-

dão, baterista e roqueiro, integrante da banda Dois de Paus, mas que sempre estava com seu pai cantando os clássicos do sertanejo antigo; Bigode, cobrador de ônibus, que, após o expediente, ia com o violão ao bar do saudoso Mário para cantar Johnny Rivers; e o Pedro, que era morador de rua, alcoólatra, e um músico fora de série. Essas pessoas, além de muitas outras, me ensinaram a reconhecer as potências que existem em meio ao anonimato.

Claro que a vivência em um bairro periférico trouxe à minha experiência algumas situações de violência também. Perdi alguns amigos, como Bruno e Henrique, assassinados pelo tráfico; Tininho, assassinado pela polícia; seu irmão Pedrinho, que foi preso; e Jé, que foi preso e assassinado um pouco depois de sair da prisão. Histórias como essas marcam a vida de qualquer pessoa que cresce em um bairro periférico. No entanto, é importante notar que os espaços periféricos são muitas vezes retratados pela mídia hegemônica como espaços essencialmente violentos.

A atividade de caminhar nas ruas da Cidade Brasil e perceber suas particularidades formou meu olhar como cineasta. Me lembro das imagens de quando era criança a brincar entre os predinhos do Conjunto Habitacional do Padre Bento, ou quando ia ao campo do Flamenguinho para ver a Copa São Paulo de Futebol Júnior ou ao campo de terra para jogar futebol com meu pai, meus irmãos e primos, ou para ver os times da várzea; me lembro de quando ia ao teatro para ver as peças da Escola Viva, ou quando trabalhei, primeiro como inspetor de alunos e depois como professor, nas escolas do bairro, João Álvares, Érico Veríssimo, Fanucchi e Rotary; me lembro, quando adolescente, de andar de skate na praça Nossa Senhora de Fátima, ou de quando a banda de garagem, formada por mim e amigos do bairro, ia tocar rock na borracharia do Catú, pai do finado Jé.

Sentir, viver e agir em tudo isso, perceber todas essas ima-

gens, cria uma montagem cinematográfica na cabeça de um jovem periférico. Seu olhar destitui “todo imperialismo óptico em proveito da livre comunicação dos movimentos” (RANCIÈRE, 2016, p. 46). Invertendo a ordem da célebre frase de Glauber Rocha, o sujeito periférico tem “uma câmera na cabeça e uma ideia nas mãos”, como diz Daniel Fagundes no Manifesto da Imagem Quebrada. Curiosamente, essa era uma frase também usada pela Bueiro Aberto antes mesmo desta ter acesso ao manifesto, “o que nos mostra as semelhanças no pensamento entre vários Coletivos de cinema da periferia”. (ANDRADE, p. 162, 2021). São essas imagens percebidas pela nossa câmera - cabeça, que chamamos aqui de Imagens Periféricas.

Cinema de Quebrada

Não é segredo que os territórios periféricos convivem cotidianamente com problemas estruturais provenientes de uma formação histórica colonial, de um modo de produção capitalista desenvolvido na periferia global, de uma urbanidade precária e violenta. Mas, concomitantemente às agruras, há também as práticas artísticas que acontecem de maneira coletiva e comunitária. Conforme os versos dos Racionais MCs “Levanta a cabeça, truta, onde estiver seja lá como for, Tenha fé porque até no lixão nasce flor” (PEREIRA, Pedro Paulo Soares, 2002).

A crescente produção cinematográfica ou videográfica nos espaços periféricos das metrópoles urbanas é parte de um processo de ampliação do acesso das classes populares a produtos como câmeras digitais, microfones e ilhas de edição e a possibilidade de acessar e divulgar mídias na internet. As políticas públicas criadas durante os governos petistas voltadas para o fomento de iniciativas culturais nos territórios periféricos viabilizam o trabalho de artistas regionais. Conforme afirma Luiz Fernando Santoro, “A crescente democratização do País e as recentes mudanças nos critérios de

financiamento de projetos culturais, incluindo a multiplicação dos Pontos e Pontões de Cultura do MinC e a valorização dos meios de comunicação locais e regionais pelo governo do presidente Lula, trazem novas esperanças” (VICENTE, p. 50, 2014).

Acontece algo parecido com o que já acontecia há décadas com os times de futebol de várzea e com as rodas de samba de partido alto, a organização de coletivos culturais que passam a promover atividades que reforçam uma identidade periférica, como é o “Cine campinho”, “Filmagens periféricas”, “Sarau da Cooperifa”, os Slams e batalhas de rima que acontecem em cada esquina de cada bairro.

A produção audiovisual realizada em territórios periféricos, que aqui chamamos de imagens periféricas, é unificada conceitualmente, por pesquisadores como Rose Satiko Hikiji, no termo cinema. No entanto, é importante que se entenda que o uso do conceito de cinema não é algo unânime, tampouco pode-se atribuir a ele uma definição única. Na verdade, esse é um tema de importantes debates teóricos. Estudar as suas diferenças é relevante no sentido de demonstrar o complexo metabolismo de relações possíveis para um aprofundamento da apreensão conceitual do que seria o Cinema de Quebrada.

O realizador Daniel Fagundes, membro do coletivo NCA (Núcleo de Comunicação Alternativa), problematiza a utilização do termo Cinema de Quebrada, caracterizando-o como uma “caixinha acadêmica” (FAGUNDES, 2017, p. 14). Este debate expõe o desconforto dos artistas do dito Cinema de quebrada com o próprio termo cinema. Segundo Daniel Fagundes: “Quando a gente começou, falávamos que fazíamos vídeo, não cinema, para marcar uma posição política de se ligar a essa história da produção popular da ABVP (Associação Brasileira de Vídeo Popular) na década de 80” (Ibidem, 2017, p. 14). Essa posição é reforçada em outros termos

pelo cineasta Lincoln Péricles, membro do coletivo Astúcia Filmes: “eu faço a distinção entre fazer filmes e fazer cinema. Cinema tem distribuição, crítica. A gente faz filme, e olhe lá, a gente faz vídeo” (PÉRICLES, 2017, p.12).

Esse posicionamento de recusa em relação ao termo cinema marca a consciência que os artistas do cinema de quebrada têm das condições sociais, históricas e econômicas de produção e circulação de seus filmes. Se essas condições excluem esses grupos de um processo institucional e de mercado, por outro lado, elas também criam novos sentidos para que se produzam os filmes.

Assim, em meio a um contexto complexo, grupos periféricos em suas condições particulares criam aquilo que buscamos chamar neste estudo de Imagens Periféricas. Imagens que misturam elementos de autorrepresentação, cuidadosamente produzidas sob regência de interesses próprios e com a intenção ética de reivindicar respeito à maneira como a quebrada se vê e quer ser vista, “desconstruindo o imaginário de violência e precariedade que mantém tudo como está” (ANDRADE, 2021, p. 173), com cosmopolitismo e conexão com diferentes periferias no mundo.

São imagens periféricas porque são imagens produzidas a partir de um devir minoritário. São imagens de trabalhadoras e trabalhadores, imagens indígenas, de mulheres, de pretas e pretos, de idosos, de crianças, de um povo miscigenado, latino-americano, migrante. São imagens de ruas, de vielas, de sarjetas, de aldeias, de cortiços, de sobrados inacabados em ruas de terra, de barracos de madeira. São imagens que convivem com a ausência, mas a partir dessa condição criam a potência de autotransformação e de intervenção em seu meio.

Guarulhos: Da Oficina de 2014 à ACING

Em Guarulhos, no ano de 2014, como parte dessas políticas públicas, a prefeitura ofereceu um curso gratuito de formação em cinema. Esse curso foi o espaço em que se encontraram jovens periféricos interessados em se expressar através da produção de sons e imagens em movimento. Dele resultaram cinco filmes, todos dirigidos, produzidos, editados, filmados e captados coletivamente por estudantes do curso.

A partir daí, futuros cineastas guarulhenses começaram a se articular e criaram coletivos que formaram o pulsante cenário da cinematografia independente da cidade, como Companhia Bueiro Aberto, Kinoférico, Polissemia e Cineclube Incinerante. Esses coletivos passam a produzir intensamente seus filmes, o que culmina em 2015 na I Mostra Guarulhense de Cinema.

O cinema de quebrada em Guarulhos tem a característica de se estender a diferentes campos de atuação. No que se refere à produção, Kinoférico, Polissemia e Companhia Bueiro Aberto são os coletivos que mais se destacam; quando tratamos de exibição e pesquisa, o trabalho do cineclube Incinerante é muito importante, sendo responsável pela catalogação de filmes e cineastas da cidade, exhibir mensalmente filmes guarulhenses em diferentes espaços culturais da cidade, e organizar anualmente a Mostra Guarulhense de Cinema, que chega ao seu décimo ano de existência.

Há ainda trabalhos de crítica cinematográfica realizados pela Companhia Bueiro Aberto, em sua publicação Zine Gueto-Metragem, que analisou filmes e entrevistou cineastas da cidade, e pelo Cineclube Incinerante, que publicou duas edições da Revista Incinerante, em que há, também, entrevistas e análises de filmes Guarulhenses.

A Revista Incinerante também é responsável pelo importante re-

conhecimento de cineastas que vinham produzindo antes da primavera cinematográfica de Guarulhos, como é o caso de Rubens Mello, notório cineasta guarulhense, que tem obras produzidas na cidade, premiadas pelo Brasil e pelo exterior e é conhecido pelo fato de ser considerado o sucessor de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, título atribuído ao cineasta pelo próprio Mojica.

O trabalho de produção, exibição, crítica e pesquisa do cinema Guarulhense teve seu início a partir dos encontros proporcionados por uma oficina de cinema. Entendendo a importância de espaços como esse, os coletivos Companhia Bueiro Aberto e Kinoférico deram início à organização de suas próprias oficinas, respectivamente a oficina Filme de Bairro e Oficinas “A Periferia conta suas Histórias” e “Cinema Guarulhense”, que geraram filmes importantes e premiados, como é o caso de “Pretas Mulheres” (2022) e “MotoCorre!” (2024), ambos da oficina Filme de Bairro, e “Dias de Glória” (2020) e “Contando Aviões” (2021), estes das oficinas do Kinoférico. Todos esses filmes se destacaram em festivais e foram premiados, mas talvez o grande trunfo tenha sido o surgimento de novos coletivos, como “Lentes Clandestinas” e “Embrião Filmes”, ampliando a cena cinematográfica guarulhense.

A existência deste complexo cenário de produção cultural, ao mesmo tempo auto representativa e cosmopolita, ao mesmo tempo fruto de políticas públicas governamentais e críticas de um projeto limitado ao mercado, ao mesmo tempo discurso político e organização estética, leva os coletivos a começarem a debater com maior rigor e complexidade o fenômeno de que fazem parte.

É nesse sentido que surgem pesquisas acadêmicas como a que minha própria, em que, em minha dissertação de mestrado, debato a estética do cinema de quebrada, a partir de filmes da Companhia Bueiro Aberto e com base na ideia de partilha do sensível; e a dissertação de Daniel Neves de Andrade, que aproxima a produção da Companhia Bueiro Aberto com a do Cinema Novo.

Por fim, não se pode ignorar que a existência de diversos coletivos de cinema em Guarulhos, produzindo de forma tão contundente, só é possível devido ao fato de que estes grupos convivem a partir da colaboração mútua, criando espaços de colaboração, co-criação e atuação política organizada. Esta articulação se inicia no ano de 2017 com a iniciativa chamada de Fórum de Audiovisual de Guarulhos (FAGRU), em que se identificaram diversas necessidades, objetivos e avaliações em comum.

Foi a partir dos debates iniciados no FAGRU, que os artistas do audiovisual e do Cinema Guarulhense se articularam no Conselho Municipal de Cultura e nas Conferências Municipais de Cultura para conquistar um Plano Municipal de Cultura (PMC) avançado e condizente com seus interesses e valores.

Mas, ao deparar-se com alguns fatores, tais como o desrespeito das gestões municipais ao PMC; a possibilidade de se criar uma film comissão na cidade, que prejudicaria os artistas; e o risco dos editais de cultura provenientes do governo federal serem destinados a fins artificiais, que não o financiamento de projetos criados e desenvolvidos por coletivos periféricos; a iniciativa do FAGRU avança para a criação, em 2020, da Associação de Cinematografia Independente de Guarulhos, a ACING, que está em sua segunda gestão e articula diversos coletivos e artistas individuais.

A associação se destacou pela participação combativa das plenárias para a implementação da última Lei Paulo Gustavo em Guarulhos, defendendo o movimento cultural periférico de Guarulhos. Este edital foi importante para viabilizar filmes, oficinas, pontos de cultura, livros, revistas, peças de teatro e outras produções culturais essenciais para a cidade.

Considerações Finais

O cinema de quebrada é parte do processo de ressemantização do que se entende por periferia, considerando a urbanização das metrópoles brasileiras em um país que emerge da redemocratização e do neoliberalismo. Assim, as periferias, normalmente vistas apenas como territórios urbanos afastados do centro, são aqui pensadas para além de uma delimitação geográfica, englobando também regiões centrais, espaços rurais e comunidades originárias. Elas funcionam como um território relacional para aqueles que, historicamente, não detêm os meios de produção do cinema.

As pessoas periféricas que lideram esse processo são parte da classe trabalhadora que agora estão produzindo seus próprios filmes. Entendemos a classe não apenas como o tradicional trabalhador industrial, isto é, não a entendemos de forma monolítica. A classe trabalhadora é uma multiplicidade de diferentes trabalhadores que ocupam as mais variadas funções, em diversos regimes de trabalho, em uma sociedade que sofreu uma violenta perda de direitos sociais e trabalhistas, especialmente após 2016.

As imagens em movimento produzidas por esses setores são também autorrepresentações de suas relações sociais e subjetivas. Elas apresentam perspectivas estéticas e políticas específicas, que partilham recortes de experiências sensíveis não consensuais, contestam papéis e hierarquias, e mostram relações diferentes das pessoas com outras pessoas, tempos e espaços.

Novos filmes produzidos por sujeitos periféricos mobilizam diferentes periferias em sentidos cada vez mais amplos. Há filmes periféricos sendo produzidos em parceria com produtores independentes em diferentes partes do mundo. Sejam imigrantes em países centrais, sejam países da América Latina ou países africanos. Sendo assim, para além de autorrepresentações, o cinema periférico é ca-

paz de estabelecer contatos e agências cada vez mais complexas. São imagens cosmopolitas e multifacetadas que ampliam o olhar periférico para além de fronteiras estabelecidas nos bairros, nas cidades e até mesmo no Brasil. Há periferias em todo o mundo, especialmente no Sul Global.

Dessa maneira, essa produção de imagens periféricas, que consideramos aceitável, embora não consensual, denominar como Cinema de Quebrada, faz parte de um conjunto de práticas artísticas que compõem um “patoá periférico”, uma linguagem que se estende para múltiplos espaços e tempos. Isso porque, de alguma forma, elas possuem as três características da literatura menor apontadas por Deleuze e Guattari.

Primeiramente, podem ser, em nossa concepção, considerados uma desterritorialização da língua no sentido de que fazem emergir, à sensibilidade, formas de falar, agir e se mover. Em suma, conforme o entendimento de Rancière, partilham recortes de tempos e espaços que diferem da “língua maior”.

Tomemos os versos dos Racionais MCs como exemplo: “No meio de vocês ele é o mais esperto. Ginga e fala gíria. Gíria, não. Dialeto!” (Nego Drama, Racionais, 2002). A frase que encerra esse trecho da música é interessante por dois motivos:

Um deles é pelo uso da palavra “Ginga” para descrever o comportamento, a postura corporal do personagem. Assim, a música compartilha uma palavra de origem africana, reterritorializando-a. O outro é devido à mudança de perspectiva em relação àquilo que se convencionou chamar de gíria, ou seja, as diferenças de palavras usadas para a denominação geral das coisas em cada território. O verso diz: “gíria, não. Dialeto!”, reterritorializando as expressões populares, em suas diferenças, como particularidades de um “comum” que, entre outras coisas, se expressa nas condições de vida periféricas e suas idiossincrasias e conflitos.

Em segundo lugar, são práticas que, em suas imagens e em seu próprio procedimento, ramificam o individual no imediato-político. Isso envolve a noção desenvolvida por Érica Peçanha do Nascimento de que a arte periférica edifica “uma atuação político-cultural e está relacionada às experiências e elaborações compartilhadas sobre marginalidade e periferia, assim como a um vínculo estabelecido entre produção artística e realidade social” (NASCIMENTO, 2011, p. 9). É justamente na sua efetividade em realizar esse agenciamento que reside um dos aspectos mais relevantes de uma obra de arte.

Finalmente, operam como agenciamentos coletivos de enunciação. O território da arte periférica carrega em si um componente estético-político e um movimento de constante desterritorialização e reterritorialização. A arte periférica negocia, agencia-se a multiplicidades, desterritorializa-se, reinventa-se a todo instante. O patoá periférico é um mosaico móvel em constante transformação que tem em suas partes a multiplicidade de produções artísticas que o compõem.

Referências Bibliográficas

ADERALDO, G. A. Reinventando a Cidade: uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais vídeo-ativistas nas periferias de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2017.

ANDRADE, D. N. Cinema Novo e Cinema de Quebrada: a experiência da Companhia Bueiro Aberto. 2021. Dissertação (Mestrado em História da Arte) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021.

ALVES, R. Q.; REIS, J. (org.). Boletim ACING. Ed. 1. Guarulhos: [s.n.], 2021.

ALVES, R. Q.; ANDRADE, D. N.; REIS, J. (org.). Zine Gueeto Metragem. Ed. 4, 5, 7 e 9. Guarulhos: [s.n.], 2017-2021.

ANTUNES, R. A nova morfologia do trabalho no Brasil: Reestruturação e Precariedade. 1998.

CANOLETTO, Ivan; GUERRA, Tiago. Guarulhos: olhares sobre trabalho e cotidiano. Guarulhos: AAPAH, 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Kafka: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FALCHETTI, C. ENTRE DOIS CICLOS POLÍTICOS... Revista Brasileira de Sociologia, [S. l.], v. 10, n. 25, [s.p.], maio/ago. 2022.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana. Tese (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PAULINO, P. Uma breve história das favelas de Guarulhos. Site da AAPAH, 2025. Disponível em: <https://aapah.org.br/uma-breve-historia-das-favelas-de-guarulhos/>. Acesso em: [8 de maio de 2025].

PERALTA, D. E. Até onde a gente vai?: Coletivos culturais, mobilidade urbana e produção de conhecimento em São Paulo. 2024. [S.l.: s.n.], 2024.

RANCIÈRE, J. A Partilha do Sensível. São Paulo: Editora 34, 2005.

WAGNER, R. A Invenção da Cultura. São Paulo: COSAC NAIFY, 2012.

VICENTE, W. (org.). Quebrada? Cinema, vídeo e lutas sociais. São Paulo: PRCEU/USP, 2014.

HIKIJ, R. S. G. Os filmes da quebrada e o filme da antropóloga - encontros. Revista Quebrada? Cinema, vídeo e lutas sociais, São Paulo, ed. 1, 2014.

Links

MAIS um fiasco para coleção: Virada Cultural cancelada em Guarulhos por falta de estrutura e compromisso da prefeitura de Guti. Esquerda Diário, 2017. Disponível em: <https://www.esquerda-diario.com.br/Mais-um-fiasco-para-colecao-Virada-Cultural-cancelada-em-Guarulhos-por-falta-de-estrutura-e>. Acesso em: 9 jan. 2026.

ARTISTAS contestam projeto de lei que quer cobrar taxas de eventos realizados em lugares públicos. Click Guarulhos, 2017. Disponível em: <https://www.clickguarulhos.com.br/2017/04/20/partistas-contestam-projeto-de-lei-que-quer-cobrar-taxas-de-eventos-realizados-em-lugares-publicos/>. Acesso em: 9 jan. 2026.

CINECLUBE Incinerante celebra 10 anos de curso de formação em cinema com exibição de curtas no Adamastor. Guarulhos Cultural, 2024. Disponível em: <https://guarulhoscultural.com.br/cineclube-incinerante-celebra-10-anos-de-curso-de-formacao-em-cinema-com-exibicao-de-curtas-no-adamastor/>. Acesso em: 9 jan. 2026.

Música

PEREIRA, Pedro Paulo Soares. Nego Drama. Intérpretes: Racionais MC's. In: RACIONAIS MC'S. Nada como um dia após o outro dia. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 1 CD. Faixa 12.

Filmes

Contando Aviões. Direção: Fábio Rodrigo, 2021.

Dias de Glória. Direção: Ingrid Novak, Fernanda Campos, 2020.

MotoCorre!. Direção: Davi Oliveira, Filipe Paradinha e Francis Borges Correia., 2024.

Pretas Mulheres. Direção: Flora Matheusa, 2022.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alvaro Moreira Lima

Graduado em História pela Universidade Federal de São Paulo em 2023, foi bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e pesquisador em nível de iniciação científica em um projeto sobre História Indígena na Bolívia Contemporânea financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Atualmente é professor de História na rede estadual de São Paulo e cursa o Mestrado em História na Unifesp com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e sob orientação do professor Dr.º José Carlos Vilardaga. Neste projeto, se dedica a investigar as dinâmicas de poder no interior da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Guarulhos no recorte temporal que vai de 1750 a 1800. Seus principais temas de interesse são catolicismo negro, São Paulo colonial e escravidão.

Email: pesquisaalvaro2025@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0356303299334693>

Breno Schmidtke Rodrigues

Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Geografia Física pelo programa de pós-Graduação em Geografia Física da Universidade de São Paulo (PPGF-USP). Atualmente é doutorando em Geografia Física também pelo PPGF-USP e bolsista CNPq. Docente de ensino médio e técnico no Centro Paula Souza (CPS). Possui experiências na área de geomorfologia, com ênfase em geomorfologia fluvial, geomorfologia antropogênica e geomorfologia aplicada ao planejamento e gestão territorial e ambiental. Desenvolve pesquisas sobre impacto humano em sistemas fluviais de meio tropical úmido, além de técnicas de análise de materiais sedimentares fluviais e marcadores antropogênicos em planícies fluviais.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7257179187708322>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9104-0766>

Email: labgeobreno@gmail.com

Gabriel Monteiro

Geógrafo guarulhense e morador do bairro dos Pimentas, é mestrando no Programa de Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Participa do grupo de pesquisa e extensão Redes Mobilidades e Periferias (RedeMoPes) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Desde a graduação, dedica-se aos estudos urbanos em Guarulhos, com foco na mobilidade cotidiana e nas desigualdades socioespaciais, atualmente desenvolve a pesquisa “(I)Mobilidades Desiguais em Guarulhos-SP: política rodoviarista e fragmentação do território”.

Email: nilbielmont@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8716343653821524>

Júlio Bueno Rosa

É graduado do curso de Licenciatura em História pela Escola EFLCH-UNIFESP, mestre e doutorando pelo PPGH da mesma instituição. É membro associado do Grupo de Trabalho e Pesquisa História das Direitas (ANPUH/CNPq), e do Laboratório de Estudos das Direitas e dos Autoritarismos (UFF). É membro associado do Grupo de Pesquisa e Estudos do Pensamento Autoritário (UNIMONTES/ CNPq) e do Grupo de Pesquisa História, Memória e Patrimônio do Trabalho (UNIFESP/CNPq), vinculado ao GT Mundos do Trabalho (ANPUH). Também é membro-fundador do Grupo de Estudos e Pesquisa NELCA - Neoliberalismos e Capitalismo (UNIFESP/CNPq). É integrante da AAPAH - Associação Amigos do Patrimônio e Arquivo Histórico e do Movimento de Inclusão Social Autistas Alvinegros. Foi bolsista FAPESP (processo n. 2022/08614-7) no projeto de mestrado intitulado “O camisa-verde que estiver fóra do seu sindicato não está cumprindo o seu dever: o jornal A Offensiva, os trabalhadores e o corporativismo integralista (1936-1937)”, sob a orientação da Profa. Dra. Edilene Toledo, e organizador do Congresso Internacional de História: Direitas ontem e hoje (2021/2022/2023/2024).

E-mail: bueno.julio@unifesp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7848067267915073>

Larissa Lucindo Fernandes

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Guarulhos (2018) e História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (2021), atua desde 2014 na área de Patrimônio Histórico através da elaboração colaborativa dos inventários dos bens tombados de Guarulhos (2014-2018), estágio no Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo (2019-2020) e atuação com Restauro de bens culturais móveis e imóveis (2024-2025). Membro associado da Associação Amigos do Patrimônio e Arquivo Histórico desde 2019. Co-organizadora da Revista dos bens tombados de Guarulhos (2017), tendo contribuído também com os projetos “Caminhadas virtuais em Guarulhos” (2021), “Inventário das obras de arte em logradouros públicos da cidade de Guarulhos” (2022-2023), Curso Patrimônio Cultural: Resistências, diversidades e conexões (2025) e Seminário AAPAH 2025: Guarulhos: Novos olhares sobre a história e memória da cidade.

Email: lucindo.larissa@unifesp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1826438726801316>

Laura Finesso Chalegre

Laura Finesso Chalegre é uma mulher negra de Oxum, natural do bairro dos Pimentas (Guarulhos - SP), e filha de Mãe Cláudia de Nanã, liderança espiritual do Templo de Umbanda e Caridade Xangô e Caboclo Pena Verde. Graduanda em História (Licenciatura) pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH - UNIFESP), pesquisa as religiões de matriz negro-africana e indígena em Guarulhos e suas relações com a migração nordestina para o município. Atualmente, trabalha também com questões de conservação e memória em acervos sociais e políticos.

E-mail: laurachalegre@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6451053515044115>

Moacir Ferreira Filho

Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) com programa intercalar (doutorado sanduíche) com a Universidade Católica Portuguesa (UCP - Lisboa) financiado pelo Programa PDSE/CAPES. Bacharel em filosofia pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAP-COM) e licenciado pela FAMOSP. Advogado graduado em Direito pelo Centro Universitário Suzano (UNISUZANO) e pós-graduado em Processo Civil pela FAVENI. Professor e coordenador de curso do Centro Universitário FAVENI - Unifaveni de Guarulhos, UNIABEU e professor da Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI. Sócio da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) e pesquisador do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (CITER) da Universidade Católica Portuguesa (UCP-Lisboa).

E-mail: moacirff@hotmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6412290605923788>

Peterson Mendes Paulino

Bacharel em Administração (FMU, 2020). Atualmente é estudante de História (Bacharelado) na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP). Estagiário no Núcleo de Preservação e Conservação de Acervos do Instituto Moreira Salles (IMS Paulista). Monitor Voluntário do Centro de Memória e Pesquisa Histórica Profa. Maria Rita de Almeida Toledo da Universidade Federal de São Paulo (CMPH/UNIFESP). Diretor-Geral (biênio 2024-2026), membro associado da Associação Amigos do Patrimônio e Arquivo Histórico (AAPAH). Pesquisador no projeto Favelas.br/Lab.Hum/UNIFESP, onde desenvolve pesquisa sobre a história das favelas e periferias de Guarulhos, além de contribuir com o projeto de estabelecimento do Arquivo Comunitário da Associação Cantareira. Foi membro do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Guarulhos representando os discentes de História da EFLCH/UNIFESP (2022 - 2025); membro titular da cadeira de Patrimônio Histórico do Conselho Municipal de Política Cultural de Guarulhos (CMPC). Tem experiência na área de História, com ênfase em Patrimônio Cultural, Arquivos, História Oral e História Urbana, atuando nos seguintes temas: Arquivos Comunitários; Conservação de Acervos Documentais; Patrimônio Cultural; História de Guarulhos; História das Favelas e História das Periferias

Email: petermendes5@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4102784199391600>

Renato Queiroz Alves

Renato Queiroz Alves é cineasta, escritor, arte-educador e pesquisador. Graduado em filmmaker (cinema) pela Univeritas (UNG) e mestrando em História da Arte e bolsista CAPES pela Universidade Federal de São Paulo. Autor da pesquisa “Imagens Periféricas: As diferenças que ligam o cinema de quebrada”, pelo programa de pós-graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo com orientação da professora Yanet Aguilera Viruez Franklin de Matos. Autor dos livros “Nômeno” (2012), “Rabiscos Surrados” (2014), “Dos Cortiços à Luz” (2021) e “Verso Extruso” (2023). Diretor do curta “Um dia de Várzea” (2019), selecionado para o Festival Internacional Cinefoot (2020); Mostra Guarulhense de Cinema (2020); Festival do Filme Esportivo (2021 em Lisboa); Festival de Suzano - SP de 2021, em que foi premiado como melhor direção; Festival Ser Educacional (2021 em Recife) em que foi premiado como melhor filme artístico; Mostra A quebrada Comunica (2024 em São Paulo), premiado como melhor filme; e Festival Internacional de São Mateus do Sul (Paraná 2025). Diretor do curta “O Navio do Universo” (2021), premiado como melhor edição no Festival de Suzano - SP, edição de 2022. Diretor do Longa metragem “Havana - Resenha, Futebol e Luta” (2022), selecionado para mais de uma dezena de festivais e mostras em três continentes, entre eles o Festival do Filme Esportivo de 2023 (Eslovênia) e o Festival de Artes de Cannes (2023), em que foi premiado como melhor documentário de longa - metragem. Arte-educador e idealizador das oficinas de cinema “Filme de Bairro” (2022, 2024 e 2025) e da oficina “Imagens Indígenas” (2023), realizada na aldeia multiétnica do Cabuçu em Guarulhos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5895020442334322>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-7320-8660>

Tiago Cavalcante Guerra

Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007) e especialização em Educação na Universidade de São Paulo (2012). É doutorando em História na Unifesp (2025). Organizador do livro “Cecap Guarulhos: Histórias, memórias e identidades” e co-autor do “Guia histórico cultural de logradouros: lugares e memórias de Guarulhos” e “Guarulhos Olhares sobre trabalho e cotidiano”. Atualmente é coordenador pedagógico da Prefeitura de São Paulo.

Email: tiagocguerra@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7038853744201309>

Vanessa Freitas Vicente

Graduada em História pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, com pesquisas em Educação Patrimonial e História de Guarulhos; Professora da rede particular de ensino, em Guarulhos, lecionando História. Participante como Pesquisadora do projeto “Inventários das Obras de Artes em espaço público da cidade de Guarulhos”, via Proac; Pesquisadora e oficina de Projeto de Residência “Resistências”, elaborado pela UNIFESP, SESC GUARULHOS e AAPAH; Atua também como Curadora e Merchand da artista plástica guarulhense Ana Frevi Artes Plásticas - @ana-frevi. Atualmente na segunda gestão como Diretora Financeira da AAPAH (Associação dos Amigos do Patrimônio e Arquivo Histórico) durante os biênios 2022-2024 / 2024-2026. Membro do Conselho Municipal de Políticas Culturais do Município de Guarulhos representando a associação AAPAH no biênio de 2020-2022. Membro do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Guarulhos representando os discentes de História da Universidade Federal de São Paulo - EFLCH/UNIFESP no biênio de 2022-2024

Email: vany_freitas@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0525781752989938>



GUARULHOS

CIDADE
BRASIL
VILA

CAMPO
GOPOUVA

PARQUE
ESTRELA



ISBN: 978-65-01-95718-0



9 786501 957180

Apoio Cultural:

Realização:



Funcultura
Fundação Municipal de Cultura de Guarulhos



MINISTÉRIO DA
CULTURA

